

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

FLÁVIA SOARES ROZA

**O ENSINO DE ARTE E AS SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM NAS
TURMAS DE 6º A 9ª ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
COLOCANDO O PCN NA PRÁTICA**

**SÃO MATEUS
2019**

FLÁVIA SOARES ROZA

O ENSINO DE ARTE E AS SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM NAS
TURMAS DE 6º A 9ª ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
COLOCANDO O PCN NA PRÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, para obtenção do título de Mestre em Ciência, Educação e Tecnologia.

Orientadora Profa. Dra Ivana Esteves Passos de Oliveira

SÃO MATEUS
2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

R893E

ROZA, Flávia Soares.

O ensino de arte e as situações de aprendizagem nas turmas de 6^ª a 9^ª ano do ensino fundamental: colocando o PCN na prática/ Flávia Soares Roza – São Mateus - ES, 2019.

144 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2019.

Orientação: Prof.^a Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira.

1. Ensino de arte. 2. Políticas públicas. 3. Formação de professores. I. Oliveira, Ivana Esteves Passos de II. Título.

CDD: 371.37

FLÁVIA SOARES ROZA DE FRANÇA

**O ENSINO DE ARTE E AS SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM
NAS TURMAS DE 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
COLOCANDO O PCN NA PRÁTICA**

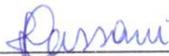
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 26 de outubro de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA



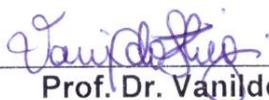
Profa. Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Prof. Dra. Juliana Martins Cassani
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Me. Luana Frigulha Guisso
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. Vaniado Stieg
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus filhos Lucas e Hugo, por serem a razão e o motivo de tudo que faço para sempre ser uma pessoa melhor, e a minha mãe Vilma por ter me mostrado o caminho a seguir e por compartilhar comigo as angústias em momentos incertos, e ainda, por todo o seu amor e carinho dedicados a mim e aos meus filhos.

Se você não sabe onde quer que seus alunos cheguem, você não pode ensinar.

Gombrich

RESUMO

SOARES ROZA, FLÁVIA. **O ensino de arte e as situações de aprendizagem nas turmas de 6º a 9º ano do ensino fundamental**: colocando o PCN na prática. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Vale do Cricaré, 2019.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a prática Pedagógica do ensino de Arte como uma tentativa de proporcionar à compreensão de como este componente curricular está inserido no espaço escolar, explorando as diversificadas formas de intervenções que vêm sendo desenvolvidas nessa disciplina. Nele discute-se o ensino de Arte em um panorama que vai da sua criação, pela Lei 5.692/71, até a promulgação da Lei 9.394/96 (LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação) com a proposta para o ensino de Arte conforme o PCN-Arte (Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte). Vinculado a ele está à linha de pesquisa nas “Políticas Públicas, Organização Escolar e Formação de Professores”, que vem analisar a situação atual do ensino de Arte nas escolas municipais de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de Presidente Kennedy. A Análise da coleta dos dados possibilitou refletir sobre o espaço ocupado pela disciplina no contexto escolar nas quais se deu a pesquisa. Adotamos uma abordagem qualitativa com triangulação de procedimentos, iniciando o trabalho com uma pesquisa documental e em seguida, realizamos a aplicação de um questionário semiaberto, com professores da rede municipal de ensino e uma entrevista semiestruturada com o Orientador Pedagógico das escolas participantes. Baseada na pesquisa observa-se a maneira como as professoras organizam suas carreiras com as condições oferecidas e como elas buscam estabelecer relações entre as questões levantadas e o ensino de Arte. Os resultados indicam que o ensino da referida disciplina, na escola ainda necessita de um trabalho mais efetivo e com maior valorização, o que envolve uma qualificação dos professores que trabalham na área em escolas de ensino fundamental. Essa pesquisa nos permite à reflexão de que se não houver a compreensão e o aprofundamento das concepções e políticas que apoiam o ensino de Arte, não haverá consistência nenhuma na prática pedagógica que propõe na atitude interdisciplinar frente à Arte e a Educação.

Palavras-chave: Ensino de arte. Políticas públicas. Formação de professores.

ABSTRACT

SOARES ROZA, FLÁVIA. **The Arts teaching and the learning situations in classes from 6^o to 9^o years of Elementary Schools: Inserting PCN practice.** 2019. 144 f. Dissertation (Master's degree) – University Vale do Cricaré, 2019.

The aim of this work is showing the Pedagogical Practice of Arts Teaching and how this subject makes part of scholar context. This work explores the interventions applied to Arts teaching and It relates the Arts teaching since its creation by Law 5.692/71 until its promulgation by Law 9.394/96 (Law of Directives and Base of Education) holding the proposal of Arts teaching according to PCN-Arts (National Curricular parameters of Arts) It also brings the research about Public Policy, Scholar Organization and Teaching Formation. It analyses the situation of Arts Teaching in Presidente Kennedy Elementary public schools from 6^o years to 9^o years following the policies and teachers acting of this city. The data collection analysis makes it possible to reflect on the space occupied by Arts subject in the school context where the research was conducted. It was adopted a qualitative approach, beginning the work with a documentary research and after, it was applied a questionnaire where teachers from municipal schools participated and an interview with the pedagogical advisor/coordinator of the schools. Based on the reasearch, it's obeserved how teachers organize their carreer according to the conditions offered and how they apply Arts with nowadays facts. The results indicate Arts Teaching at school needs a better attention and appreciation, becoming qualified the teachers who work at Elementary School. This research allows us to reflect that if there isn't understanding deepening of the conceptions and policies that support the teaching of art there will be proposes in the interdisciplinary attitude towards Art and Education.

Keywords: Arts Teaching, Public policies, Teacher Training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espirais da pesquisa-ação	62
Figura 2 – Projeto Brasileirise	64
Figura 3 – Palácio Anchieta.....	66
Figura 4 – Confecção Blog.....	68
Figura 5 – Galeria Minecraft.....	70
Figura 6 – Projeto Propaganda	72

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBC	Conteúdo Básico Comum
DCN-Arte Visual	Diretrizes Curriculares Nacional de Arte Visual
DBBAE	Disciplined Base Art Education
HTPC	Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PCN - Arte	Parâmetro Curricular Nacional de Arte
PNC	Plano Nacional de Educação
SEDU	Secretaria de Estado da Educação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Projeto Brasilerise.....	63
Quadro 2- Visita à exposição de Arte.....	64
Quadro 3- Releitura Musical e análise crítica musical.....	66
Quadro 4- Criação de Blog.....	67
Quadro 5- Jogos para trabalhar o Impressionismo.....	69
Quadro 6- Projeto Propaganda.....	71
Quadro 7- Projeto Di Cavalcanti – Meu lugar, meu olhar.....	73
Quadro 8- Quantidade de professores pesquisados por escola.....	81
Quadro 9- Número de professores que tiveram a disciplina Metodologia do Ensino de Arte durante os cursos de Habilitação para o Magistério e Pedagogia.....	83
Quadro 10- Curso de Formação Continuada sobre Metodologia do ensino da Arte.....	84
Quadro 11- Assuntos tratados nos cursos de formação continuada sobre o ensino de Arte.....	85
Quadro 12- Averiguação se no período de 2017 a 2018 o ensino de Arte foi discutido em alguma HTPC	89
Quadro 13- Processo de seleção dos conteúdos de Arte,	91
Quadro 14- Quantitativo de docentes que apresentam ou não dificuldade para trabalhar com Arte na escola.....	94
Quadro 15- Dificuldades que os professores encontram para o ensino de Arte na escola.....	94
Quadro 16- Quantidade de alunos que participaram da pesquisa.....	102

Quadro 17- Quantidade de respondentes do 7º Ano nas três opções apresentadas.....	103
Quadro 18- Total de respondentes com as respectivas porcentagens....	104
Quadro 19- Conteúdo que mais gostou – Turma do 7º Ano.....	106
Quadro 20- Contribuições da Disciplina para a vida- Turma do 7º Ano ..	107
Quadro 21- Questionário para turma do 9º Ano.....	108
Quadro 22- Turma do 9º Ano. Razões pela qual você gosta da Disciplina?.....	109
Quadro 23- Turma do 9º Ano. Conteúdo que mais gostou.....	110
Quadro 24- Turma do 9º Ano. Contribuições da Disciplina para sua vida.....	111

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Quantitativo de professores.....	82
Gráfico 2 - Professores que tiveram a disciplina metodológica do ensino de Arte.....	83
Gráfico 3 - Formação continuada do Ensino da Arte.....	85
Gráfico 4 - Assuntos tratados nos cursos.....	86
Gráfico 5 - A Arte foi discutida no HTPC.....	90
Gráfico 6 - A Arte foi discutida no HTPC.....	91
Gráfico 7 - Quantidade de Alunos do 7º, 8º e 9º Anos da Escola Bery Barreto de Araújo.....	103
Gráfico 8 - Representação do quantitativo de respondentes.....	104
Gráfico 9 - Razões porque gostam da disciplina – 7º Ano.....	105
Gráfico 10- Conteúdos que mais gostou.....	106
Gráfico 11- Contribuições da Disciplina.....	107
Gráfico 12- Contribuições da Disciplina para sua vida.....	108
Gráfico 13 - Turma do 9º Ano e as justificativas pelo gosto da disciplina.....	109
Gráfico 14 - Turma do 9º Ano e as justificativas pelo gosto da disciplina.....	110
Gráfico 15 - Turma do 9º Ano e as justificativas pelo gosto da disciplina.....	111

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	JUSTIFICATIVA.....	17
1.2	PROBLEMA DA PESQUISA.....	18
1.3	OBJETIVOS.....	19
1.3.1	Objetivo Geral.....	19
1.3.2	Objetivo Específico.....	19
2	DISCUSSÕES TEÓRICAS.....	20
2.1	A DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E O ENSINO DE ARTE	25
2.2	O ENSINO DA ARTE E AS CONCEPÇÕES POLÍTICAS.....	34
2.2.1	Concepção de Arte.....	35
2.2.2	Concepção de Educação Artística.....	36
2.2.3	Arte-Educação.....	37
2.3	PROFESSORES DE ARTE- APRENDIZAGEM E ENSINO.....	39
2.4	FORMAÇÃO CONTINUADA.....	42
2.5	AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS E O ENSINO DA ARTE - AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL	43
2.5.1	Os PCN.....	47
2.5.2	O Conteúdo Básico Comum – CBC.....	51
2.5.3	Base Nacional Comum Curricular.....	52
2.6	ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS DO ENSINO DE ARTE - A ABORDAGEM TRIANGULAR SEGUNDO ANA MAE BARBOSA.....	54

2.7	REVISÃO DE LITERATURA.....	57
3	METODOLOGIA.....	60
3.1	PESQUISA-AÇÃO.....	62
3.2	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	73
3.3	O LOCAL DA PESQUISA.....	74
3.4	SUJEITOS DA PESQUISA.....	75
3.5	TÉCNICAS DE ABORDAGEM DA PESQUISA.....	76
4	ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	81
4.1	PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	81
4.2	A EDUCAÇÃO MUNICIPAL EM RELAÇÃO AO ENSINO DE ARTE.....	83
4.3	O CONTEXTO DA ESCOLA – A REPERCUSSÃO DA DISCIPLINA DE ARTE EM RELAÇÃO AOS ALUNOS.....	98
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
	REFERÊNCIAS.....	121
	APÊNDICES.....	129

1 INTRODUÇÃO

Como professora de Arte a minha preocupação é desempenhar o papel de uma profissional motivadora e que atua como agente mediadora de conhecimento criando práticas que envolva o cotidiano dos alunos propiciando aprendizados, estimulando-os a buscar informações e entender o motivo pelo qual é importante o ensino de tal disciplina, e como ela pode intervir na sua realidade e contribuir na construção de ideias. As aulas, das minhas turmas de 6º ao 9º anos do ensino fundamental II, têm sido aplicadas com o intuito de ampliar o aprendizado não só no fluir e produzir Arte e cultura, mas no construir dialogando e confrontado o passado com o presente por meio da realidade de cada um, trazendo-a, atrelada à sociedade a qual estão inseridos para as discussões e construções de conhecimentos na sala de aula e com isso, propiciar uma nova interpretação de mundo, construindo e reconstruindo identidades, compreendendo, valorizando e aceitando as diferenças. As aulas são planejadas buscando auxiliar ao aluno o conhecimento prévio sobre a história, mas acima de tudo que possam servir como uma base integrada de saberes com diversas linguagens para que os discentes compreendam e interajam com o que os outros dizem, aprendam a debater e discutir as ideias com respeito e aceitem o ponto de vista que sejam divergentes aos deles.

Os quase dez anos como professora de Arte em sala de aula suscitaram a percepção inevitável acerca da falta de preparo e de conhecimento da maioria dos docentes dessa cadeira nas escolas públicas e privadas. No contexto da rede municipal de ensino, de onde advieram as informações oriundas da vivência, o ensino de artes tem pouca importância, ao lado do comodismo e da negligência de alguns educadores, que não se importam em adquirir o repertório indispensável à transmissão do conteúdo.

Na verdade, existe um problema com relação ao ensino de artes, já que o professor não domina todas as quatro linguagens artísticas, evidenciando um ensino fragilizado, pois mesmo que o professor tenha formação específica (Música, por exemplo), isso não permite que as equipes pedagógicas das escolas exijam que as mesmas sejam ensinadas determinadas linguagem sob o argumento de que não há outros professores e que os alunos têm direito a acessar todas as linguagens artísticas. A Lei nº 13.278/2016 (BRASIL, 2016) criada recentemente, poderá

resolver alguns problemas, porém, ela também requisitará uma grande transformação na estrutura curricular da educação básica para que realmente, as quatro linguagens artísticas estejam presentes na escola, exigindo uma ampliação das licenciaturas para atender à nova demanda. Sendo assim,

é [...] possível verificar a correlação entre as Políticas Públicas e o Ensino de todas as linguagens de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro na Educação Básica e as implicações na práxis do ensino/aprendizagem e sua organização escolar [...] (NUNES, 2007, p. 14).

A Lei nº 13.278/16 é o resultado do esforço conjunto dos professores de Arte que, ao longo das últimas décadas, se mobilizaram junto ao governo através das associações da área, publicações de livros e artigos, organização de eventos em todo o Brasil e também reorganizações de políticas públicas educacionais, lutaram pela manutenção e melhoria do ensino de Arte. Vinte anos depois essa lei traz alterações necessárias aos parágrafos 2º e 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Ao fazê-lo, o projeto determinava que o ensino de Arte compreendesse obrigatoriamente a música, as artes plásticas e as artes cênicas, que constituiriam componente curricular de todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2015, p. 1-2).

O referido projeto é chamado por seus críticos de “lei da mordaza”, pois explicita uma série de restrições ao exercício docente, negando o princípio da autonomia didática consagrado na legislação e nas normas relativas ao funcionamento do ensino.

é um momento grave este que os educadores estão vivendo, no qual a educação é desafiada duplamente: por um lado, cabe-lhe resistir, exercendo o direito de desobediência civil, às iniciativas de seu próprio abastardamento por parte de um governo que se instaurou por meio da usurpação da soberania popular sobre a qual se funda o regime político democrático. Por outro lado, cumpre lutar para transformara situação atual, assegurando às novas gerações uma formação sólida que lhes possibilite o pleno exercício da cidadania, tendo em vista não apenas a restauração da democracia formal, mas avançando para sua transformação em democracia real. (Saviani, 2016, Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 10, n. 19, p. 379-392)

Outro fator pertinente à pesquisa são relatos de alguns colegas que se decepcionaram com a realidade do sistema escolar, depois que se formaram a sua prática docente, o início de carreira e as implicações foram bem distintas da teoria

aprendida, algo que já é esperado, pois ao atuar em sala vemos que cada turma vai responder de forma diferenciada ao receber o ensino e cada uma dessas turmas tem características próprias que o professor terá que se adaptar. Após saber das experiências de alguns profissionais da área, vamos investigar o envolvimento e a atuação dos professores de Arte nas escolas.

É de extrema importância a formação do professor para o ensino de Arte, pois o professor que não tem domínio necessário para aplicar os conteúdos a serem desenvolvidos em sala pode comprometer todo o processo de aprendizagem; os alunos podem não se interessarem pela aula e dessa forma não se construir o sentido do ensino da mesma para sua vida. A docência em Arte pode ser considerada um desafio pelo qual o professor deve se manter mediador do conhecimento do aluno estimulando e fazendo acontecer o processo ensino aprendido.

Com o intuito de identificar a importância da disciplina na vida do aluno foram levantados alguns questionamentos de como são as intervenções no espaço escolar e se estas estão relacionadas com uma aplicação significativa para os discentes. Embora a disciplina de Arte seja obrigatória no ensino básico pela Lei de Diretrizes e Bases¹, é de suma importância destacar se existe uma real aplicação dos conteúdos que são abordados nesta disciplina e como esta tem um impacto positivo no desenvolvimento dos alunos.

Uma área de conhecimento que contribui para formação humana do indivíduo, a disciplina de Arte vem ajudá-lo a entender de forma crítica a sociedade que o rodeia e a cultura; ou seja, não pode ser tratada como forma de entretenimento, ou ser vista como uma área menos importante que as demais. Sua existência no currículo contribui para uma formação plena do aluno, vem a ser muito importante na formação global, não se reduzindo ao processo educacional somente por áreas mais tradicionais como é o caso da língua portuguesa, matemática e ciências. O conhecimento na área de Arte faz parte do todo na formação do aluno e não permitir o acesso a essa área de conhecimento é negar um direito que o cabe para ser formado como cidadão crítico e consciente.

¹ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação ou LDB é a legislação que define e regulamenta o sistema educacional brasileiro, seja ele público ou privado.

A capacitação de professores precisa se definir pelo novo conceito de instrução, pois o professor, dentro da sala de aula, precisa estimular o aluno a aprender coisas novas para que ele se torne competente para aplicá-las no seu dia a dia. Para que isso aconteça, é necessário que os docentes ensine aos estudantes conceitos novos, seja ela pela participação ou pelo interesse diante às atividades apresentadas.

É importante que os docentes tenham consciência de que as suas práticas só serão importantes para o meio educativo quando for exposta a intenção de formar cidadãos críticos e reflexivos dessa sociedade. Sendo assim, demonstrar o quanto a Arte pode levar a criança a se desenvolver globalmente, devido a livre expressão, não apresentar pressões e nem cobranças de resultados, mas, sim uma forma de auxiliar e contribuir para o seu desenvolvimento social, despertando noções de respeito pelo outro e abrindo espaço para outras aprendizagens.

Percebendo a necessidade de mais aprimoramento, ingressar no mestrado foi uma forma de aprofundar, pesquisar e discutir de forma significativa no entendimento da realidade como professora, a relação com o ensino de Arte por meio de metodologias ativas², buscando a construção de um ensino de qualidade em que o professor tenha o papel de mediador na aprendizagem conduzindo as aulas e as discussões e assim deixando as aulas mais dinâmicas.

1.1 JUSTIFICATIVA

A disciplina vai muito além do fazer artístico, até porque o objetivo não é fazer “artista” de formação, mas sim capacitar o aluno no entendimento das produções buscando novos olhares para compreender um período histórico cheio de costumes e cultura em sua maioria já não existentes na sociedade e conseqüentemente levá-los a buscar novas soluções que contribuam na construção de uma nova sociedade, onde se possa ser livre para se expressar quebrando barreiras de preconceitos,

² **Metodologia ativa** de aprendizagem é um processo amplo e possui como principal característica a inserção do aluno/estudante como agente principal responsável pela sua aprendizagem, comprometendo-se com seu aprendizado, pode assumir muitas formas e ser executados em qualquer disciplina. O professor deixa de assumir o papel de protagonista e passa a de coadjuvante no processo de aprendizagem de seus alunos. São Exemplos de metodologias ativas: Ensino Híbrico, Aprendizagem Baseada em Problemas, Elaboração de projetos e Gamificação.

mesmo sabendo que será uma luta constante, já que viemos de uma sociedade que ainda luta contra novas posturas culturais.

Existe uma necessidade de dar sentido à existência da disciplina de Arte no espaço escolar nas turmas de 6º a 9º ano mostrando que ela não se limita às festas, passatempo e a diversões livres e sem sentido. O real sentido é mostrar que a utilização da música, da dança e de outras intervenções artísticas como, por exemplo, o grafite podem ir muito além dos muros escolares e levar reflexão e conscientização como apoio de aprendizagem e criatividade do indivíduo com uma abordagem mais abrangente e mais substancial para o ensino de Arte preparando o aluno para identificar na gramática visual da imagem questões do passado fazendo um link com os dias atuais e utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; conhecer características fundamentais nas dimensões sociais, materiais e culturais, construindo para uma noção de identidade pessoal; utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar ideias.

A abordagem continua da Arte pode contribuir para um estímulo da imaginação do mesmo e levá-lo a construir e desenvolver estratégias pessoais para resolver problemas e capacitando a perceber a realidade cotidiana que estão a sua volta, existente na sua cultura criando condições para quem sabe dar uma qualidade de vida melhor, tendo na escola um lugar que valoriza a comunidade e a vida do educando como parte de sua formação integral.

1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

Após explanar sobre capacitar o aluno para buscar novos olhares necessários para dar sentido às novas posturas culturais e de como a disciplina de Arte pode atuar no espaço escolar surge à necessidade de fazer um levantamento de informações e encontrar a resposta para a seguinte pergunta em questão.

Como tem sido desenvolvido o ensino de Arte nas turmas de 6º a 9º ano do ensino fundamental?

1.3 OBJETIVOS

A escola é responsável pela formação intelectual e cultural do ser humano e assim sendo responsável pela formação do cidadão e conscientizando do seu papel em sua comunidade mostrando que é através do conhecimento que ele poderá formar suas opiniões levando-o a buscar cada vez mais informações para que possa ser ouvido, entendido e quem sabe ser compreendido por várias classes sociais. . Na busca de uma melhoria no ensino e na valorização da disciplina de Arte nas escolas municipais de 6º a 9º ano do ensino fundamental observa-se uma necessidade de discutir as práticas pedagógicas dos professores da área viabilizando uma melhora na prática docente e conseqüentemente uma valorização da disciplina dentro do universo do currículo unificado do município, com isso, na intenção de responder o problema apresentado nessa pesquisa contamos com um objetivo geral e três específicos, que serão listados a seguir.

1.3.1 Objetivo Geral

- Compreender como o ensino de Arte é desenvolvido pelo professor utilizando o PCN.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Verificar como a Arte está inserida no espaço escolar e refletir sobre as práticas pedagógicas;
- Explorar as necessidades dos professores em relação ao ensino da disciplina;
- Criar uma metodologia ativa que contribua para a construção de aprendizagem e oferecer a secretaria de educação para que sirva de instrumento para adequação do material didático.

2 DISCUSSÕES TEÓRICAS

A Arte nas escolas parece estar predestinada a um papel secundário, pois, apesar do tempo, permanece como suporte para outras disciplinas que integram o currículo (DUARTE JR, 1988; FUSARI, 1992; NASCIMENTO, 2012), mesmo quando os textos legais consignam sua relevância como área específica de conhecimento humano.

Dessa forma a importância da formação do professor no que se refere ao ensino de Arte é muito clara, uma vez que o ele não tenha o domínio necessário das intervenções pedagógicas e dos conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula, todo o processo poderá ser comprometido. Essa falta de formação do professor conduz a aulas que não despertam o interesse do aluno, e este, por sua vez, não consegue construir o sentido do ensino de Arte para sua vida. Com essa compreensão, a docência em Arte torna-se um desafio do qual o professor deve ser o mediador entre o conhecimento e o aluno provocando a ação do discente no processo ensino-aprendizagem.

O ensino de Artes nas escolas brasileiras é um tema muito complexo, pois embora haja no currículo um significativo reconhecimento de sua importância no processo ensino e aprendizagem, há inúmeras questões impeditivas para sua efetivação de maneira ampla e contextualizada em sala de aula. É notória a insegurança de alguns professores em trabalhar conforme orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes, em sua amplitude, englobando Artes Visuais, Teatro, Música e dança.

Entre os fatores, são questionadas lacunas na formação acadêmica e falta de especialização em áreas tão distintas. Geralmente, devido a essa problemática, ainda hoje as aulas de Arte não ultrapassam os cadernos e, conseqüentemente, são reproduzidos modelos tradicionais, onde a experimentação de diferentes modalidades de conteúdos da disciplina, tão relevantes para a formação humana, é deixada de lado. A construção deste trabalho visa responder alguns questionamentos atualmente levantados e que servem como orientação e reflexão sobre a Arte na Educação, sendo eles: - É possível que o professor sem uma especialização em Artes desenvolva no aluno a competência estética e artística em suas diversas modalidades? - De que modo o Educador pode tornar as aulas de

Arte prazerosa e significativa na formação do aluno? - Há possibilidades criativas que garanta a experimentação da Arte acessível a todos, superando a falta de recursos materiais ou infraestrutura adequada? Tais indagações não tem a finalidade de promover apenas uma análise sob uma perspectiva crítica, encarando as aulas de Artes como um problema para o educador, mas sim como um desafio a ser superado. Com esse trabalho, pretendesse proporcionar uma reflexão sobre a existência de possibilidades artísticas que, de fato, podem ser exploradas, a fim de levar o aluno a lançar um novo olhar, tanto para as aulas de Artes, como para a Arte da vida.

Será feita uma busca por argumentos que possam contribuir para um ensino de qualidade através de pesquisas bibliográficas e discussões referentes ao ensino-aprendizado da Arte dando um sentido maior dentro da disciplina e deixando claro a sua importância fora e dentro da sala de aula, desafiando os alunos em ter um olhar mais criativo cheio de conhecimento, assim como compreender como está sendo o ensino de da mesma pelos professores e suas metodologias utilizadas. Buscaremos autores que ajudem a encontrar caminhos que nos leve aos meios de responder nossos questionamentos. No primeiro capítulo “A democratização da educação brasileira e o ensino da Arte” tem como objetivo encontrar o conceito de Arte fazendo um resgate da história da Educação a partir do descobrimento apresentando um resgate do ensino de Arte no Brasil.

Dentro dessa busca surgem duas pessoas que chamaram a atenção que discutiram temas pertinentes a nossa pesquisa como Ana Mae Tavares Bastos Barbosa, Maria Heloísa Ferraz e Maria Fusari. Alguns estudos utilizaram metodologia semelhante ao que se pretende fazer neste trabalho. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para uma melhor atuação dos professores no Ensino de Arte no ensino fundamental, buscando-se, também, a valorização da própria Arte dentro do universo curricular adotado pelas escolas atualmente.

Segundo o educador, Saviani (1992), a educação é um instrumento de humanização onde o indivíduo tem um convívio social, que contribui para a sua formação, quando integrado ao conhecimento historicamente produzimos umas gerações com um vasto conhecimento de saberes. Conforme Nascimento (2012, p. 2), a arte é um dos elementos favorecedores do relacionamento do educando “[...] com o meio social de forma mais prazerosa”.

O que se pretende fazer neste trabalho é utilizar metodologia que nos leve a caminhos para compreender como melhorar o ensino buscando uma valorização da disciplina e observar a necessidade de discutir as práticas pedagógicas dos professores e assim, propor metodologias que facilite o processo de ensino-aprendizagem. Partindo desse princípio, utilizaremos alguns autores que nos ajudarão entender melhor o percurso da educação. Um deles é a Ana Mae Tavares Bastos Barbosa que em seu livro *Arte-educação: leitura no subsolo* nos mostra o caminho percorrido para construir uma imagem no ensino da Arte, é possível ver suas inquietações no ensino da Arte e a contribuição que o mesmo traz a aprendizagem, nas emoções e no racional. Segundo Ana Mae, “o mundo orientado visualmente torna-se um elemento ativo na sala de aula por meio da percepção, da análise, da imaginação e da expressão, da produção ou do fazer arte na classe” (1999, p.123).

Ou seja, devemos motivar os alunos a aprendizagem e abranger o conhecimento e não usar como desculpas a impossibilidade da educação, devemos criar expectativas de uma percepção intelectual aos mesmos. Ana ainda diz que a arte como disciplina amplia o conhecimento e cita Ernest Boyer,

As artes são uma parte essencial da experiência humana. Não são uma frivolidade. Recomendamos que todos os estudantes estudem as artes para descobrir como os seres humanos usam símbolos não verbais e se comunicam não apenas com palavras, mas através da música, dança e das artes visuais (HOPER; ROW, 1983, p. 98)

Em outro momento apresenta a “Metodologia Triangular para o ensino de Arte”³, baseada no “pensar”, “fazer” e “fruir” arte, nas orientações dos PCN. Tem como objetivo traçar um panorama político educacional atual para o ensino de Arte, que pode ser usado na nossa pesquisa diretamente nas escolas, junto aos professores e equipe gestora. A intenção é que esta pesquisa possa contribuir para a melhor atuação dos professores no Ensino de Arte no ensino fundamental, e quem sabe a valorização da própria dentro do universo curricular adotado pelas escolas atualmente.

³ A **Proposta Triangular** consiste em três abordagens para se construir conhecimentos em **arte**: Contextualização histórica (conhecer a sua contextualização histórica); Fazer artístico (fazer **arte**); Apreciação artística (saber ler uma obra de **arte**).

Ana fala sobre a contribuição da Arte para o aprendizado, diz que ela pode fazer com que os educandos entrem em contato com suas emoções e o seu racional, o seu desenvolvimento na interpretação ampliando a inteligência e a capacidade perceptiva dos indivíduos interpretarem suas idéias através das diferentes linguagens e formas. A Arte como cultura trabalha o conhecimento da história, dos artistas que contribuem para a transformação dela. É muito importante que o aluno tenha um leque de conhecimento acerca do seu próprio país e do mundo. Não se conhece um país sem conhecer a sua história e a sua arte.

Em outro momento levanta um questionamento quanto ao ensino da Arte e a preparação do professor se não forem devidamente preparados, quais os perigos de uma abordagem equivocada do ensino de Artes?

Uma área mal conduzida cria rejeição nos alunos. Esse é o perigo: afastar a arte do campo de referência deles. Fala-se muito mal do ensino de Arte na escola pública, os professores que têm mais disponibilidade para promover a transformação são os de Arte. Mas a motivação, é claro, não aguenta falta de estímulo. Se a coisa esmorece completamente, ela também pode acabar.

Em uma entrevista a Revista Época (2016), Ana Mae foi questionada sobre a importância do ensino de música, artes visuais, dança e teatro na educação básica, e responde que:

É absolutamente importante o contato com a arte por crianças e adolescentes. Primeiro, porque no processo de conhecimento da arte são envolvidos, além da inteligência e do raciocínio, o afetivo e o emocional, que estão sempre fora do currículo escolar. A minha geração fez sua educação emocional a partir de filmes de Hollywood, o que é uma barbaridade. Não se conversava sobre sentimentos na escola. Segundo, porque a arte estimula o desenvolvimento da inteligência racional, medida pelo teste de QI. O pesquisador Janes Catteral estudou a influência da aprendizagem de arte na inteligência, que será aplicada a qualquer outra disciplina. Além disso, grande parte da produção artística é feita no coletivo. Isso desenvolve o trabalho em grupo e a criatividade. Não se conhece um país sem conhecer a sua história e a sua arte.

Isto nos leva a uma percepção do efeito do ensino e a aprendizagem da Arte na educação, ou seja, é necessário um envolver do aluno e um envolvimento do profissional da educação para um fazer educativo mais enriquecido e prestigiado. Partindo dessa linha de pensamento podemos citar a Maria Heloísa Ferraz e Maria Fusari que diz em seu livro Metodologia do ensino de Arte.

A principal tarefa do professor de Arte é ativar o alargamento das percepções das crianças. Qualquer conceito artístico ou estético pode ser trabalhado a partir do cotidiano, explorando-se tanto a natureza quanto a cultura como um todo. Assim, é bastante enriquecedor solicitar que as crianças levem para a escola, por exemplo, materiais de casa ou da natureza que se refiram a um determinado assunto a ser estudado. O professor também deverá fazê-lo (2009, p. 74).

As autoras mostram no decorrer do livro a importância do papel do professor na formação do aluno e da significância de um projeto pedagógico bem estruturado para mediação transformadora de uma metodologia de ensino e aprendizagem em Arte e integra os encaminhamentos educativos das práticas de aulas.

Fusari e Ferraz (2001, p. 23) afirmam que a Arte é dinâmica. Mais do que imaginação, é a representação do mundo, expressão dos sentimentos, da energia interna, “movimento na dialética da relação homem mundo”. Ou seja, cabe os educadores buscarem mudanças no ensino e tentar uma valorização ao lecionar mesmo com todas as dificuldades encontradas na sua atividade e assim envolver os alunos na busca de uma representação do seu conhecimento através das suas emoções.

Ao fazer uma análise com o olhar profissional da área do ensino da Arte me deparo com uma afirmação feita por Barbosa, (2007, p. 31) “[...] mais de 25% das profissões neste país estão ligadas direta ou indiretamente às artes, e seu melhor desempenho depende do conhecimento de arte que o indivíduo tem”. Levo-me a concordar, pois, grande parte de nossas atividades profissionais podem estar ligada a tudo que esta ao nosso redor como à estética visual, aos sons, ritmos e expressão do corpo com os gestos e a voz.

Em outro momento com Maria Heloisa Ferraz e Maria Fusari a fala sobre o ensino e aprendizagem em Artes baseadas em propostas de estudiosos da área e em suas práticas escolares em arte e que se cristalizam nas propostas e aulas (FERRAZ; FUSARI, 2001, p. 98).

Importante ressaltar a relação entre teoria e prática como fundamento do conceito de metodologia exposto pelas duas autoras. A metodologia, do ensino da Arte no caso delas, funda-se na relação entre subsídios teóricos e “práticas escolares”. Ela é indissociável da epistemologia. Não há possibilidade de separar o “como fazemos” e o “como entendemos” a arte e o seu ensino. Portanto, a metodologia é inseparável de nossa concepção sobre arte e de como ensinar essa arte por nós concebida:

A metodologia educativa na área artística inclui escolhas profissionais do professor quanto aos assuntos em arte, contextualizados e a serem trabalhados com os alunos nos cursos. Referem-se também à determinação de métodos educativos, ou seja, de trajetórias pedagógicas (com procedimentos técnicos e proposição de atividades) (FERRAZ; FUSARI, 2001, p. 98).

Espero que essa pesquisa contribua para uma melhor atuação dos professores no Ensino de Arte e na valorização da própria Arte dentro do universo curricular adotado pelas escolas.

2.1 A DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E O ENSINO DA ARTE

No Brasil o ensino de Arte sofreu mudanças em todo seu processo, desde o século XX até os dias atuais. O ensino e as mudanças ocorridas no currículo estão atrelados às tendências teóricas vigentes em cada período, ou seja, quando questionado sobre o que é ensinar Artes e como efetivar o ensino na escola, é fundamental que o professor tenha em mente a compreensão de suas responsabilidades por meio do conhecimento e reflexão sobre o processo do ensino de Artes. Ao analisar sobre essa área ao longo da história, é possível repensar e reconstruir sua prática, romper com paradigmas tradicionais e concepções que não proporcionam uma aprendizagem significativa.

Nas escolas o ensino de Arte tem sido influenciado por uma visão equivocada e tem sido considerada como uma área de estudo de conteúdo sem importância, como se a imaginação, o sentimento e a criatividade não estivessem também ligados ao desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Isso tem gerado uma desvalorização do ensino da disciplina dentro do espaço escolar e não somente da parte dos professores, mas também dos alunos, os quais, muitas das vezes, não compreendem seu valor de potenciais capacidades cognitivas. É preciso investigar e compreender as mudanças ocorridas no ensino da Arte na educação brasileira e as diversas mudanças ocorridas nas suas origens até os últimos anos. Antes existia uma escola elitista, a sua concepção de ensino acontecia de forma seletiva com seguimentos bem definidos para uma classe dominante para o ingresso em algumas escolas superiores; segundo Beisiegel (2006) atualmente as escolas vem se expandindo garantindo o direito de ingresso às camadas mais populares quebrando padrões e criando expectativas para atender a clientela.

Em 1971 a Arte foi introduzida no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/ LDB, que rege todo sistema educacional brasileiro. Embora tenha sido reconhecida a importância da Arte para formação do aluno na sustentação legal, na realidade a sua construção foi bem aquém do esperado. Esse fato é atribuído por Ferraz e Fusari (2001) à pequena disponibilidade de professores formados, além de inexistir, por parte do sistema público de ensino, nenhum programa voltado para a formação dos professores. Sem currículo definido, sua prática no ensino passa por dificuldades e as atividades artísticas propostas incluem várias linguagens, como: artes plásticas, artes cênicas, educação musical (BRASIL, MEC, 1997, p. 24), devendo ser o professor polivalente em sua atuação. Ainda para agravar este quadro, era cobrada a polivalência dos professores, mas estes não tinham formação para assumir com competência essas várias linguagens artísticas sendo que a maioria nem sequer possuía uma formação superior na área de Arte. Por sua vez, segundo Martins (1998, p.41), os professores até então especializados em uma determinada área das Artes passaram a ter dificuldades para envolver as diversas habilidades artísticas em suas aulas.

Os professores de desenho, música trabalhos manuais, canto coral e artes aplicadas, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, viram esses saberes repentinamente transformados em “meras atividades artísticas”.

Dessa forma, perdeu-se o potencial de desenvolvimento de habilidades referentes à linguagem corporal e sensibilidade, com o desenvolvimento apenas de atividades de execução. Com a tentativa de capacitar os professores, o governo ofereceu curso aos educadores da educação básica, uma formação, para cumprir à LDB 5.692/71, assim afirma o Parecer do MEC n.º 540/77:

[...] as escolas deverão contar com professores de Educação Artística, preferencialmente polivalente no primeiro grau. Mas o trabalho deve-se se desenvolver sempre que possível por atividades sem qualquer preocupação seletiva.

O processo de formação aconteceu apenas de forma superficial, sem preparação dos professores para trabalhar com a vasta complexidade das diversas expressões artísticas; em consequência, a qualidade do ensino é empobrecida, pois a Educação Artística é trabalhada de forma ampla, diluída, sem concentração com maior qualidade em alguma das expressões artísticas.

A Arte tem buscado contribuir para o desenvolvimento integral do aluno com um ensino de qualidade no cenário educacional por meio de uma identidade cultural e de respeito multicultural; está presente na história da humanidade desde o seu princípio e vem evoluindo de acordo com as transformações sociais. No decorrer da história, ela vem sendo um grande auxílio no registro histórico e social da humanidade. Não quer dizer que tenha sido feita com essa finalidade, mas foi por meio da Arte rupestre e dos utensílios encontrados pelos arqueólogos que podemos conhecer a vida do homem pré-histórico, seus costumes e descobertas. Ainda hoje é possível perceber, por exemplo, a influência da Igreja na sociedade com as obras do Renascimento, além das diversas mudanças na vida, costumes e valores por intermédio da arte ao longo do tempo.

Quando paramos para analisar a busca do “belo ideal” preconizado por Platão, a perspectiva perfeita de Leonardo da Vinci ou a expressão máxima dos sentimentos na “Liberdade guiando o povo” de Delacroix vemos uma que a leitura de uma obra retrata muito mais do que uma simples pintura: retrata a vida, o sentimento do povo, um momento importante da história. “Guernica” de Pablo Picasso, é um exemplo marcante do grito de revolta contra os horrores da guerra; e “A fonte”, de Duchamp, um repensar sobre a própria definição de Arte.

A Arte é dinâmica, assim afirmam Fusari e Ferraz (2001, p. 23). Ela é mais do que imaginação, é a representação do mundo, expressão dos sentimentos, da energia interna, “movimento na dialética da relação homem-mundo”. De acordo com constatação na progressão das várias formas de expressão artística no decorrer dos séculos, independentemente da época e da forma de expressão, a Arte revela peculiaridades de um tempo e características de uma sociedade.

Ao atentar para as influências deixadas pelos portugueses e os outros povos europeus no período da colonização na formação da nossa sociedade e política educacional muitas foram às mudanças ocorridas no ensino da Arte e por esse motivo é necessário uma visão histórica da educação. Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, a economia colonial era formada por mão de obra barata (escrava), um estágio primitivo de desenvolvimento onde o homem branco acabou escravizando os nativos da terra, dessa forma, com a vinda dos jesuítas em 1549, o objetivo era catequizar os indígenas e preservar a soberania portuguesa. “E, sendo impossível oferecer instrução a todos os meninos indígenas, eram escolhidos

os filhos dos caciques para serem educados” (PAIVA, 1987, p. 56). Porém, com a criação das “Constituições da Companhia de Jesus”, a preocupação maior concentra-se na educação dos filhos dos colonos e na formação dos futuros sacerdotes.

Segundo Romanelli (1980), a cultura medieval-europeia trazida pelos jesuítas em 1549, afirmava, ao branco colonizador, sua origem europeia e sua distinção da população nativa, negra e mestiça existentes.

Apenas àqueles cabia o direito à educação e, mesmo assim, em número restrito, porquanto deveriam estar excluídos dessa minoria as mulheres e os filhos primogênitos, aos quais se reservava a direção futura dos negócios paternos.

[...] Era, portanto, a um limitado grupo de pessoas pertencentes à classe dominante que estava destinada a educação. [...] A obra de catequese, que, em princípio, constituía o objetivo principal da presença da Companhia de Jesus no Brasil acabou gradativamente cedendo lugar, em importância, à educação da elite (ROMANELLI, 1980, p. 33 e 35).

Um terremoto seguido de um grande incêndio destruiu boa parte de Lisboa, em 1759. Sebastião José de Carvalho e Melo o marquês de Pombal, foi o encarregado da reconstrução da cidade, não só do ponto de vista arquitetônico, mas do ponto de vista administrativo e político. E o fez com “mão de ferro”, segundo o jornalista Laurentino Gomes.

Além de reconstruir a capital, acabou por reformar o próprio império. Subjugou a nobreza e reduziu drasticamente o poder da Igreja. Foi o responsável pela expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias. Também reorganizou o ensino, até então controlado pela Igreja (GOMES, 2007, p. 60).

Os jesuítas foram expulsos não só de Portugal, mas de todas as colônias portuguesas espalhadas pelo mundo. A expulsão dos jesuítas no Brasil teve por consequência imediata a desestruturação do sistema educacional, até então exclusivo da Igreja em todo o território. Professores leigos assumem as classes, e, pela primeira vez, ficam a cargo do Estado a responsabilidade e os custos dessa educação. Mesmo assim, “[...] passam-se vários anos até que se comece a tomar providências no sentido de criar uma alternativa à educação jesuítica” (VIEIRA, 207, p. 39). Essa situação só se modificaria com a vinda da família real para o Brasil, em 1808.

Com a chegada da família real, foram criados os cursos de Medicina, Agricultura, Economia, Política, Química e Botânica, além das academias de Arte, o

Museu Real e a Biblioteca Pública. Porém, o ensino elementar não seria modificado, limitando-se ao atendimento privado da elite em suas próprias casas (PAIVA, 1987, p. 60).

Surge a necessidade de se ampliar a participação do povo nas atividades do Império logo após a Independência, criasse então o colégio Pedro II como um grande impulso ao ensino secundário, e a Assembléia Constituinte. Pela primeira vez, debate o problema do ensino, que até então era precário, pois os baixos salários não atraíam os professores. O Colégio Pedro II, porém, apesar de ser uma escola pública, oferecia cursos pagos, com isso, continuava-se a privilegiar apenas a elite, pois o número de vagas gratuitas era bastante reduzido.

Duas leis são publicadas durante o Primeiro Reinado: a primeira tornava livre o ensino para a iniciativa privada, e a segunda estabelecia a gratuidade da instrução primária para todos os cidadãos. Mas foi o Ato Adicional de 1834⁴ o instrumento legal mais importante do período para a educação popular. Porém, como descentralizava o ensino elementar, o “Ato Adicional eliminou quaisquer pretensões de uniformização do ensino do primeiro grau em todo o país” (PAIVA, 1987, p. 62). A consequência dessa descentralização foi o abandono quase total do ensino primário e do ensino secundário, ficando muito mais a cargo da iniciativa privada; isso acentuou ainda mais o caráter elitista do ensino, pois apenas as famílias com maiores posses poderiam arcar com as despesas do ensino para seus filhos.

Neste período, ainda é possível destacar a volta dos jesuítas ao Brasil, em 1842, e a criação do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1856, aumentando o contingente de escolas particulares já existentes.

Segundo Leite e Di Giorgi: (2009, p. 4) com as mudanças ocorridas pelo deslocamento do eixo econômico do Nordeste para o Centro-Sul e a vinda de imigrantes logo após a abolição da escravatura para trabalhar nas lavouras de café, aumentaram as diferenças existentes no sistema educacional descentralizado e diretamente ligado à situação econômica de cada região. Se para os brasileiros havia a herança de uma mentalidade portuguesa, segundo a qual a educação não

⁴ O Ato Adicional realizou algumas alterações e adições à Constituição de 1834, conforme autorizado pela Lei de 12 de Outubro de 1832. Na prática, foi uma revisão da Constituição. A Lei nº 105, de 12 de maio de 1840 estabeleceu como deveria se interpretar alguns dos dispositivos inseridos pelo Ato Adicional.

era necessária, a colonização estrangeira, principalmente do Sul, trazia uma nova exigência de ensino público, pela valorização dada à educação pelos povos que aqui chegavam.

Oriundos de países onde a instrução elementar universalizada era um objetivo, e onde a educação escolar desempenhava um importante papel para a ascensão social, o imigrante criava um clima de maiores exigências com respeito à instrução. Mesmo em São Paulo, onde ele é assalariado e não colono, sua presença atua como pressão no sentido do desenvolvimento da instrução popular (PAIVA, 1987, p. 65).

Muitos projetos de reforma da educação começam a surgir na Primeira República como tentativa de atender às novas necessidades de uma sociedade mais complexa do que a anterior sociedade escravocrata. Com as reformas apresentadas, a mais conhecida foi a Reforma Benjamin Constant, que dizia respeito à aprovação do Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal (Decreto nº 981, de 8 de novembro de 1890). Fortemente influenciada pelas idéias positivistas, defendia os princípios de liberdade e laicidade do ensino, a gratuidade da escola primária e o rompimento do academicismo por meio da inclusão de matérias científicas às tradicionais. Ainda com o objetivo de tornar cada nível de ensino formador, e não só preparador, para o curso superior, institui-se o exame de madureza, “cujo objetivo era identificar a capacidade intelectual do aluno ao concluir o ensino secundário” (Vieira, 2007, p. 77).

Ainda assim, Leite e Di Giorgi (2009, p. 5) afirmam que: “O período republicano que antecede a I Guerra Mundial representa a continuidade em relação ao Império”. A Constituição de 1891 não altera as orientações do Ato Adicional, delegando aos Estados o ensino elementar, e ficando a cargo do Governo Federal o ensino superior e secundário.

[...] à União cabia criar e controlar a instrução superior em toda a Nação, bem como criar e controlar o ensino secundário acadêmico e a instrução em todos os níveis do Distrito Federal, e aos Estados cabia criar e controlar o ensino primário e o ensino profissional, que, na época, compreendia principalmente escolas normais (de nível médio) para moças e escolas técnicas para rapazes. (ROMANELLI, 1980, p. 41)

Então a escola elitista, abre-se para a educação popular pelo entusiasmo nacionalista e pela pressão social do proletariado urbano, que surge, principalmente, em São Paulo, com o desenvolvimento da industrialização. Mas surgiu uma dúvida, que tipo de educação se apresentava e quais as verdadeiras finalidades dessa

alfabetização em massa?

Ao analisar a perspectiva política, surgem várias iniciativas de utilização da educação popular; de um lado para fins eleitoreiros, garantindo o poder à burguesia já existente e, de outro, na luta contra os ideais anarquistas trazidos pelos estrangeiros e a consolidação da hegemonia política nacional. Alguns exemplos são: o serviço militar obrigatório, defendido por Olavo Bilac; a “Liga Brasileira contra o Analfabetismo”, do clube militar do Rio de Janeiro em 1915; o combate às escolas estrangeiras; a educação moral e cívica, dada aos alunos nas escolas nacionais; e a “Liga Nacionalista de São Paulo”.

Havia, então, a concepção de que o analfabeto era inútil à sociedade. Miguel Couto chegou a afirmar que o analfabetismo seria causa para a indolência e a preguiça, e que o analfabeto não raciocinava. (PAIVA, 1987, p. 99) Essa concepção levou à escolha pelo aumento da quantidade da educação em detrimento de sua qualidade. Sampaio Dória, pertencente à “Liga Nacionalista de São Paulo”, reduz a educação elementar para dois anos, substituindo o ensino elementar de seis a oito anos, como forma de minimizar a falta de recursos disponíveis; porém, esse entusiasmo pela educação acaba perdendo sua força, e os ideais políticos afastam-se cada vez mais dos educacionais.

Em 1930, após uma eleição conturbada, que acabou em um conflito armado, instaura-se o governo provisório de Getúlio Vargas. Logo no início do seu governo, Getúlio cria o ministério da Educação e Saúde Pública, realiza a reforma Francisco Campos e, entre outras medidas, cria o Conselho Nacional de Educação pelo Decreto nº 19.850 de 11 de abril de 1931 e dispõe sobre a organização do ensino superior e secundário. “Era a primeira vez que uma reforma atingia profundamente a estrutura do ensino e, era pela primeira vez imposta a todo o território nacional.” (ROMANELLI, 1980, p.131). Na prática, a reforma criou uma desarticulação entre o ensino secundário e o ensino médio profissionalizante (que não dava acesso ao ensino superior), deixou completamente marginalizado o ensino primário e normal, não implantou efetivamente um ensino técnico e científico e tornou o ensino altamente seletivo e elitista devido ao caráter enciclopédico de seus programas. Outra frente de luta foi abordada em 1930: a educação rural como meio de conter a migração. Esse problema foi tratado diretamente com a questão sanitária. Segundo Paiva: “era necessário levar assistência sanitária ao interior e, com o auxílio da

educação rural, estimular o sertanejo a permanecer no campo”. (PAIVA, 1987, p. 129)

Continuando a analisar a linha do tempo, temos o Manifesto dos Pioneiros, elaborado por Fernando Azevedo e assinado por 26 educadores brasileiros em 1932, apontava a dialética que deve existir entre educação e desenvolvimento e reivindicava a laicidade do ensino público, a gratuidade, a obrigatoriedade e a coeducação, colocando em igualdade, em termos de qualidade de educação, ambos os sexos.

Em 1934, o governo promulgou uma Constituição na qual, segundo Romanelli, (1980, p. 50) “[...] o Governo caminhou na direção do compromisso com os velhos interesses” e, ao invés de prever um plano de expansão das escolas, apenas limitou a matrícula no ensino médio, vinculando-a a uma prova de inteligência e aproveitamento. Com o advento do Estado Novo, em 1937, outra Constituição é promulgada. Seu artigo 129 determinava: “o ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado”. Na verdade, oficializava-se com isso o ensino profissional destinado aos pobres, instituindo-se oficialmente a discriminação social na escola (ROMANELLI, 1980, p. 153).

Agora já na segunda fase do governo de Getúlio Vargas, muito mais autoritária, chamada de Estado Novo, evidenciou a educação profissionalizante. A Reforma Capanema, valendo - se das Leis Orgânicas do Ensino e de vários outros decretos, organizou o ensino industrial, criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, regulamentou o ensino secundário e comercial. O movimento renovador ficou adormecido, e seus ideais foram colocados em segundo plano. A reestruturação do ensino secundário reforçou seu caráter acadêmico e propedêutico, dividindo-o em dois ciclos: o primeiro, chamado ginásial e o segundo, subdividido em clássico e científico.

Agora já em 1945, com a Regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário- FNEP - parecia que os problemas educacionais estavam superados. Porém, como mostra Paiva:

[...] a mera ajuda da União não era suficiente para solucionar o problema da difusão do ensino, e os educadores começam a identificar também nos impasses qualitativos grande parte das dificuldades encontradas. Inicia-se, então, a busca de novos métodos de ensino e de organização escolar (PAIVA, 1987, p. 145).

Entre 1946 e 1958, as redes de escolas começam a ser ampliadas e um quantitativo de 15.000 escolas são construídas, porém essa ampliação não foi seguida de um crescimento qualitativo. As escolas construídas em locais de difícil acesso, sem professores e sem alunos, evidenciaram problemas qualitativos como: professores leigos, falta de motivação e rendimento escolar e elevado índice de evasão e repetência (PAIVA, 1987).

Durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, em 1946, foi decretada uma nova Constituição, sensivelmente mais democrática do que a anterior, que traz de volta a educação como “direito de todos”. Este termo, presente na Constituição de 1934, havia sido suprimido na Constituição de 1937. Segundo Cury,

a Constituição de 1946, ao repor o Estado de Direito, traz consigo também a dimensão liberal-descentralizadora e reinsere a educação como direito do indivíduo e obrigação do poder público. Também são repostos os preceitos de 1934 que a ditadura havia cortado (CURY, 1996, p. 10).

O país passa por um momento de crescimento industrial na década de 60 e são feitos vários investimentos estrangeiros na indústria nacional, uma nova capital federal é construída e é visível o período de modernização e crescimento econômico no país. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 4.024, promulgada em 20 de dezembro de 1961, centro das discussões dos educadores por mais de dez anos, acabou abandonando algumas conquistas da legislação anterior, principalmente quanto à obrigatoriedade do ensino.

O artigo 27 declara obrigatório o ensino primário a partir dos sete anos, porém, o artigo 30 isenta o Estado do cumprimento dessa obrigatoriedade:

Art. 30. Não poderá exercer função pública, nem ocupar emprego em sociedade de economia mista ou empresa concessionária de serviço público o pai de família ou responsável por criança em idade escolar sem fazer prova de matrícula desta, em estabelecimento de ensino, ou de que lhe está sendo ministrada educação no lar.

Parágrafo único. Constituem casos de isenção, além de outros previstos em lei:

- a) comprovado estado de pobreza do pai ou responsável;
- b) insuficiência de escolas;
- c) matrícula encerrada;
- d) doença ou anomalia grave da criança. (BRASIL, 1961)

Após o golpe que deu início ao Regime Militar, em 1964, o país entra na fase do chamado “Milagre Econômico”, e no campo da educação, duas leis são promulgadas: a Lei 5.540/68 regulamentou a reforma universitária, e a Lei 5.692/71

fixou as diretrizes e as bases para o ensino de 1º e 2º graus. Houve um crescimento no ensino universitário, porém os investimentos foram feitos de forma limitada e insuficientes: “esse crescimento acelerado ocorreu de forma desordenada, sem observância às exigências mínimas de qualidade” (LEITE; DI GIORGI, 2009, p. 13). Houve a fusão entre primário e ginásio num único ciclo (ensino de 1º e 2º), aumentando-se a obrigatoriedade do ensino para 8 anos.

A profissionalização no ensino médio foi feita de maneira a conter a demanda do ensino superior. Segundo Romanelli, como a Universidade continuava sendo um fator de mobilidade social, a profissionalização seria uma forma de conter a necessidade de entrada no ensino superior, limitando-o apenas aos mais capazes.

A profissionalização do nível médio, portanto, era vista como uma exigência que teria como resultado selecionar apenas os mais capazes para a Universidade, dar ocupação aos menos capazes e, ao mesmo tempo, conter a demanda de educação superior em limites mais estreitos. (ROMANELLI, 1980, p. 235)

2.2 O ENSINO DA ARTE E AS CONCEPÇÕES POLÍTICAS

Componente curricular obrigatório desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, o ensino de Artes esta garantido na Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, determinando no artigo 26, § 2º: “O ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

No artigo 26-A, a Lei torna obrigatório no ensino fundamental e médio o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003) e será obrigatório em todo o currículo incluindo em especial a disciplina de Artes.

No artigo 36, em relação ao ensino médio é destacada a compreensão das artes, o processo histórico da formação da sociedade e da cultura.

Partindo desse princípio de promover o desenvolvimento cultural, a intenção é apresentar o conceito construído sobre Arte, Educação Artística e Arte–educação, e abordar, também, de forma breve, o que dizem as políticas educacionais vigentes sobre o ensino de Arte nas escolas brasileiras.

2.2.1 Concepção de Arte

Com o propósito de garantir uma aula com qualidade e acima de tudo prazerosa, além do conhecimento e conteúdos metodológicos, é necessário submeter a sensibilidade por parte do educador sobre o que vem a ser Arte e conscientizar sobre a importância do ensino no desenvolvimento pessoal e social do aluno.

Atualmente é de suma importância mudar o pensamento de que a criatividade é importante somente no campo da Arte, pois muitas vezes é no momento das aulas de Arte que o aluno terá a única oportunidade de desenvolvê-la primeiramente, visto que é primordial desenvolver o pensamento criativo como meta para geração de conhecimentos futuros.

De acordo com o tempo que estão vivenciando filósofos e artistas conceituam a Arte. Todos têm algo em comum, conceituar ela é muito complexa. Segundo Abbagnano (2000, p. 81),

Arte designa todo um conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana, podendo ser dividida em dois grupos ou áreas de conhecimento, a judicativa que consiste em apenas conhecer e a dispositiva ou imperativa, que simplesmente dirige determinada atividade do conhecimento.

Já Zagonel (2008) fala que a tarefa de tentar defini-la gera discussões intermináveis, motivo este de não haver uma definição abrangente ou precisa. Isso pode ser ou levar ser usada com diferentes significados ao ser trabalhada: a Arte de executar bem alguma tarefa, a Arte de preparar algo ou de dominar alguma técnica, ou pode ser usada corriqueiramente e popularmente para definir quando a criança está inventando algo diferente: “Essa criança faz muita arte”.

Segundo a autora, a Arte é formada a partir de códigos particulares e sua compreensão vem do hábito das pessoas em apreciá-la e dos conhecimentos adquiridos sobre ela, e as pessoas não familiarizadas têm uma propensão à cegueira ou à surdez estética.

A Arte para Coli (1995 p.10), é uma possível explicação, definição ou emissão de um juízo de gosto sobre os objetos. Essa definição nos leva a pensar que ela é o que julgamos ser de um determinado objeto de acordo com o nosso gosto.

A Conceituação da Arte depende de quem a formula e da época dessa elaboração. Não é possível entender a cultura de um país sem conhecer sua obra

artística. Um artefato assim considerado a Arte, uma linguagem, emoção e conhecimento. É através das artes, que se desenvolve a percepção, a imaginação, a capacidade crítica e a análise da realidade de maneira a transformá-la. Barbosa (2003) em uma entrevista à Revista Art, a conceitua de forma clara. Ela diz que: "Arte é artefato, não é natureza. Arte é linguagem representacional que pode intertextualizar com outras linguagens [...]. Arte é emoção, porém representada de forma comunicável, portanto, passando pelo crivo do inteligível" (BARBOSA, 2003). A Arte existe desde os tempos mais remotos, ela sempre esteve e está presente no mundo.

As relações e maneiras de ver e sentir do homem é que se diferenciam com tais objetos. A Arte vem do pensamento e o homem a materializa, seja por meio de escrita, gesto, fala ou imagem. Uma obra artística não acaba com o tempo, em cada época, ela nos mostra que é capaz de ser transcendente —imortal feito por mãos mortais, adquire presença tangível para fulgurar e ser visto, soar e ser escutado, escrever e ser lido (ARENDDT, 1981, p, 181).

2.2.2 Concepção de Educação Artística

Quando se fala em Educação Artística existe uma discussão em seu entorno no Brasil. Com diferentes tipos de conhecimento essa educação, visa à criação de significados de formas artísticas apresentadas por significados e por meio das imagens visuais, sonoras, corporais ou literárias. Segundo Silva (1998, p, 1):

a educação artística corresponde com a formulação, quer teórica quer prática, de uma constância normativa, transformada no esgotamento das suas possibilidades, na prescrição de uma regra cultural, isto é, na concepção estável de uma forma de identidade e de controle da cultura.

A educação realiza formas e maneiras úteis de formação artística. Em 1971, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB, 5.692/71 concebida em um momento histórico, político, econômico e cultural do país fortemente demarcado e moldado por um projeto de sociedade, de homem, de educação, caracterizados e influenciados pelos efeitos ideológicos desenvolvidos e implantado pela ditadura militar em diferentes segmentos da sociedade brasileira de tal período – (1964-1985). O período do golpe militar de 1964, ocorrido no Brasil, tem, em suas características, um Estado brasileiro organizado e governado pelos militares, e é caracterizado pela falta de democracia, por supressão de direitos

constitucionais, pela censura, pela perseguição política e pela repressão aos que eram contra, o regime militar; na qual se situa, como tal, em posição abaixo da Constituição Brasileira. Um educador brasileiro lembra-nos que,

Considerando-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional como a Lei maior da educação no país, por isso mesmo denominada, quando se quer acentuar a sua importância, de — carta magna da educação, ela se situa imediatamente abaixo da constituição, definindo as linhas mestras do ordenamento geral da educação brasileira. Dado este caráter de uma lei geral, diversos de seus dispositivos necessitam ser regulamentados através de legislação específica de caráter complementar. E é precisamente nesse contexto que vai se processando, através de iniciativas governamentais, o delineamento da política educacional que se busca implementar (SAVIANI, 2004, p.2).

2.2.3 Arte-Educação

Muitos professores atualmente se veem inseguros ao planejar suas aulas de Artes, dentre os motivos estão: resquícios de uma formação escolar tradicionalista; as lacunas no aprendizado de Artes durante o curso de graduação e a falta de especialização. Essa insegurança pode ser em alguns casos falta de experiência teórico-prática que vem refletindo na postura dos mesmos, ou as aulas que não ultrapassam os cadernos ou são pouco motivadoras.

Quando se escolhe trabalhar de forma diferenciada para alcançar o aprendizado isso pode trazer a tona certa insegurança, principalmente por exigir um pouco mais de reflexão do professor sobre a prática pedagógica. A falta de definições para trabalhar as diferentes modalidades artísticas também está presente na queixa de muitos profissionais da área, que acabam explorando mais o campo das artes visuais e deixando de lado as modalidades: teatro, música e dança, modalidades essas que aparecem na nova BNCC e que de alguma maneira pode trazer novamente a insegurança por não ser bem definida.

A Arte desenvolve a criatividade e outras habilidades, se os conteúdos são aprendidos. Partindo desse ponto, segundo Duarte Jr (1991) afirma que estudar arte-educação não significa que a pessoa virá a ser artista, a arte-educação — quer significar uma educação que tenha a arte como uma de suas principais aliadas. Diversos autores têm realizado estudos que norteiam a Arte-Educação, como: Eisner (2008), Barrett (1979), Duarte Jr (1991, 1995), Dewey (1980), Gloton; Clero (1973), Read (1954), entre outros. Para eles, a Arte-Educação é bastante complexa,

cada um, tem um ponto de vista, às vezes contraditório, no final se fundem em um único pensamento e crenças no papel da Arte-Educação.

No Brasil o Movimento de Arte-Educação, teve influência de Dewey na Semana da Arte Moderna, em 1922, teve a contribuição da artista Anita Malfatti e Mário de Andrade, os quais se apoiavam nas ideias de livre-expressão. O Movimento se constituiu fora da escola regular.

Em 1930, esse movimento vinculou-se às novas exigências educacionais, deixando a Arte de livre-expressão e abrindo espaço para a industrialização, ou seja, arte capitalista. Ainda nessa década, o educador Anísio Teixeira foi convidado para organizar os programas para as disciplinas das escolas primárias na Bahia. Através do projeto de novos programas e da inter-relação de disciplinas, produziu uma mudança que venceu o antigo sistema de escolas para perpetuação das classes sociais (BARBOSA, 2004). Inserida por esse professor, ainda nesse contexto, a educação corporal e relacionou trabalhos manuais e exercícios físicos com atividades intelectuais, criou as Escolas Parque, entre outras ações; rompendo na época, com padrões estéticos e metodológicos.

Com novas metodologias, o grupo de Arte-educadores trouxe diversas discussões o ensino e a aprendizagem de Arte nas escolas. O movimento ganhou força em 1988 com as discussões para a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), a qual retiraria a obrigatoriedade do ensino das Artes do currículo escolar; o que não aconteceu.

Em 1980, o movimento Arte-educação teve como finalidade inicial — conscientizar e organizar os professores, resultando na mobilização de grupos de professores de Arte, tanto da educação formal como na educação informal (BRASIL, 2000, p. 30). Surge então, um crescimento nas discussões sobre a valorização do professor, as políticas educacionais para as Artes e Arte-educação, e ação cultural na realidade brasileira. Defini-se então, o movimento de Arte-Educação e o fazer artístico, o conhecimento histórico e a apreciação estética.

A livre-expressão e o desenvolvimento psicológico são idéias que conduzem a Arte Educação e proporcionam o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. Segundo Read em 1954, Read é por meio da Arte que se pode promover o progresso e o entendimento maior entre os povos do Universo. Ele

propõe, a tese de que a Arte seria a base da educação, ressaltando a importância da educação estética na regeneração moral da humanidade.

No Brasil, movimento de Arte-Educação tem influência até a época vigente. Segundo Barbosa (2002a, p. 52), “a maioria dos métodos introduzidos sob a inspiração de Dewey no ensino de Arte no Brasil continuam sendo utilizados e muitas vezes considerados vanguarda educacional”.

Dewey (1980) defendia uma educação estética do indivíduo como via de transformação de uma racionalidade tecnológica emergente, defendendo uma aprendizagem centrada na experiência da criança. Para isso, considerou dois princípios fundamentais: primeiro, a escola deve ser o núcleo da vida em comunidade; segundo, a educação deve partir da experimentação. Para o filósofo, pedagogo norte americano, a escola é um instrumento ideal para estender a todos os indivíduos os benefícios que a Arte provoca como expressão do relacionamento entre várias atividades.

Os princípios e as idéias fundamentaram a Arte-Educação multiplicaram-se no país por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de Arte Educadores, entidades públicas e particulares, com o intuito de rever e propor novos andamentos à ação em Arte (BRASIL, 1997). O movimento expandiu as discussões sobre a valorização do professor dentro da escola e da Arte.

2.3 PROFESSORES DE ARTE- APRENDIZAGEM E ENSINO

Para apurar sobre o ensino de Arte na escola e o que é ensinado foi feito um levantamento para saber se o que os professores ensinam está relacionado ao que aprendem e foi percebida que a maioria se pauta em discussões vindas do PCN-Arte (Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte) e a DCN de Artes Visuais (Diretrizes Curriculares Nacionais de Artes Visuais), instrumentos de orientação do ensino fundamental e superior decorrentes da Lei 9.394/96. Para definir parâmetro utilizamos o Dicionário Aurélio, que diz assim: “2 [...] Todo elemento cuja variação de valor modifica a solução dum problema sem lhe modificar a natureza; 3 [...] Critério, padrão, norma de comparação ou avaliação”.

Através destas definições analisei o PCN-Arte, que demonstra um critério orientador de como a Arte deve ser ensinada na Escola. Devido a isso, se faz uso do

PCN-Arte de Ensino Fundamental, já que as entrevistas foram realizadas com professoras que atuam com alunos de 6º a 9º ano. A área de Arte é caracterizada sem divisão em linguagens, dimensão social da atividade artística socializando a visão, a escuta e os demais sentidos no PCN, assim, através desses sentidos, a atividade artística vai criando significados.

Capaz de transformar continuamente a existência dos alunos a Arte, ensina de forma flexível com condição fundamental para aprendizado. Portanto, o conhecimento em Arte é necessário para uma formação ampla do indivíduo, para formação de cidadão consciente do seu papel na sociedade e seu desenvolvimento pessoal.

O documento (MEC, 2001) faz um levantamento histórico de como o ensino de Arte foi trabalhado, e vem ao longo dos anos, com correntes pedagógicas, até chegar ao presente momento, no qual os professores da disciplina procuram trazer à tona respostas para questionamentos que surgem sobre a atividade artística. São eles: “Que tipo de conhecimento caracteriza Arte?”; “Qual a função da Arte na sociedade?”; “Que contribuição específica a Arte traz para a educação do ser humano?”; “Como as contribuições de Arte podem ser significativas e vivas dentro da escola?”; “Como se aprende a criar, experimentar e entender Arte e qual a função nesse processo?”. Tais perguntas que o documento aponta como indagações sobre o que o ensino de Arte pode proporcionar no contexto escolar, o que compreendem os conteúdos, o ensino e o aprendizado em Arte.

É proposto pelo PCN um novo foco para pensar Arte na escola como um todo, envolvendo os conteúdos, o ensino e a aprendizagem, e não apenas o fazer. Quando levado a uma reflexão deve relacioná-la às formas produzidas, analisadas em obras de Arte e também quanto à História da Arte e à Estética envolvidas, pois é assim que se espera que seja trabalhada a disciplina de Arte nas escolas. Ainda sobre o documento, Arte e Ciência correspondem a uma construção de objetos de conhecimento que abrangem as relações sociais, políticas e econômicas, sistemas filosóficos e éticos que formam o conjunto de manifestações simbólicas de uma determinada cultura. O conhecimento artístico deve ser trabalhado como produção e fruição onde os trabalhos dos alunos são o ponto de partida, revelando possibilidades para a comunicação e a relação com a realidade histórica e cultural e como reflexão sobre ambas as atividades. A Arte não apenas reflete uma realidade

ela representa o ponto de vista do artista resultados da experiência da apreciação individual.

Os conteúdos de Arte devem estar relacionados à aprendizagem artística dos alunos, possibilitando o desenvolvimento de forma contínua em relação ao conhecimento artístico e também estético, dessa forma o processo se dará por meio das formas artísticas no exercício do processo criativo ou pela observação das formas presentes na natureza, ou ainda pelo contato com obras de Arte presentes em diferentes culturas.

A análise e a apreciação das formas constituem uma contribuição para o processo pessoal de criação artística dos alunos, como também para o conhecimento significativo da função exercida pela Arte nas diferentes culturas humanas. Acreditasse que é necessário contemplar as diferentes formas artísticas ao longo da escolaridade, deixando o critério de distribuição a cargo das escolas e seus respectivos professores, isso resulta na definição da disciplina de Arte de acordo com a formação do professor da escola.

É importante que o professor ofereça ao aluno contato com as formas visuais e possibilite o reconhecimento e análise delas a partir da sua presença na natureza e na cultura; dessa maneira, a percepção da imagem não se restringirá apenas à produção dos alunos, mas obras de Arte em geral, abrangendo a cultura visual ampla, incluindo a Publicidade, o Design, o Desenho Industrial e o Desenho Animado.

A Arte Visual segundo o PCN-Arte realça o produto cultural e histórico que necessita de observação, estudo e compreensão de diferentes movimentos artísticos, artistas e obras de Artes Visuais em diferentes culturas e contextos históricos, e ainda propõe um contato frequente com leitura e discussão de textos simples, de imagens e informações diversas sobre os artistas e sua produção, bem como as biografias desses artistas.

É preciso que haja valorização da divulgação dos bens culturais por meio da organização de sistemas para a documentação e observação deles, a visita a museus, mostras e galerias como fontes de informação e comunicação artísticas culturalmente reconhecidas. Os alunos assimilam os conteúdos em cada momento escolar e por isso é necessário criar oportunidades diferenciadas para trabalhar a arte, torná-la atraente e envolvente, o professor por sua vez deve identificar o que é

relativamente importante ao aluno aprender com sua prática ou no saber da área, articular a percepção, imaginação, emoção e idéias na experimentação com suportes e materiais, utilizando técnicas e procedimentos.

Isso tudo é possível quando o educador planeja se apóia nas reflexões desenvolvidas no curso de formação; na profissão docente, é fundamental que os professores mobilizem os conhecimentos, transformando-os em ação. Não basta que o professor domine os conhecimentos específicos a ensinar, mas também deve compreender questões envolvidas em seu trabalho com autonomia e coragem para tomar decisões, tendo ainda a responsabilidade para assumir as opções feitas, é saber avaliar criticamente a própria atuação no contexto em que atua, interagindo de maneira cooperativa com a comunidade profissional à qual pertence e também com a sociedade.

Então surge um questionamento, como o docente dever atuar? Como um profissional que usa os conhecimentos das disciplinas específicas para atuar na profissão, que é ensinar e promover a aprendizagem de crianças, jovens e adultos. Nesse olhar, na interação com outras áreas proporciona o amadurecimento da linguagem pessoal do professor com a intenção de desenvolver, buscar uma qualificação técnica e conceitual num contexto amplo da Arte.

2.4 FORMAÇÃO CONTINUADA

Sobre a capacitação realizada pelas professoras em conversa o que ficou evidenciado que se capacitam e se atualizam lendo livros e revistas, buscando textos e imagens na internet e mantendo uma troca constante com outros professores, principalmente no momento reservado a elas no planejamento e que complementam fazendo cursos de curta duração. Os cursos de formação continuada oferecidos pela Secretaria de Educação Municipal específico na área de Artes foram poucos, pois a formação é realizada para se trabalhar táticas docentes onde todos os professores da rede são agraciados na mesma oportunidade. Quanto ao curso específico a avaliação feita foi de que valeu a pena, e que ainda integrou a disciplina de Matemática deixando claro que as parcerias entre as disciplinas podem e devem acontecer e que isso pode ser prazeroso aos alunos.

Nos outros cursos onde o corpo docente do município estava reunido, as opiniões foram que parece que a empresa que aplicou a formação achava que os professores não sabiam nada! Ficavam falando coisas óbvias! Subjugavam a capacidade dos professores. Para as entrevistadas, é uma pena que não haja cursos na área oferecidos com mais frequência.

O interesse por realização de cursos é vista por parte das professoras, como algo constante na capacitação, seja pelos cursos organizados pela Secretaria de Educação, ou por cursos frequentados por iniciativa própria, além da busca por leituras de diferentes áreas do conhecimento. Conforme relato, são poucas ofertas de cursos na área, constata-se que são limitados os investimentos em cursos de formação continuada para a área de Arte e que, apesar de ter sido aprovada uma legislação que dá tratamento coerente ao ensino de Arte, aliando conteúdo, criação e apreciação estética, ainda está presente no meio do sistema educacional um entendimento restrito sobre o ensino de Arte e sua importância na formação dos estudantes. Conforme visto, os cursos oferecidos nem sempre atendem a todas as professoras.

No decorrer dessa discussão, concluiu-se que as professoras, têm buscado e investido em suas carreiras e ao mesmo tempo em que enfrentam várias dificuldades, especialmente aquelas impostas pelo sistema educacional, também, pelo desgaste provocado pelo excesso de responsabilidades e trabalhos. Então a questão da desvalorização aflora e o auge dela pode ser notado quando o professor investe seus recursos próprios para realizá-los.

2.5 AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS E O ENSINO DA ARTE - AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

No Governo João Goulart, foram promulgadas as Diretrizes e Bases da Educação Nacional através da Lei 4.24, de 20 de dezembro de 1961. Essa lei, no seu Art. 26, parágrafo único, determinava que os sistemas de ensino poderão estender a sua duração até seis anos, ampliando, nos dois últimos, os conhecimentos do aluno e iniciando-o em técnicas de artes aplicadas, adequadas ao sexo e à idade (BRASIL, 1961, p.156) e mais, no Art. 38, item IV, a organização do

ensino de grau médio deveria observar as normas e incluir atividades complementares de iniciação artística. Esses dois artigos vigoraram por dez anos.

Por meio da Lei 5692, em 1971, no artigo 7º, torna-se obrigatória a Educação Artística nos currículos de 1º e 2º grau. Com a titulação de atividade educativa e não disciplina, no Parecer nº 540/77 do MEC, consta que: “não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao saber das tendências e dos interesses” (BRASIL, 2000, p.28).

Seguindo essa linha de pensamento, nessa lei, acrescenta-se a importância ao estímulo da livre expressão. Não fala sobre sua organização, na qual se estabeleceriam os planejamentos das aulas com objetivos, métodos e avaliações. Nessa época, o sistema educacional enfrentava dificuldades em relação à formação dos professores; muitos sem habilitação e preparação para o domínio de várias linguagens artísticas como Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas. Já entre os anos de 1970 e 1980, os antigos professores e os recém-formados em Educação Artística viram-se responsabilizados por educar os alunos em todas as linguagens artísticas, tornando-se professores polivalentes em Arte. Com isso, o ensino enfraqueceu, visto que o professor trabalhava com propostas e técnicas separadas, dando a ilusão de que seria o bastante para se aprender todas as formas de Arte.

O resultado dessa formação esfacelada produz várias gerações de professores de Educação Artística com concepções superficiais da Arte e de seu ensino; logo os docentes responsáveis pela formação desses professores eram especialistas em suas próprias linguagens. A ideia da polivalência nas artes é desestruturada pela própria estrutura dos cursos. Queriam formar professores polivalentes com professores especialistas para atender à procura de profissionais qualificados.

Em 1973, o Governo Federal criou cursos de licenciatura em Educação Artística, que não foram suficientes, pois a demanda era grande. A disciplina Educação Artística foi tornada obrigatória, mas não criaram condições para que o trabalho do professor e as atividades artísticas pudessem ser atendidas.

Assim como os dias atuais, faltavam recursos para o professor, espaço para a arte cênica, recursos para a pintura era pequeno, carga horária, entre outros.

Nessas condições os professores de Arte acabaram por desempenhar um papel decorativo no interior da escola (DUARTE JR, 1995, p.135).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) entra em vigor em 20 de agosto de 1996 e buscou uma proposta de educação que viesse a atender os anseios dos programas mundiais de erradicação do analfabetismo e de possibilidade de todos terem acesso à escola e nela permanecerem. O contexto da LDB de 1996 era de pós-Constituição federal de 1988, sofrendo influência de documentos internacionais como a Declaração Mundial de Educação para Todos, de Jomtien (1990), e o acordo de Salamanca (1994), que eram direcionados a minimizar os déficits educacionais mundialmente (FIORIN; FERREIRA; MANKEL, 2013).

Aprovada no Governo de Fernando Henrique Cardoso ficou conhecida como LDB de 9.394/96, e a partir dela, a Arte ganhou importância: de mera atividade se igualou às outras disciplinas, com a denominação de Arte e tornou-se obrigatória na Educação Básica. No Art. 3º dessa LDB, a Arte é citada no inciso II: Art. 3º — O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios [...] II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a Arte e o saber (BRASIL, 1996).

Em relação ao capítulo da Educação Básica, das disposições gerais, o inciso IV do Art. 24 confere uma flexibilidade referente às turmas de diferentes séries. Esse artigo dispõe que poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares (BRASIL, 1996).

Organizado para direcionar os currículos escolares os PCN, não tinham um caráter de obrigatoriedade, ficando apenas como sugestão de referências curricular, o Art. 26, parágrafo 2º da LDB refere-se à Arte como componente obrigatório:

O ensino da arte especialmente em suas expressões regionais constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (BRASIL, 1996). E, a partir dessa obrigatoriedade, as décadas seguintes tornaram-se palco de novos debates, destacando-se, entre estes: o conteúdo a ser ensinado nas aulas de Arte e a formação do professor de arte (UEM, 20-).

A base nacional comum deveria envolver, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa, da matemática, do conhecimento do mundo físico e natural bem como da realidade social e política.

O Art. 32, seção III do Ensino Fundamental, deixa claro que:

O ensino fundamental obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante [...] II, a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade (BRASIL, 1996).

No Art. 36, Seção IV, lemos que o currículo do Ensino Médio deverá observar as seguintes diretrizes:

I – destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania (BRASIL, 1996).

Foi decretada e sancionada uma emenda em 2008, pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva no que se refere à Música no currículo escolar. Essa emenda alterava a Lei nº 9.394/96 e dispunha a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.

Observamos a LDB atual com a lei 5692/71, que a lei vigente trata o ensino de Arte como se fosse uma linguagem artística distinta na escola. Não se menciona a educação artística, mas sim a Arte e o seu ensino. O que indica essa variação de nomes? Pensamos que a troca de denominação, nem sempre, deixa claro a transformação de argumentos, pressupostos e práticas implícitas, fazendo com que, na verdade, as linguagens sejam separadas, embora aprisionadas em uma área chamada Arte e que apesar das diferentes linguagens, nem sempre, ocorre na realidade. Nos deparamos na realidade, é com a exclusividade da aula de Artes plásticas, deixando os alunos sem contato com outras linguagens artísticas, como a música, a dança e o teatro.

Foi proposto pelo Ministério da Educação uma promulgação do PCN-Arte, para dar maior suporte à LDB/96, e assim estabelecer pilares para guiar a educação formal e a própria relação escola-sociedade no cotidiano, com o objetivo principal de padronizar o ensino no país. Esses parâmetros foram constituídos a partir de estudos que buscavam desenvolver no meio escolar, aspectos como a natureza e a abrangência da Arte-educação e as práticas educativas e estéticas, levando o aluno a ampliar sua imaginação, percepção, sensibilidade e cognição (BRASIL, 2000, p.15). Eles priorizam a Arte na composição do currículo obrigatório no ensino, uma conquista dos Arte/Educadores após longa luta em prol da importância da Arte na formação do aluno.

2.5.1 Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN

Em 1995 foi o ano de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), mas que só começaram a chegar às escolas a partir do final de 1997, quando o MEC publicou o primeiro conjunto de documentos, destinado às quatro séries iniciais do ensino fundamental, com ampla divulgação pelos meios de comunicação. Esses Parâmetros foram propostos como norteadores na elaboração dos planos de aula, sem caráter obrigatório e seus conteúdos podem ser trabalhados em qualquer ordem, conforme decisão do professor. O seu uso é obrigatório apenas na rede pública de ensino, nas redes particulares e municipais seguem suas próprias diretrizes. A partir de sua implantação, os PCN suscitaram discussões em que se polarizam posições que vão desde a adesão entusiasmada à total rejeição. Em meio às expectativas quanto às suas implicações e possíveis repercussões nas salas de aula do ensino fundamental, têm se apresentado, como objeto de discussão mais frequente, questões que vão da necessidade ou não da existência de parâmetros curriculares com abrangência nacional à natureza de seus conteúdos e propostas, ou, ainda, quanto à forma com que os mesmos foram elaborados. Tais reflexões e, ainda, uma análise crítica bem detalhada poderá ser encontrada pelo leitor na publicação do Grupo de Integrado de Pesquisa em Ensino das Artes, da UFPB, “É este o ensino de arte que queremos? Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais” (PENA; CARVALHO; FONSECA, 2001).

Desenvolvidos por Ana Mae Barbosa, os PCNs-Arte seguem uma estrutura na Proposta Triangular; nessa proposta, os conteúdos estão articulados dentro do processo de ensino e aprendizagem; eles se apresentam por intermédio de ações, em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar a Arte. Segundo essas diretrizes, a proposição sobre aprender e ensinar Arte tem por finalidade apresentar ao professor uma visão global dos objetivos, critérios de seleção e organização dos conteúdos e orientações didáticas e de avaliação da aprendizagem de Arte para todo o ensino fundamental (BRASIL, 2000, p.19).

Com base nesse contexto, a mediação do professor é importante, cabe a ele escolher e direcionar as atividades. O objetivo do ensino da Arte é propiciar a capacidade de criação e produção bem como e o aprendizado estético, nas

linguagens artísticas definidas nas Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. Parte-se do princípio de que, na contemporaneidade, a comunicação e expressão são essenciais, pois o aluno, por meio delas, expande seu conhecimento, desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação.

A Arte também contribui para a capacidade de o aluno relacionar-se com outras disciplinas e outras culturas, ampliando seu conhecimento interdisciplinar e sua percepção sobre o que está a sua volta. Para Bertoni (2011, p. 91), a comunicação e expressão, além de expandirem os conhecimentos dos alunos, também “fortalecem suas relações com o mundo, tanto interna como externamente”. Isso tudo possibilita que o aluno tenha um olhar crítico acerca do que existe, criando condições para mudar a realidade.

Apresentada pelos PCN como disciplina a Arte, tem uma linguagem necessária para todo o desenvolvimento do aluno e com saberes específicos. A Arte nos ensina que “é preciso reorganizar referências a cada momento; e o fato de estar aberto a novas experiências é um requisito essencial para a aprendizagem” (BRASIL, 1998, p. 20). Uma possível síntese, nesse aspecto, poderia ser:

[...] O objetivo do ensino de Arte na escola é possibilitar que o aluno desenvolva os sentidos de modo a integrar a dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade, para a formação da identidade e da consciência do jovem, de forma a inseri-lo na sociedade como cidadão participativo (BRASIL, 1998, p. 20).

A organização e a escolha de conteúdos gerais de Arte têm como fundamento a depuração de alguns critérios, que conduzem o delineamento dos conteúdos de Artes Visuais, Música, Teatro e Dança (BRASIL, 2000). Esses conteúdos estão articulados dentro do contexto dos três eixos norteadores: 1 - a produção: refere-se ao fazer artístico dos alunos e dos produtores de Arte; 2 – a apreciação: refere-se à apreciação de arte e do universo; 3 – a construção: refere-se à construção de conhecimento sobre o trabalho artístico pessoal e dos colegas, não necessariamente nessa ordem.

A escolha dos temas é baseada em critérios que visam despertar a curiosidade, estimulando o conhecimento da própria cultura e a descoberta da cultura do outro em diferentes épocas. Os conteúdos gerais de Arte estão propostos para serem trabalhados na Educação Básica. Os de primeira a quarta série devem

ser definidos nas modalidades artísticas específicas. Assim, os conteúdos gerais do ensino fundamental de Arte, segundo os PCN são:

A arte como expressão e comunicação dos indivíduos; elementos básicos das formas artísticas, [...] técnicas, materiais e procedimentos na criação em arte; produtores em arte: vidas, épocas e produtos em conexões; diversidade das formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional: produções, reproduções e suas histórias; a arte na sociedade, [...] as produções e suas formas de documentação, preservação e divulgação em diferentes culturas e momentos históricos (BRASIL, 1997, p. 52).

Segundo Barbosa (2008, p. 99), a meta desse ensino é desenvolver nos jovens a disposição de apreciar a excelência nas artes em função da experiência maior que a Arte é capaz de proporcionar.

a) Artes Visuais

Os conteúdos incluídos nas Artes Visuais: pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial, fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação e performance. O ensino das Artes Visuais deve estar sempre atualizado. “A escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal” (BRASIL, 2000, p. 61).

Para o primeiro e segundo ciclos os conteúdos são: 1 - Expressão e Comunicação no fazer; 2 - As artes visuais como apreciação, como produto Cultural e Histórico.

b) Dança

Faz parte das culturas humanas e sempre integrou o trabalho, as religiões e as atividades de lazer. Através dela, uma pessoa pode expressar o seu estado de espírito, pois o corpo necessita movimentar-se, o movimento é a expressão do corpo. Segundo Brasil (2000, p. 67),

A criança é um ser em constante mobilidade e utiliza-se dela para buscar conhecimento de si mesma e daquilo que a rodeia. Nas ações do cotidiano,

como correr e pular. Ela se movimenta para adquirir melhor mobilidade e se expressar com liberdade.

Na escola, a dança, vem a desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento; favorece a criatividade. É, ainda, um instrumento que contribui para o desenvolvimento psicomotor, pessoal e a construção de conhecimento.

Na dança os conteúdos estão agrupados em três aspectos principais: 1- a dança na expressão e na comunicação humana; 2 – a dança como manifestação coletiva; 3 – a dança como produto e apreciação estética.

c) Música

Interage com todas as culturas e raças, contribui para a formação integral do aluno promovendo a expressividade e a sociabilidade; associada às tradições e às culturas de cada época. “A escola precisa abrir espaço para o aluno trazer música para a sala de aula, acolhendo-a, contextualizando-a e oferecendo acesso a obras que possam ser significativas para o seu desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação e produção” (BRASIL, 2000, p. 75).

Como conteúdo, a música tem a finalidade de garantir a presença dela, no Ensino Fundamental, dando ao aluno maiores oportunidades para o seu desenvolvimento. Os seus conteúdos estão agrupados em três aspectos principais:

1- comunicação e expressão em música: interpretação, improvisação e composição;

2 – apreciação significativa em música: escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical;

3 – a música como produto cultural e histórico: música e sons do mundo.

d) Teatro

A arte cênica no espaço escolar, promove oportunidades para o aluno vivenciar fatos através de dramatizações e construções de episódios, levando em conta a experiência de vida, conhecimentos e sentimento do aluno. “Ao buscar soluções criativas na construção de cenas, os alunos afirmam a percepção sobre eles mesmos e sobre situações do cotidiano.” (BRASIL, 1997, p. 88).

O teatro, como arte, foi formalizado pelos gregos, passando dos rituais primitivos das concepções religiosas que eram simbolizadas, para o espaço cênico organizado, como demonstração de cultura e conhecimento. É por excelência, a arte do homem exigindo a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação (BRASIL, 2000, p. 83).

Os conteúdos do Teatro estão agrupados em três aspectos principais, participação; o teatro como produção coletiva; o teatro como produto cultural e apreciação estética. Refletimos que cada escola inserida em uma determinada comunidade possui sua própria realidade social que difere da realidade de outras escolas localizadas em comunidades, bairros ou cidades diferentes. Esse fato interfere diretamente na maneira pela qual o professor irá escolher os conteúdos a serem aplicados, pois isso dependerá dos alunos para quem se dirige a ação pedagógica e não apenas dos recursos da escola.

Ao que se referem às leis, parâmetros, diretrizes e toda a gama de documentos legais que incentivam e direcionam esse ensino necessitam ser acompanhadas de modificações no espaço escolar. O corpo docente carece de reconhecimento profissional e atualização contínua, pois, sem adquirir um conhecimento básico em Arte, torna-se impossível contribuir para que uma consciência crítica e valores vinculados à Arte se desenvolvam em seus educando.

Sem preparo e reconhecimento profissional, não há uma condição digna de trabalho e de remuneração.

2.5.2 O Conteúdo Básico Comum – CBC

O Currículo Básico Comum conceitua a Arte como a “oportunidade de uma pessoa explorar, construir e aumentar seu conhecimento, de desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos”. Através de a Proposta Triangular, oferece possibilidades aos alunos na construção de conhecimentos, da apreciação, no fazer e na contextualização. Segundo o CBC, ensinar Arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em apreciação, reflexão e elaboração artística (PIMENTEL; CUNHA; MOURA, [2005], p. 12-13). Autores afirmam que:

Inserir o ensino de Arte de forma que a criação ordenada e ordenadora contribua para o desenvolvimento integral dos jovens, enriquecendo todo indivíduo que dela fizer uso; propor um programa exequível, disposto de

maneira simples, mas capaz de sintetizar em diferentes módulos as possibilidades da criação artística frente às novas tecnologias disponíveis no mundo contemporâneo (PIMENTEL; CUNHA; MOURA, [2005], p. 11).

O CBC de Arte afirma que não esgota todos os conteúdos a serem abordados na escola, mas apenas expressam os aspectos primordiais que não podem deixar de ser ensinados, na verdade não há uma flexibilidade para o docente ministrar o que considera relevante para o conhecimento dos alunos. O professor fica limitado em vários aspectos: pela quantidade de conteúdos (equivalente a 80% da carga horária, sendo o tempo restante destinado a atender as definições do projeto pedagógico da escola, o qual é orientado pelo CBC); pelas solicitações das coordenações pedagógicas. Os professores sofrem pressão para priorizar as determinações do CBC, passa não apenas pela busca de otimizar nos alunos as habilidades almejadas, mas até pela sua condição como professor, que se não lograr atingir o que lhe é determinado, pode afetar a premiação de sua escola e ainda ter decorrências negativas em sua carreira docente.

2.5.3 Base Nacional Comum Curricular

Com base na Base Nacional Comum Curricular, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e o Plano Nacional de Educação (PNE⁵), visa estabelecer metas e estratégias para a política educacional para os próximos dez anos (2014 a 2026). Com pensamento voltado para uma reforma em prol da melhoria na educação básica desde a Educação Infantil até o Ensino Médio propondo um modelo de currículo que facilite as práticas operacionais nas escolas, o Ministério da Educação apresentou uma proposta preliminar à Base Nacional Comum Curricular (BNCC⁶), estabelecida pelo Plano Nacional de Educação (PNE) com o objetivo de aprimorar a educação básica, criando estratégias e ações educacionais que elevem a qualidade da educação trazendo resultados positivos. A Base Nacional Comum Curricular –

⁵ O Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece diretrizes, metas e estratégias que devem reger as iniciativas na área da educação.

⁶ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

(BNCC 2017), é um documento de caráter normativo que define o conjunto ordenado e progressivo das “aprendizagens essenciais” que todos os alunos devem desenvolver ao longo de todas as etapas e modalidades da Educação Básica. Ela será o ponto para discutir as melhores propostas se visto que é a primeira vez, na história, que se permite participação e contribuição da população em um debate com tamanha relevância.

Exige – se que no currículo deve conter as atividades educativas que irão compor as aulas, levando-se em consideração a rotina, os espaços e os materiais que a escola disponibiliza. Cabe então ao professor, identificar como os campos de experiência podem ser manifestados em cada disciplina. Por exemplo, no campo “corpo, gestos e movimentos” pode ser integrado à disciplina de Artes, com atividades de dança, teatro e mímica. O campo “escuta, fala, pensamento e imaginação” pode incorporar tanto Artes, como História e Português.

A BNCC serve de referencial nacional para elaboração dos Currículos dos sistemas e redes escolares dos Estados, do Distrito Federal dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares. Conforme o ex-Ministro da Educação Renato Janine Ribeiro, a Base pode significar que qualquer aluno, em qualquer estado, município ou, escola, tenha o mesmo direito de aprendizagem e, se mudar de um estado para outro, tenha o mesmo currículo e que a ideia principal é renovar, adequar ao que já existe; e que ao incorporar orientações pedagógicas, conteúdos, ciclos e gradação facilite o trabalho do professor, para melhorar o processo de ensino e aprendizagem, trazendo sugestões para o professor trabalhar as habilidades referentes a cada tópico, sugeridos alguns “sites” de busca, vídeos, filmes e documentários.

A BNCC também é citada no Plano Nacional de Educação que estabelece como estratégias:

Pactuar entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, no âmbito da instância permanente de que trata o § 5º do art. 7º desta Lei, a implantação dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que configurarão a base nacional comum curricular do ensino fundamental (BRASIL, 2014, p. 4)

E estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos (as) alunos (as) para cada ano do ensino fundamental e médio, respeitada a diversidade regional, estadual e local (BRASIL, 2014, p. 8).

Aproximando-se mais do cotidiano da escola e em especial do trabalho docente, de forma bastante pragmática, pode-se destacar que um documento como a BNCC tem por objetivo “apontar aquilo que qualquer estudante em todo território brasileiro precisa aprender desde a Educação Infantil até o final do Ensino Médio” (BRASIL, 2017).

2.6 ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS DO ENSINO DE ARTE - A ABORDAGEM TRIANGULAR SEGUNDO ANA MAE BARBOSA

No fim de 1980 Ana Mae Barbosa enfoca a leitura crítica com o objetivo de reconfigurar a educação artística e assim propõe um novo início ao ensino de Arte. Mae cria uma Proposta Triangular de ensino de Arte ou Metodologia Triangular, e que mais tarde passou a se chamar Abordagem Triangular; ela teve como influencias as tendências internacionais; e essa abordagem foi desenvolvida e pesquisada no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP),

testada por uma equipe de doze arte-educadores. A equipe pesquisava a leitura de obras de arte do acervo do museu com crianças, adolescente e adulto sem nenhuma instrução técnica ou erudita sobre a Arte. Após sua estruturação, a proposta foi difundida em várias regiões do país através da Fundação lochpe 17 (BARBOSA, 1998, p. 35).

Dezessete anos depois, a Proposta Triangular através dos proponentes dos PNCs vem fazer parte da área de Arte. Na ocasião, a proposta foi apresentada de forma equivocada como uma “receita” e sua nomenclatura foi trocada por: fazer arte, leitura de obra e contextualização e em segunda alterada para: Produção, Apreciação e Reflexão nas séries iniciais e Produção, Apreciação e Contextualização nas séries seguintes.

A origem dessa abordagem segundo Barbosa (1998) se deve a uma dupla triangulação: de um lado, três vertentes do ensino e da aprendizagem: o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a contextualização da história arte e do outro lado, a tríplise influência que deu origem aos movimentos das *Escuelas aL Aire Libre* do México, os *Critical Studies* da Inglaterra e a proposta da *Disciplined-based Art Education* (DBAE) dos EUA.

Com base nessa abordagem, manifesta a construção do conhecimento em Artes, a interligação entre a experimentação, a codificação e a informação, ou seja, elabora-se um programa de ensino da partir de três ações básicas:

- i) ler obras de Arte – baseado na descoberta da capacidade crítica dos alunos, no sentido de que não se resume em certo ou errado, considerando a pertinência, o esclarecimento e a abrangência e o objetivo da interpretação é a obra e não o artista;
- ii) fazer Arte – baseado em estimular o fazer artístico, trabalhando a releitura, não como cópia, mas como interpretação, transformação e criação;
- iii) Contextualizar: resume em relacionar a História da Arte com outras áreas do conhecimento. Essa Tríade permite que o aluno compreenda uma obra de arte em que condições o faz.

Ana Mae afirma que a Arte é muito significativa, que a criança mesmo que não seja escolarizada, possui valores construídos a partir de sua vida familiar, das mídias que possui alcance bem abrangentes e da cultura local; ou seja, a orientação do professor de Arte não estaria de nenhum modo, infringindo ou influenciando sua criação.

A leitura realizada nessa abordagem não se limita a uma leitura crítica da materialidade da obra e de seus princípios decodificadores, se estende a leitura de mundo – Leitura de palavras, gestos, ações, imagens, necessidades, desejos, expectativas, por fim leitura de nós e do mundo em que vivemos (BARBOSA, 1998, p. 35).

Com a proposta triangular, o professor escolhe onde começar sem sequência, o que importa é que a obra de arte seja analisada para que se aprenda a ler a imagem dentro de um contexto histórico e se termine no fazer/produzir artístico.

Seguindo a linha de pensamento de Rizzi (2010) ele diz que é necessário estabelecer relações para que venha permitir a interdisciplinaridade no processo ensino-aprendizagem. Explanar sobre a obra de arte consiste em fazê-lo não só historicamente, é ir muito mais além das dimensões sociais, biológica, psicológica, ecológica, antropológica etc., pois contextualizar não é só contar a história da vida do artista que fez a obra, é estabelecer relações dessa ou dessas obras com o

mundo ao redor, e ainda, é pensar sobre a obra de arte de forma mais ampla, levantando questionamentos como, por exemplo, como foi criada a arte, como era o mundo e as pessoas daquela época e, a partir disso, comparar com os dias correntes, os materiais usados, os novos contextos.

No processo de aprendizado é necessário haver um entrelaçamento, não se podem separar cada fase e distanciá-las. Barbosa afirma que o processo de estudar e fazer arte têm que ser pensado a fim de desenvolver a cognição e a aprendizagem, pois diariamente somos bombardeados pela mídia, seja vendendo produtos, idéias, conceitos, comportamentos, slogans políticos ou não, o resultado é a incapacidade do ser humano de ler essas imagens e aprender por meio delas inconscientemente. É necessário estar atento ao discurso visual e se utilizar do mesmo para ensinar a gramática visual e sua sintaxe por meio da arte e conscientizar os alunos da produção humana de alta qualidade e prepara-los para compreender e avaliar todo tipo de imagem conscientizá-los que podem aprender com elas.

Para contextualizar uma obra de arte não é preciso limitar-se às informações biográficas e históricas; porém, são elas que complementam o entendimento da imagem. É importante aliar essa base teórica com o fazer artístico, com a prática, com a experiência, a vivência. Esse pode ser o momento em que haja a interação com a obra, aplicando, na prática, os conceitos estéticos e poéticos abordados durante a leitura e contextualização.

“A educação cultural que [também] se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor acerca do mundo visual e não uma educação bancária” (BARBOSA, 1998, p. 40). Como metodologia escolhida o professor trabalha a leitura de imagem, estética, semiótica, iconológica ou outra. De acordo com a metodologia escolhida, o professor faz com que o aluno passe por uma triangulação de aprendizagem, viabilizando possibilidades em desenvolver percepção, observação, imaginação e sensibilidade.

A valorização da disciplina como área de conhecimento se deu com a contribuição da Abordagem Triangular, com conteúdos próprios, fazendo assim com que a Arte deixasse de ser somente de livre-expressão, sem especificidade, uma arte do fazer por fazer.

Conforme Barbosa (1998, p. 38), — qualquer conteúdo, seja ela de natureza visual e estética, pode ser explorado, interpretado e operacionalizado através da Proposta Triangular, e que o educador pode transformar conscientizar e com autonomia propor a abordagem triangular no processo de ensino-aprendizagem citando como pontos principais a leitura de mundo, conscientização crítica a partir da contextualização da realidade do educando e levá-lo a agir para transformar, ou fazer. Pode de dizer que Barbosa reconhece a influencia do pensamento de Paulo Freire em suas teoria e práticas e que, apesar dele ter desenvolvido sua metodologia e teoria pedagógica em um campo amplo e nunca ter se desenvolvido diretamente ao ensino da Arte, o pedagogo se valia de leitura de imagens com situações do cotidiano do educando com a finalidade de alfabetizar adultos em zonas rurais. Isso nos leva a uma reflexão e crítica sociocultural que deixa marca na produção intelectual e posicionamento político da arte-educadora em sua trajetória.

2.7 REVISÃO DE LITERATURA

Foi realizada uma pesquisa sobre dissertações referente à Arte para saber quantas a relacionavam como disciplina; se mencionavam sobre o ensino dela e o papel do professor do ensino fundamental com o objetivo de saber se é uma questão discutida por profissionais da área, foi então que separamos três delas como referencia.

A primeira dissertação de mestrado a ser mencionada é **“O ensino da Arte na educação municipal de Uberlândia: Potencialidade e silenciamentos no campo do multiculturalismo”**, de autoria de Raquel Mello Salimeno de Sá, orientada por Mara Rúbia Alves Marques, defendida em 2007 por meio do programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

Ela fala sobre os avanços e das limitações instaladas em Uberlândia desde a implantação da Arte-educação no currículo das escolas municipais. Como a utilização método de pesquisa teórica e documental fala das relações entre Arte-educação, culturas e identidades com objetivo de entender/compreender a política educacional local que se expressa no currículo. A dissertação cita o questionamento sobre o papel exercido pelo Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEP), da Secretaria Municipal de Uberlândia, que não permitir o

avanço de formas de ensino de Arte vistas como nocivas à Arte-educação e ao multiculturalismo em Uberlândia. Esta pesquisa nos dar uma base para elaboração de questionamentos a ser feito em relação ao ensino da arte em Presidente Kennedy.

A segunda dissertação foi a **“Ensino de arte na educação municipal de Uberlândia: os impasses metodológicos e a realidade do ensino (1990-2003)”**, de autoria de Waldilena Silva Campos Araújo, orientada por Humberto Aparecido de Oliveira Guido, aprovada em 2008 por meio do programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

Essa faz uma análise documental sobre as Propostas Curriculares Nacionais para o Ensino de Arte (PCN) e as Propostas Curriculares Municipais, elaboradas pela Secretaria Municipal de Ensino de Uberlândia, analisando as rupturas e descontinuidades impressas nos documentos estabelecendo ou não uma relações com as mudança e ruptura reais de emancipação em relação a realidade educacional.

Esse trabalho pode contribui na observação de que os alicerces teórico-metodológicos adotados nas propostas da educação revelem fragilidades conceituais e incompatibilidades e conclui que muitos aspectos destacados pelos PCN, referentes às existências entre a produção teórica e o acesso dos professores a essa produção, podem ser testemunhados nas escolas municipais e no grupo de professores de Arte da rede municipal de ensino de Uberlândia, e que a formulação de um quadro de referências conceituais e metodológicas ainda é um desafio a ser superado.

Já a terceira a ser mencionada é **“A disciplina de Arte na escola pública: A constituição dos sujeitos professores de Artes Visuais”**, de autoria de Daniel Castro Oltramari, orientado pela professora Dra^a Diana Carvalho de Carvalho, aprovada em 2009 por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Essa faz uma análise sobre a carreira docente das professoras de Arte habilitadas em Artes Visuais, que atuam em escolas da rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, e utilizou uma entrevista semiestruturada com seis professoras da rede.

Ela contribui para uma reflexão sobre as relações existentes entre a constituição da carreira e o tipo de ensino de Arte produzido nesta realidade educacional. Aponta as dificuldades encontradas pelos professores entrevistados tais como: a falta de formação polivalente em Arte; falta de curso de formação continuada oferecido pelo Estado na área de Arte; falta de material e espaço específico dentro das escolas e desvalorização da disciplina por parte dos gestores e outros professores da unidade escolar.

A última citação, nos leva ao ponto onde queremos identificar no município a ser pesquisado, reforçando a ideia da necessidade de se realizar uma pesquisa sobre a Arte como disciplina no ensino fundamental de 6º a 9º anos, pois, pude perceber que são raras as pesquisas que tem como sujeito o professor do ensino fundamental com ensino de Arte.

Das três pesquisas encontradas, esta visa discutir não somente a Arte-educação restrita ao momento da aula de Arte, mas pretende discutir também, a relação da Arte dentro da escola, a importância dada pelos professores e equipe gestora, a função da Arte na formação do aluno e a relação do professor.

O objetivo da nossa pesquisa é analisar a situação atual do ensino de Arte nas escolas municipais de 6º ao 9º ano não somente como forma de expressão do aluno, mas também como formação cultural, fruição estética e social da criança na formação de sua cidadania.

Contudo, é possível visualizar o que já foi pesquisado sobre o tema e quais aspectos ainda precisam ser aprofundados, podendo recorrer ao banco de teses e dissertações.

3 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada foi a qualitativa, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o ensino de Arte no Brasil e a importância do ensino de Arte nas escolas, além da pesquisa bibliográfica foi feita uma pesquisa nas escolas municipais de Presidente Kennedy no ensino fundamental de 6º a 9º ano, com intenção de identificar como a disciplina Arte tem sido abordada nas escolas públicas.

A disciplina de Artes tem uma função valorosa para formação do aluno, porém, seu ensino enfrenta diversas dificuldades: e muitas das dificuldades informadas não estão restritas ao ensino da disciplina. É perceptível a insegurança de alguns professores em trabalhar o componente curricular supracitado conforme orientações encontradas nos PCN Artes, quanto as Artes Visuais, Teatro, Música e dança. São assuntos muitas das vezes, que geram desconforto por falta de especialização em áreas tão distintas. Assim quando indagados se sentem dificuldades para ensinar Artes, informam algumas daquelas com que se deparam no dia a dia de trabalho que geram sensações diversas.

A educação é o caminho para se desenvolver competências, e capacitar o aprendizado do individuo fazendo com que o mesmo saiba lidar com os problemas; sendo assim, pode se dizer que o conhecimento amplo de mundo é essencial, pois mobiliza os conhecimentos em conjunto, aprimorando a inteligência. É essencial mediar o conhecimento e ampliar a relação dialética entre professor e aluno e é importante que a escola tome para si o caminho para o desenvolvimento das competências pessoais e que impulse a formação formal que incentive a formação pessoal. Segundo Morin:

Registra-se a conclusão que se buscará fundamentar: a organização da escola é e continuará a ser marcadamente disciplinar; os professores são, e continuarão a ser, professores de disciplinas, não havendo qualquer sentido na caracterização de um professor de “competências” no entanto, urge uma reorganização do trabalho escolar que reconfigure seus espaços e seus tempos, que revitalize os significados dos currículos como mapas do conhecimento que se busca da formação pessoal como a constituição de um amplo espectro de competências e, sobretudo, do papel dos professores em um cenário onde as ideias de conhecimento e de valor encontram-se definitivamente imbricadas (MORIN, 2011, p. 124).

Voltando o pensamento sobre o ensino de Arte, pode se dizer que os resultados revelam ser um desafio a ser enfrentado constantemente pelos

professores, pois os problemas decorrentes de atuar em escolas estruturalmente fragilizadas, pela escassez de recursos materiais e humanos, pelas mudanças impostas por legislações e determinações sobre as quais os profissionais da escola não têm qualquer influência, são reais e impactam na sala de aula.

Ainda, a profissão tem sido sistemática e reiteradamente desvalorizada: já que na maioria das vezes os profissionais que atuam nas escolas não são efetivos e, assim no Espírito Santo como em outros estados, predomina a contratação temporária, que dificulta a “ligação” do professor com a instituição e a comunidade. Como o seu tempo de permanência em determinadas escolas se limitam ao seu contrato, a ligação desse professor com a comunidade escolar acaba sendo instável por se tratar de mudanças a cada ano nas escolhas por novas localizações, o que determina a falta de intimidade maior e a interrupção no ensino que se resulta a perpetuar seu trabalho com os alunos. A transitoriedade dificulta o maior envolvimento com a realidade e as particularidades de cada escola.

E para falar sobre envolvimento, vamos falar da prática educativo-crítica que pode proporcionar condições ao educando de socialização uns com os outros e ainda todos com o professor, partindo desse princípio foi que surgiu a idéia de trabalhar o social e histórico com as turmas de 6º a 9º ano do ensino fundamental e fazer o ser pensante, transformador e criativo ser descoberto por cada indivíduo, através de metodologias ativas como recursos importantes para a formação crítica e reflexiva desses estudantes que a cada dia se mostram naturalmente digitais com e estão sempre conectados a tecnologia, e por esse motivo necessitam de uma metodologia de ensino diferenciada capaz de despertar a sua atenção para um meio de um ensino aprendizagem construtivista, dinâmica e interativa que vem revelar contextos contemporâneos da docência favorecendo a autonomia e a curiosidade dos mesmos.

No trabalho de campo, foram realizadas atividades voltadas para estimular o aluno a querer aprender determinado assunto, um exemplo foi de Impressionismo usando Minecraft, esse trabalho foi realizado com o objetivo de desenvolver habilidades tecnológicas buscando solucionar problemas lógicos, além de aprenderem brincando o trabalho contribuiu para o desenvolver o raciocínio lógico e autonomia isso tudo aliado com o despertar para o mundo virtual. Os alunos ficaram super empolgados, participando ativamente da atividade que além de estarem

brincando, também estavam aprendendo.

Dessa forma, as metodologias ativas acabam propondo uma aprendizagem que estimula a autonomia intelectual, e através da Aprendizagem Baseada em Problemas o estudante pode construir o seu conhecimento a partir das discussões em grupo de um problema, ou ainda permitir que eles trabalhem em equipe, liderem e encontre soluções para problemas levantados e assim a aprendizagem pode acontecer por Elaboração de Projetos onde o resultado pode surgir nas execuções das tarefas, vendendo desafios e propondo soluções que venham articular diferentes saberes.

3.1 PESQUISA-AÇÃO

A pesquisa-ação não deve ser confundida com um processo solitário de autoavaliação; mas, sim, como uma prática reflexiva de ênfase social que se investiga e do processo de se investigar sobre ela. Segundo Elliot (1997, p.17), a pesquisa-ação é um processo que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação onde cada espiral inclui:

Figura 1 – Espirais da pesquisa-ação.



Fonte: Educador.brasilecola.uol.com

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão

coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa... (KEMMIS e MC TAGGART, 1988, apud ELIA; SAMPAIO, 2001, p. 248).

Partindo do princípio de que a pesquisa-ação requer formular plano de ação e baseada nos princípios das metodologias ativas, foram aplicadas aulas que tinham como objetivos abordar diferentes conteúdos da área, e foi através do Projeto Brasileirise com a proposta de comemorar os 130 anos de República que se produziu um passeio por vários fatos históricos de uma forma “lúdica” e divertida.

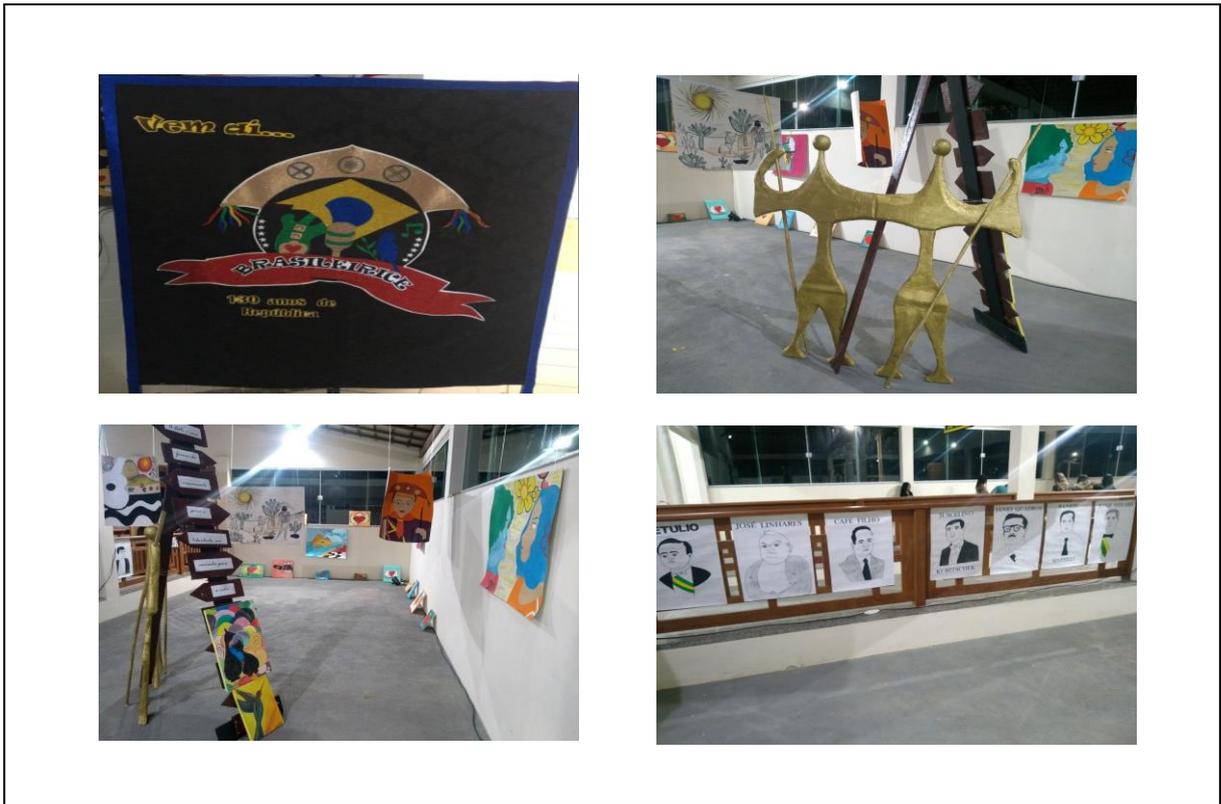
Quadro 1 – Projeto Brasileirise

ETAPAS	TURMAS	TAREFAS	MATERIAL
1 ^a	9º Anos	Confecção de estátua de isopor do Candango (termo dado aos operários da construção de Brasília).	Isopor, papel, cola, estilete, bambu, spray;
2 ^a	8º Anos	Pintura de telas gigantes que retrataram o Tropicalismo, Bossa-Nova e o Cangaço.	Papel panamá, tinta e pincel;
3 ^a	6º Anos	Pintura em telas com inspirações dos alunos, representando artistas da atualidade.	Telas, tinta e pincel.

Fonte: Dados primários.

O evento foi preparado para receber as famílias dos alunos em um espaço que acomodou a todos para uma noite que revelou grandes talentos, tais como, apresentações musicais com execuções de coreografias preparadas pelos professores para abrilhantar e estimular pais e alunos e conscientizá-los sobre a importância da cultura. Os familiares puderam conferir as produções artísticas de seus filhos através da galeria de Arte, criada para expor as criações dos artistas da noite, que fizeram questão de apresentar pessoalmente suas idéias trabalhadas nas aulas. O evento foi marcado por fotos e aplausos de uma platéia orgulhosa que direta ou indiretamente contribuiu significativamente com o sucesso desses estudantes.

Figura 2 – Projeto Brasileirise



Fonte: Material produzido pela autora (2019)

Quadro 2 – Visita à exposição de Arte

DATA	TURMA	ATIVIDADE	PRODUTO	MATERIAL
1ª	8º e 9º Anos	Visita à exposição	Produção de diário de bordo	Quadros, vídeos, fotografias e esculturas;

Fonte: Dados primários.

Com objetivo de proporcionado aos alunos uma aula mais dinâmica, e cheia de inspirações, surgiu à oportunidade de uma visita ao Palácio Anchieta em Vitória com a proposta de experimentar algo novo em um espaço expositivo, conhecer suas regras e provocar novas sensações proporcionado ao indivíduo, com descobertas sobre o homem e sua cultura. Na ocasião os alunos tiveram a oportunidade de sair do sua zona de conforto na Zona Rural e vivenciar a rotina de uma cidade cheia de curiosidades, visitaram a 33ª Bienal de São Paulo – Afinidades Afetivas com exposição de pinturas, vídeos, esculturas, fotografias; criou-se a oportunidade de contato com diferentes estilos de expressões artísticas que os motivou a refletir sobre as experiências, obtiveram informações que ampliaram seu repertório e

permitiu uma postura mais sensível e crítica diante das produções artísticas.

Desafiados a criar um diário de bordo relatando suas experiências, a surpresa foi grande; muitos si quer haviam visitando a capital, só conheciam pelas reportagem, outros relatam que foi tão bom estar com os colegas fora de sala e que nem parecia que saíram para uma “aula”, que é diferente de aprender sem estar na escola e se sentiram desafiados a interpretar, sair da zona de conforto de compartilhar o seu ponto de vista com os colegas no momento em que o guia responsável pela apresentação das obras e respectivos artistas os desafiavam a refletir sobre os mesmos. Quando desafiados a ver as “coisas” por vários ângulos o monitor responsável pelo passeio pediu que deitassem no chão e observassem a tela de ponta cabeça revelando uma maneira diferente de interpretar.

Ainda sobre os relatos, alguns alunos informaram que chegaram à conclusão de que é necessário ter calma, sentar, refletir, analisar para entender a mensagem e ao fazer isso com as obras perceberam que são atitudes que precisam adotar para vida dizendo: “devemos ter mais tempo para a família, amigos. Estamos tão conectados que esquecemos de viver a realidade, sair, se divertir com os amigos; a rede social nos faz esquecer dos nossos compromissos”.

Um fato que mais chamou a atenção não foi à experiência com a Arte que tiveram, mas sim a mudança nas suas rotinas e o que mais foi mencionado foi à parada para o almoço, pois para a maioria foi à primeira vez em um restaurante e chegaram a dizer que foi um desafio comer de garfo e faca já que em seus lares fazem uso somente de colher para se alimentar. Outro registro emocionante foi ver as crianças se divertindo no Shopping e não foi nas lanchonetes e sim fazendo rodízio nos carrinhos de bichinhos para passear, dando gargalhadas ao ser chamado atenção pelos seguranças pelas brincadeiras e ainda o sobe e desce nas “fantásticas” escadas rolantes, nos remetendo a um trecho de uma música do grupo molejo que fala “brincadeira de crianças, como é bom” é mesmo pra guardar na lembrança.

Figura 3 – Palácio Anchieta



Fonte: Material produzido pela autora (2019)

Quadro 3 – Releitura musical e análise crítica musical

DATA	TURMA	ATIVIDADE	PRODUTO	MATERIAL
	9º Ano	Releitura Musical- produzindo vídeo Análise crítica musical	Criar uma interpretação pessoal da música através de vídeo Trabalhar o movimento tropicália e ditadura buscando detalhes marcantes que aconteceram na época e através de opiniões pessoais fazer links com a atualidade	Celular, música Celular, música

Fonte: Dados primários.

Novas idéias foram surgindo e o objetivo dessa vez foi desenvolver as habilidades tecnológicas para solucionar problemas lógicos, estimular a criatividade; compreender a intenção, o ponto de vista criativo do aluno, o despertando para o mundo virtual, reconstruindo o sentido, segundo suas vivências, ampliando sua visão.

E duas novas aulas foram aplicadas utilizando a metodologia ativa do Ensino

Híbrido que se trata de uma educação formal que proporciona diferentes formas de ensinar e aprender utilizando um “modelo virtual enriquecido”, e contou com o uso do celular para ajudar a dinamizar as aulas. Primeiro com a turma de 9º ano com a proposta de criarem uma releitura musical através de um vídeo. Os alunos tinham que escolher uma música e produzir sua versão de clip e foi então que se evidenciou a capacidade de editar, dar efeito e a mais importante de todas de atuar, trabalhar a expressão corporal. O resultado foi uma turma entregue a uma produção individual de cada grupo com características próprias e bem marcantes.

Os vídeos foram bem criativos e foi o meio de conhecer um pouco mais sobre a diversidade musical apreciada pelos alunos que apresentaram nos Clips temas como depressão, traição, amizade e superação. O trabalho realizado pela turma mostrou a capacidade de improvisação e a familiarização com determinados recursos para editar colocando em suas produções trechos de filmes para enriquecer e engrandecer ainda mais suas criações. Dando sequência ao trabalho com música, o novo desafio foi uma análise crítica musical, que teve como objetivo trabalhar o movimento tropicália vivido na ditadura militar e suas censuras.

As músicas trabalhadas foram dos artistas que marcaram época e analisaram o contexto histórico citado nelas; o resultado foi à busca por detalhes marcantes que aconteceram na época com opiniões pessoais fazendo links com análise atual que também originou uma roda de debates com vários assuntos de curiosidades e experiência pessoais. Nos debates surgiram assuntos como questões sociais e violência, empoderamento feminino, violência contra a mulher, abuso sexual, pedofilia. Os alunos se organizaram em um grande círculo e na medida em que cada um ia colocando suas ideias, os colegas já se manifestavam contribuindo com o seu ponto de vista. Ao término dessa das apresentações o que se ouviu dos alunos que a aula foi algo novo e que os fizeram refletir melhor sobre o vivenciam.

Quadro 4 – Criação de Blog

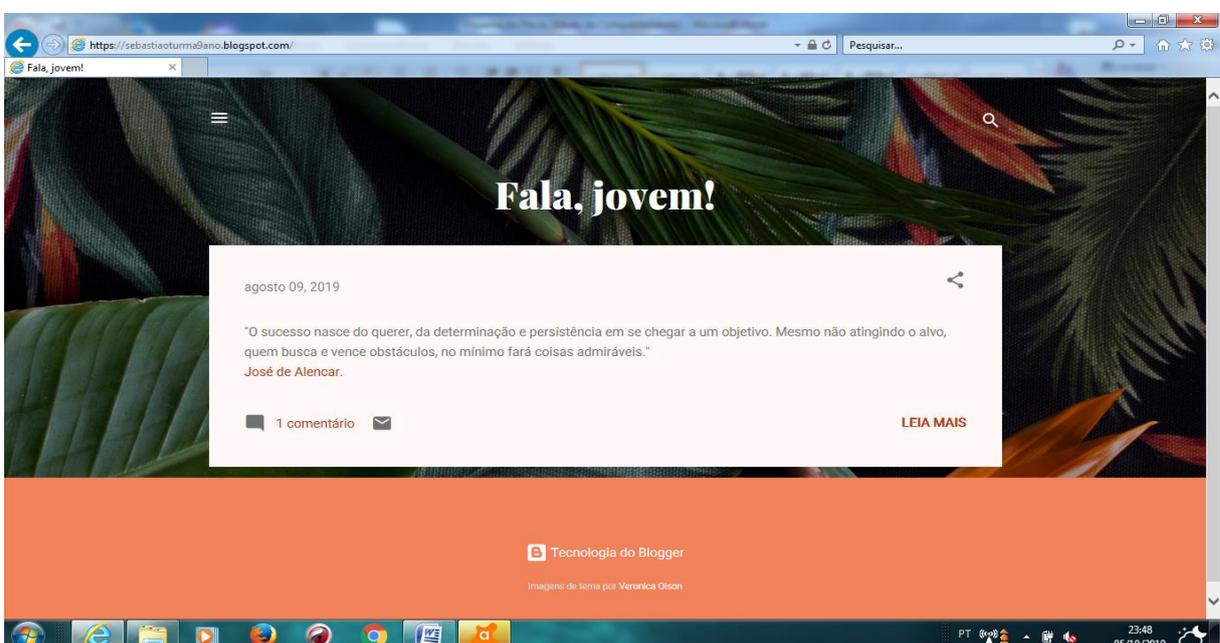
DATA	TURMA	ATIVIDADE	PRODUTO	MATERIAL
	9º Ano	trabalhar a interdisciplinaridade com a disciplina de Língua Portuguesa na construção de um Blog	buscar informações para se manter atualizado e criar o hábito de ler, e criar postagens	Computador

Fonte: Dados primários

O resultado das aulas diversificadas foi tão positivo que surgiu uma nova ideia de trabalhar interdisciplinarmente e uma parceria foi feita com a disciplina de Língua Portuguesa na construção de um Blog para desenvolver as habilidades do aluno provocando e orientando para capacitar e estimular o pensamento criativo, original e crítico.

O objetivo dessa atividade é permitir o estudante ao usar o conhecimento adquirido estabeleça novas relações com o mundo; levando-os a refletir sobre o que eles estão fazendo, provocando neles o interesse em produzir, sugerir, criticar e indicar tendências e estilos já que os assuntos a serem abordados serão decididos em grupo e que podem despertar ou aguçar a curiosidade de outras pessoas sobre o conteúdo. Um Blog ainda em construção, que tem como título em sua página inicial “Fala, jovem!” com a proposta de dar voz aos alunos de uma escola do interior de Marataízes e que pretende levá-los a buscar informações para se manterem atualizados e também criar neles o hábito de ler, com isso criar postagens sobre indicações de livros e filmes construindo resenhas, dar dicas de moda, beleza com tutorias, esportes e jogos para a turma que adora se aventurar virtualmente e claro, produzir textos pra falar com jovens que assim como trabalhado anteriormente com a música possa dar sua opinião com os textos que serão criados para falar de assuntos variados.

Figura 4 – Confeccção de Blog



Fonte: Material produzido pela autora (2019)

Quadro 5 – Jogos para trabalhar impressionismo

DATA	TURMA	ATIVIDADE	PRODUTO	MATERIAL
	6º Ano	Trabalhar o impressionismo através do jogo Minecraft	Passeio virtual para visualizar as obras criadas	Aplicativo de celular

Fonte: Dados primários.

Em outro momento ainda usando os recursos tecnológicos, a intenção foi de motivar ações e promover aprendizagem através da Gamificação que utiliza elementos do game com objetivo de educar e estimular o engajamento dos alunos. A aula foi voltada para as turmas do 6º ano trabalhando o estilo impressionista, um estilo de arte que utiliza pinceladas livres e distintas e a importância de retratar a impressão do momento, com as figuras representadas sem contornos muito nítidos, as sombras deveriam ser coloridas e puras, evitando a mistura de tonalidades. E através do celular como recurso, proporcionar os alunos aulas interativas e dessa vez a ferramenta é o jogo conhecido como Minecraft, com uso de uma galeria virtual, utilizando blocos do jogo ao invés de pincéis, como o objetivo de desenvolver as habilidades tecnológicas para solucionar problemas lógicos e ainda usando a matemática a favor já que é necessários cálculos para montar as obras, além de estimular a criatividade. Compreendendo a intenção, o ponto de vista criativo do aluno, o despertando para o mundo virtual, reconstruindo o sentido, segundo suas vivências, ampliando sua visão e interpretação.

O resultado dessa atividade foi à receptividade dos alunos envolvidos com o projeto, tornando o aprendizado prazeroso; despertando neles o interesse de um aprendizado baseado em jogos. A proposta era fazer com que a turma logo após a aula sobre o movimento artístico Impressionista pudesse criar e recrear obras inspiradas em um dos artistas desse estilo Claud Monet e proporcionar montagem de uma galeria/mundo virtual como coautores de obras diversificadas e atrativas e transformar isso em um vídeo para compartilhar com os colegas. Com tudo deixa claro que ao incentivar o uso da tecnologia como ferramenta pedagógica nas aulas, a Arte se tornou mais atrativa.

Os alunos ficaram surpresos com a novidade e a fala foi que nunca imaginaram que seria possível trabalhar Arte com o celular e fazer isso se divertindo, brincando. Para a turma a melhor aula já realizada e ainda contribuiu para trabalhar

o coletivo e estimulou os colegas a ajudar aqueles que tinham mais dificuldade com o jogo.

Figura 5 – Galeria Minecraft



Fonte: Material produzido pela autora (2019)

Quadro 6 – Projeto Propaganda

DATA	TURMA	ATIVIDADE	PRODUTO	MATERIAL
	9º Ano	Trabalhar a Propaganda através de Ataulfo Alves	Criar uma interpretação pessoal através da música “que saudade da Amélia” para produzir uma propaganda direcionada ao público feminino.	Celular, música, cartolina, lápis de cor, canetinha

Fonte: Dados primários.

Projeto Propaganda, após conversa com a turma e saber do interesse em alcançar novos voos e tentarem uma escola técnica e profissionalizante surgiu uma preocupação ao descobrir que os alunos do 9º ano são alunos que não tem costumes de assistir jornal e tão pouco se atualizarem com o que acontece ao redor do mundo. Então novamente foi a hora de mexer com a imaginação usando o passado utilizando Ataulfo Alves com a música “Amélia” e os questionar sobre a figura dessa mulher. Quem é Amélia na música? Como essa mulher aparece? É a mãe? Mulher, Ex-mulher? Ao serem questionados começaram a construir a figura dessa mulher e surgiram duas personalidades, uma simples e uma sofisticada e ao descreverem como elas seriam em detalhes, foram surpreendidos a criar uma propaganda voltada para o público feminino e trazer para os dias atuais temas onde poderiam usar essas personagens e novamente tivemos vários temas abordados que levaram os alunos a refletir sobre as atitudes do ser humano e como as mudanças podem refletir em suas vidas.

Figura 6 – Projeto Propaganda



Fonte: Material produzido pela autora (2019)

Quadro 7 – Projeto Di Cavalcanti – Meu lugar, meu olhar

ETAPA	TURMA	ATIVIDADE	PRODUTO	MATERIAL
1º	8º Ano	Trabalhar a fotografia	Fotos de lugares especiais para os alunos do local onde vivem.	Câmera fotográfica do celular.
2º		Trabalhar a interpretação	Reproduzir a imagem da fotografia em maquete	Isopor, tinta, pincel, cola e outros.

Fonte: Dados primários.

Ainda usando os momentos históricos da Arte, o desafio agora é lançado para a turma do 8º ano com o Projeto Di Cavalcanti – Meu lugar, meu olhar. Um artista que apesar de influência cubista e surrealista foi um artista que representou temas brasileiros com temas bem populares, um homem de múltiplos talentos nos inspirou a um projeto onde os alunos terão que revelar o seu olhar para a sua comunidade. Através de fotos revelarão pontos importantes e significativos para eles e dessa forma retratar as belezas do lugar onde vivem, em seguida, transformar essa imagem em obra de arte confeccionando uma maquete onde cada um demonstra o talento além das lentes e socializa com o restante da escola um pouquinho do seu povo, seus costumes.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Após relato de algumas práticas metodológicas com as turmas, descreve-se a metodologia escolhida na pesquisa, a abordagem qualitativa, pois não medi os eventos estudados, tão pouco emprega dados estatísticos na análise de dados; com ela se consegue dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada. Quando a intenção é compreender os participantes, utilizamos as ideias de Lüdke e André (1986), as autoras destacam que, ao utilizar somente a pesquisa quantitativa em educação, corre-se o risco de “submeter a complexa realidade do fenômeno educacional a um esquema simplificador de análise” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.3).

Quanto à escolha da pesquisa qualitativa, consideramos, também, os seguintes aspectos apontados por Bogdan e Bicklen (1994):

- Existe uma relação entre o mundo objetivo e subjetivo do sujeito, que não pode ser traduzida em números;
- Há a necessidade de interpretação e atribuição de significados no processo da pesquisa e na análise dos dados;
- A análise será basicamente descritiva, sem necessariamente se fazer uso de dados estatísticos.

Em relação à pesquisa, podemos concordar com Rosa (2006. p. 65), ao ressaltar que “a análise qualitativa busca não só os dados estatísticos, mas significados e sentimentos nas falas e expressões dos entrevistados, interligando-os ao contexto em que se insere”, a análise final dos questionários e entrevistas procurará levar em conta as condições subjetivas abordadas pelos participantes da pesquisa e descobri-se, dispor de um espaço adequado é importante para os docentes para às suas atividades práticas, assim como ter em mãos os recursos materiais que permitam ao estudante ter novas possibilidades é realmente relevante. Locais destinados ao ensino e à aprendizagem de Arte deve possibilitar espaço para movimentação e acomodação, dispondo de prateleiras que exibam os recursos, como lugares para expor os trabalhos concluídos. Ferreira e Lana (2009, p.45) registram que “espaços apertados inibem a expressão artística, enquanto espaços suficientemente amplos favorecem a liberdade de expressão”.

3.3 O LOCAL DA PESQUISA

O município de Presidente Kennedy está localizado no extremo sul do estado do Espírito Santo; sua população esta estimada à cerca de 11.742 habitantes, em um território de 583,932 km². A economia dessa região é basicamente da pecuária, cultivo de mandioca, maracujá, cana-de-açúcar, leite, mamão e da exploração de petróleo; sendo considerado o maior produtor de leite do estado do Espírito Santo, com destaque para a região oeste.

Em relação à educação oferecida na rede do município, segundo informação

da Prefeitura Municipal, é a terceira mais bem avaliada no Estado, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Os dados divulgados pelo Ministério da Educação, referentes a 2015, apontam que os investimentos da Prefeitura na área têm alcançado os objetivos.

Presidente Kennedy possui três escolas polos de Ensino Fundamental, as quais serviram de referência para a pesquisa citada.

Um dos critérios usado para realização dela foi utilizar escolas de Ensino Fundamental que trabalham com alunos de 6º a 9º ano para a aplicação do questionário:

1. EMEIEF de Jaqueira “Bery Barreto de Araújo”

– Localizada na Zona Rural de Jaqueira, atua na educação da Pré-escola, ensino Fundamental I e II ao Supletivo (Educação para jovens e adultos); em 2017 a sua avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica foi de 4.0.

2. EMEIEF “Vilmo Ornelas”

– Localizada na sede do município, atua na educação da Pré-escola, ensino Fundamental I e II ao Supletivo (Educação para jovens e adultos); em 2017 a sua avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica foi de 4.0.

3. EMEIEF de “São Salvador”

– Localizada na comunidade de São Salvador atua na educação da Pré-escola, ensino Fundamental I e II ao Supletivo (Educação para jovens e adultos); não houve divulgação da avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

3.4 SUJEITOS DA PESQUISA

Inicialmente a pesquisa foi realizada com docentes da rede pública municipal de Presidente Kennedy que atuavam na área de Arte e todos do sexo feminino. Constatou-se que até o momento da realização dos estudos em 2018 o ano o qual se fez o levantamento dos dados, não havia nenhum efetivo da disciplina e que os mesmo estavam em designação temporária e alguns deles já com um tempo

considerado na rede e outros recém chegado.

Dos professores pesquisados somente dois residiam no município que conheciam mais de perto a realidade das comunidades, porém esses não quiseram se sujeitar ao levantamento de dados.

Em relação ao segundo sujeito da pesquisa, os alunos, pode se dizer que todos vinham de comunidades vizinhas, mas pertencentes ao município. Boa parte desses estudantes era de famílias pobres com históricos de carências financeiras e afetivas e que tem na educação a oportunidade e o caminho para mudar as expectativas de vida levando em conta o incentivo da prefeitura nessa área com bolsas de estudos.

Ainda sobre os professores, como boa parte já atuava há alguns anos nas comunidades em que lecionam, conheciam bem a realidade dos alunos, fator relevante para a pesquisa ser ainda mais importante, pois os problemas e dificuldades encontrados podem contribuir significativamente para uma possível melhora do trabalho com as crianças e ainda, a Secretaria de Educação pode detectar/atuar com um melhor suporte a essa área.

3.5 TÉCNICAS DE ABORDAGEM DA PESQUISA

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário, com os professores de Arte de 6º a 9º ano das escolas municipais de Presidente Kennedy (Apêndice A). Elaborado com perguntas abertas e fechadas, o questionário aplicado teve como objetivo caracterizar o perfil profissional dos docentes e atuação deles em sala de aula com sua formação profissional, o tratamento dado à disciplina Arte nos planejamentos e no desenvolvimento das atividades, além de identificar as principais dificuldades e expectativas desses professores sobre o assunto e revelar se ensinar Arte é um desafio a ser enfrentado constantemente pelos mesmos, se os problemas de atuar em escolas com poucos recursos materiais, são reais e impactam na sala de aula; se ausência de local específico, como uma sala de Artes, para o desenvolvimento do trabalho pedagógico e de recursos materiais (lápis de cor, giz de cera, tinta guache, pincéis, papeis de maior gramatura, telas, dentre outros) é um dos problemas. Conforme Ferreira e Lana (2009, p.44, destaque dos autores),

[...] “alguns” profissionais da educação acreditam que o professor de artes não precisa de uma sala ambiente, tratam esta disciplina de forma preconceituosa, insinuando que não tem a importância da matemática e/ou português, pois geralmente não reprova, servindo apenas como lazer, complemento de atividades ou confecção de painéis.

Também foi realizada uma pesquisa por meio de questionário com cerca de cento e vinte e dois alunos de uma das escolas municipais localizada na comunidade de Jaqueira. Elaborado com perguntas abertas e fechadas, o questionário aplicado teve como objetivo de colher informações que nos ajudasse a analisar o trabalho dos professores e verificar se os conteúdos de Arte atendem aos anseios dos alunos.

A escolha do questionário como instrumento para a coleta de dados teve como base metodológica as vantagens apontadas por Marconi e Lakatos (2005, p. 203), entre elas:

- Economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados;
- Atinge maior número de pessoas simultaneamente;
- Obtém respostas mais rápidas e mais precisas;
- Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato.

Os dados foram analisados por categorias, seguindo-se os critérios da Análise de Conteúdo, indicados por Maria Laura Franco (2008, p. 59). Segundo a autora, “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos”.

Com uma entrevista semiestruturada, a intenção foi obter informações sobre a visão da equipe pedagógica em relação à importância da presença da disciplina Arte, esse tipo de entrevista com formulação mais flexível, permitiu que o entrevistado discorresse e verbalizasse pensamentos, dessa forma, se tem a oportunidade dos orientadores expressem suas opiniões e sugestões, e tentar compreender as questões e dificuldades levantadas nos questionários respondidos pelos professores.

Referente à entrevista, a mesma foi realizada com a orientadora pedagógica (Apêndice B) das escolas participantes da pesquisa, e os questionários foram aplicados ao público alvo da pesquisa, professores da rede municipal que atuam no ensino de Arte na cidade de Presidente Kennedy e que lecionam nas turmas de 6º

ao 9º anos do Ensino Fundamental, durante a Hora de Trabalho nas escolas em que atuavam, porém, nem todos os professores os devolveram preenchidos e/ou quiseram participar da pesquisa.

Quando realizado a pesquisa com os professores da rede municipal de Presidente Kennedy, surgiu também uma curiosidade de saber como andava o desenvolvimento dos alunos quanto aprendizado e a identificação como a disciplina Arte, se ela tem sido absorvida pelos mesmos.

Com o intuito de encontrar respostas para as indagações levantadas, foi que se criou um questionário para uma coleta de dados com alunos de 7º a 9º ano de uma das escolas polos do município de Presidente Kennedy (Apêndice C). O objetivo dessa pesquisa é: Compreender como o ensino de Arte é desenvolvido pelo professor a partir da apresentação dos dados coletados das respostas obtidas através dos alunos. A intenção era de saber se o trabalho dos educadores estava sendo satisfatório em relação ao ensino, se os alunos absorveram os conteúdos, além de identificar as principais necessidades sobre a disciplina de Arte.

Na prática foram empregados questionários contendo questões estruturadas, a fim de realizar o levantamento de informações para a construção do perfil sociocultural dos professores, ao lado da sistematização de dados pessoais e profissionais, levando em conta os critérios anunciados para a seleção dos participantes.

Ao todo, foram respondidos quatro questionários dos seis aplicados aos professores das três escolas participantes da pesquisa.

As perguntas do questionário (algumas delas abertas e outras fechadas) foram elaboradas com a intenção de que os professores compartilhassem suas experiências vividas com os alunos. A princípio a ideia era caracterizar o público-alvo: foram perguntas apenas informativas sobre sexo e idade dos participantes, formação profissional e ano de formatura; e com isso, traçar um perfil desses professores para futura comparação de sua atuação em sala de aula com sua formação profissional. As perguntas relacionadas ao objetivo específico (“Analisar as políticas educacionais municipais em relação ao ensino de Arte, especificamente na orientação dada aos professores pela equipe gestora municipal”) tem a intenção de identificar a relação do professor com a disciplina em relação à legislação vigente, analisar a elaboração e cumprimento do horário de aula, identificar se há

uma busca ou não de fundamentação teórica para a elaboração do planejamento e acesso e uso do material de arte disponibilizado pela escola.

Nas questões seguintes onde o objetivo era saber como o ensino de Arte está sendo concebido pelos professores das escolas municipais de Presidente Kennedy, as perguntas exploram a experiência vivida pelo professor com o aluno e as relacionam com a sua prática em sala de aula. Primeiramente foi pedido ao professor que contasse uma atividade significativa, seguindo a diante como o pedido que citasse atividades interessantes. Intencionalmente buscávamos verificar a diferença entre “contar” e “citar”, ou seja, se as atividades planejadas e citadas, não chegam a ser efetivamente desenvolvidas. Apenas as atividades realizadas podem ser contadas com riqueza de detalhes, transmitindo o envolvimento emocional do professor com a sua realização.

Outras perguntas relacionadas às expectativas e dificuldades dos professores em relação ao ensino da disciplina Arte, procurava identificar a importância dada pelo professor à Arte como disciplina. Com as perguntas abertas, investigou-se a opinião dos professores sobre o assunto e a sua justificativa.

Em seguidas as perguntas foram feitas para que o próprio professor apontasse se houve ou não orientação para o ensino de Arte em sua formação de professor e se, atualmente, tem recebido algum tipo de formação continuada sobre o assunto. Também houve perguntas relacionadas ao seu preparo e à existência ou não de dificuldade em trabalhar com Arte deram espaço para que o professor pudesse colocar sua opinião, suas necessidades e expectativas relacionadas ao assunto.

Foi utilizado o mesmo sistema de perguntas para a entrevista feita com o Orientador Pedagógico, o local escolhido para a realização da coleta de dados foi o Projeto Educa Mais onde as reuniões de áreas aconteciam, porém, em dia e horário escolhidos pelo entrevistado, de forma individual e reservada, sem a presença dos professores.

Com uma entrevista semiestruturada para dar liberdade ao entrevistado de expor sua opinião sobre o assunto, então foram feitas quinze perguntas básicas que se referiam à graduação e ao tempo no cargo de orientação, pois acreditamos que o tipo de graduação informada pelo orientador e sua experiência no cargo possam ter influência direta sobre a orientação dada ao ensino de Arte na escola. Segundo

Franco (2008, p. 44), “esta caracterização, embora não apresente limitações e/ou dificuldades adicionais, é indispensável para a contextualização dos dados”.

As primeiras perguntas foram relacionadas ao primeiro objetivo (“Analisar as políticas educativas municipais em relação ao ensino de Arte, especificamente na orientação dada aos professores pela equipe gestora municipal”) relatar às orientações dadas pelo orientador no momento do planejamento, ao controle das atividades realizadas em sala de aula, às orientações recebidas pela Secretaria Municipal de Educação e ao material de arte disponível na escola.

Com as próximas perguntas o objetivo (“Constatar como o ensino de Arte está sendo concebido pelos professores de 6º a 9º ano das escolas municipais de Presidente Kennedy”) era investigar o reflexo da opinião do orientador sobre a prática dos professores. Com essas perguntas pensava-se fazer, um paralelo entre a valorização ou não da disciplina pelo orientador e a valorização ou não da disciplina pelos professores.

O mestrado profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, requer uma ação que infira na realidade profissional pesquisada, a partir da análise e da interpretação dos resultados, com a intenção de alcançar o terceiro objetivo da pesquisa o de criar uma metodologia ativa que contribua para a construção de aprendizagem foi elaborada uma sequência didática para que sirva de instrumento para adequação do material didático na rede municipal de ensino (Apêndice D).

4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Ao analisar os dados obtidos por meio dos questionários respondidos pelos professores e das entrevistas realizadas com os orientadores pedagógicos das escolas baseamos nossa análise nas orientações sobre “Análise do conteúdo” de Maria Laura Franco. Segundo a autora:

Extrapolando a análise das mensagens que se expressam apenas por palavras, é fundamental perceber que a análise de conteúdo não se resume neste campo. Ao contrário, é indispensável conhecer novas possibilidades de identificação e de uma análise que expressam crenças, valores e emoções a partir de indicadores figurativos (FRANCO, 2008, p.14).

Ainda de acordo as orientações da autora, os questionários foram organizados em quadros de respostas seguidas por tabelas, para que pudessem ser analisados.

Seguimos o critério de interpretação para a escolha das categorias de análise dos significados das respostas, e algumas questões, além da categorizadas por significados, foram analisadas separadamente por escola, visando à observação da ocorrência das respostas dentro de cada universo escolar.

4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, de perfil identificado com predominância de mulheres atuantes em sala de aula.

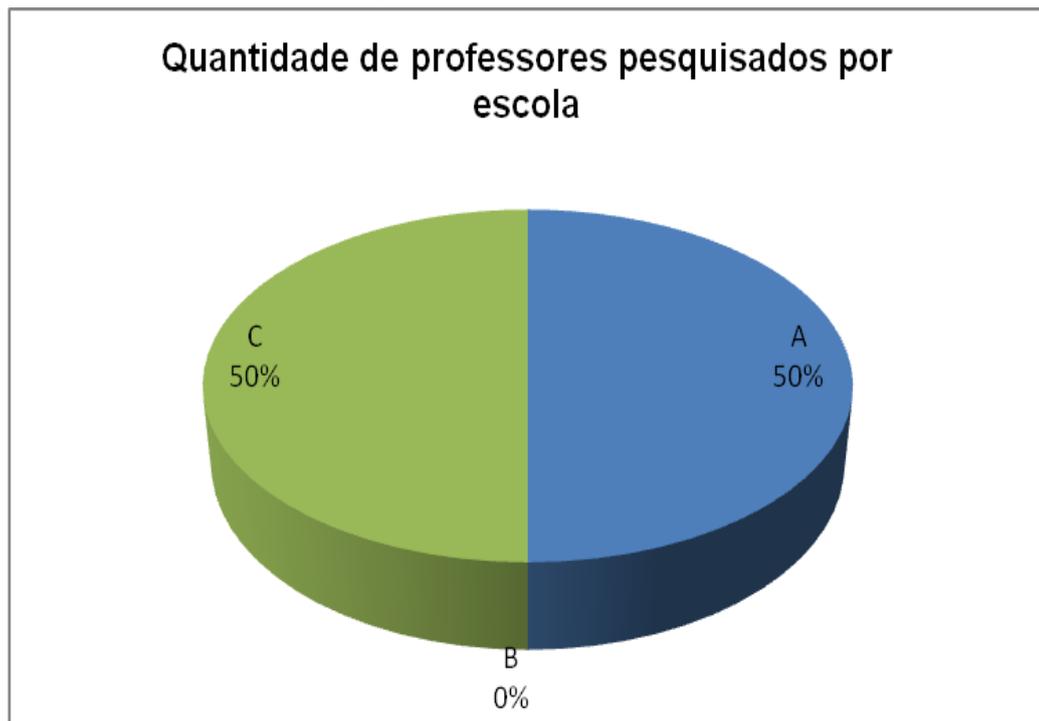
Identificamos as escolas por letras, obtendo-se um total de quatro questionários respondidos pelos professores e uma entrevistas com o orientador pedagógicos, como demonstrado na tabela 1 abaixo.

Quadro 8 - Quantidade de professores pesquisados por escola

Escola	nº de professores
A	02
B	0
C	02
Total	04

Fonte: Pesquisa de Campo n=04.

Gráfico 1 – Quantidade de professores



Fonte: Dados primários.

A idade dos pesquisados é variada de 30 a 49 anos. A orientadora entrevistada é formada em Artes Visuais e também Pedagogia, a mesma está no cargo há dois anos.

Já em relação à formação acadêmica no ensino superior, constatou-se que os professores de Artes possuem outras formações e estão distribuídos da seguinte forma: dos quatro entrevistados 3 professores possuem o curso de Pedagogia e 1 professor não, 1 tem Letras, 2 inglês.

Podemos notar que 100% (4 professores) terminaram o curso depois da promulgação da LDB 9394/96 e das novas orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Analisamos as respostas dos professores entrevistados a fim de descobrir se os mesmos haviam recebido orientações específicas sobre Metodologia do Ensino de Arte durante a sua formação profissional, tanto na Habilitação Específica para o Magistério quanto no curso de Pedagogia, concluímos que 25% dos professores (01 respostas) tiveram essa disciplina no Magistério, e 75% cursaram na Pedagogia, ou seja, a maioria dos professores com formação superior em Pedagogia receberam essa formação durante o curso, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 9 - Número de professores que tiveram a disciplina Metodologia do Ensino de Arte durante os cursos de Habilitação para o Magistério e Pedagogia

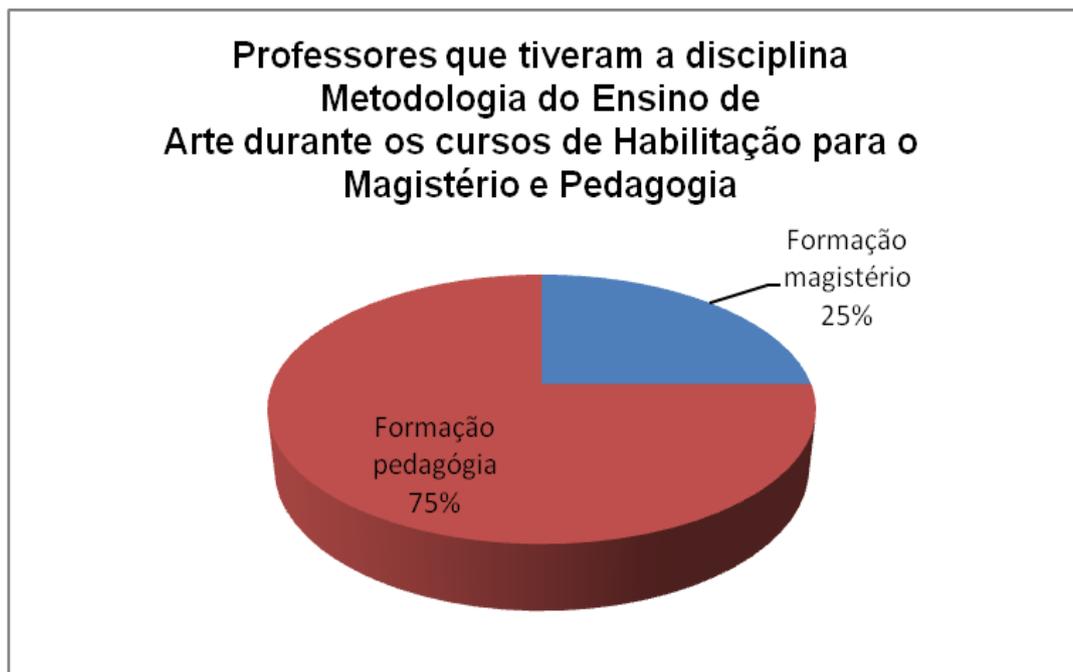
Resposta	f/Magistério	%	f/ Pedagogia	%
Sim	01	25	03	75
Não	03	75	01	25

Fonte: Pesquisa de Campo n=04

f/magistério= professores com curso de Magistério

f/pedagogia= professores com curso de Pedagogia

Gráfico 2 - Professores que tiveram a disciplina metodológica do ensino de arte.



Fonte: Dados primários.

Quanto a possuir ou não Pós-graduação tiveram por objetivo identificar se algum professor já havia frequentado cursos relacionados à Arte. Dos pesquisados três professores responderam ter cursado Pós -graduação Artes Visuais, Educação especial, Letras , Ensino religioso, Pedagogia.

4.2 A EDUCAÇÃO MUNICIPAL EM RELAÇÃO AO ENSINO DE ARTE.

Após analisar o perfil dos participantes da pesquisa, fomos investigar a política do Município em relação ao ensino de Arte, adotada pela Secretaria Municipal de Educação (SEDU), observamos o seu reflexo nas escolas. Segundo a

diante, analisamos as ações da Secretaria Municipal de Educação – SEDU na orientação dos professores e orientadores pedagógicos das escolas, quanto a reuniões, cursos ou outras ações relacionadas ao ensino de Arte.

Quando perguntado aos orientadores pedagógicos se a SEDU oferece alguma orientação sobre como a Arte deve ser trabalhada na escola a orientadora disse que sim, que teria recebido orientação da coordenadora geral, porém não explanou como acontecesse e tão pouco citou com que frequência ela é feita, sua resposta foi comedida deixando certa dúvida quanto à parceria entre as duas instituições. Esperávamos que pudesse nos dizer que além de orientações sobre as aulas ministradas que a SEDU também oferecesse um suporte aos professores quanto as mudanças que acontecerão no que se refere ao ensino da Arte em relação ao BNCC onde há uma cobrança de trabalho unificado nas redes municipais e estaduais.

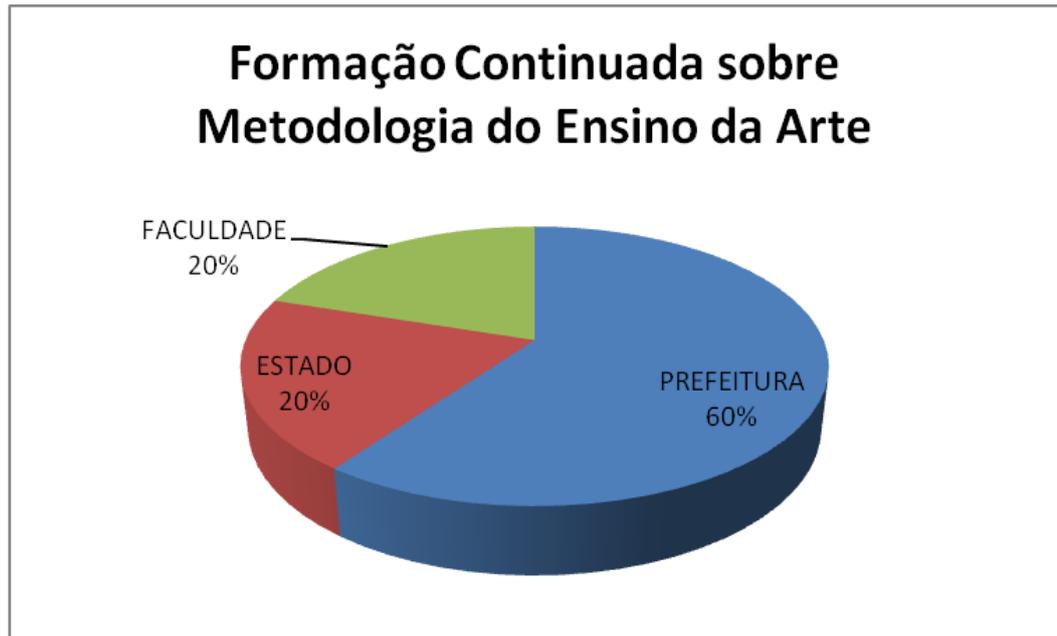
Voltando a análise sobre os professores, quando perguntado se já haviam participado de algum curso de formação contínua sobre Conteúdo e Metodologia do Ensino de Arte, todos responderam que sim, três deles ressaltaram que os cursos foram oferecidos pela Prefeitura, um pelo estado e um por iniciativa própria por instituição particular (faculdade), abordando assuntos bastante variados.

Quadro 10 - Curso de Formação Continuada sobre Metodologia do Ensino da Arte

INSTITUIÇÕES	nº de professores
PREFEITURA	03
ESTADO	01
FAULDADE	01
Total	05

Fonte: Pesquisa de Campo n=04.

Gráfico 3 – Formação continuada do Ensino da Arte.



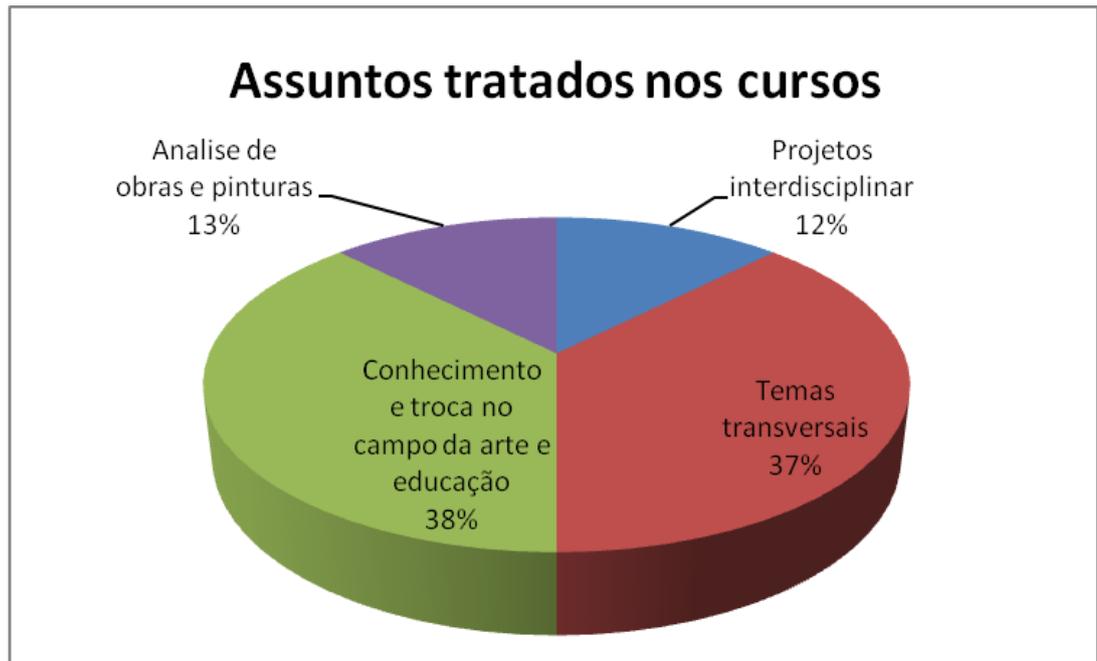
Fonte: Dados primários.

Quadro 11 - Assuntos tratados nos cursos de formação continuada sobre o ensino de Arte

Assunto	Nº de professores
Projetos interdisciplinar	01
Temas transversais	03
Conhecimento e troca no campo da arte e educação	03
Análise de obras e pinturas	01
Total	05

Fonte: Pesquisa de Campo n=04.

Gráfico 4 – Assunto tratados nos cursos



Fonte: Dados primários.

Concluimos que o fato de apenas três professores (38%), num total de quatro, participaram de um curso de formação continuada onde o objetivo era conhecimento e troca no campo de ensino de Arte, que acabou não atingindo seu objetivo significativo sobre manter todos atualizados, sendo que um dos professores buscou por iniciativa própria fazer um estudo sobre análise de obras para estar mais preparado para falar sobre as mesmas, e que as outras formações trabalhou oferecidas tratou de forma mais abrangentes conteúdos relacionados a área da educação onde concluímos que foi um trabalho oferecido com o intuito de se trabalhar o corpo docente em geral e não uma disciplina em particular, ou seja, é como se oferecessem aos professores coisas que de repente pode ter sido ofertado anteriormente que de algum modo venha até ter causado uma euforia entre os eles, mas depois o assunto pode ficar esquecido e tudo volta a ser como antes. Muitas das vezes, não há mudanças concretas nas rotinas escolares porque nada de novo é instruído para ser cobrado e nem mesmo discutido nas reuniões pedagógicas.

Gatti (2009), em seu ponto de vista sobre a formação dos professores, aponta “dificuldades na realização de formação continuada e manutenção de seus efeitos”.

A autora diz:

Os eventos envolventes do início da implantação, debates, encontros, publicação de documentos, assessoria da Secretaria Municipal de Educação ao trabalho das escolas, aos poucos vão diminuindo, quer pela inércia, quer por ter que competir em atenção com outros programas que objetivam melhoria educacional na visão dos gestores que se alternam (GATTI, 2009, p. 213).

Entendemos a preocupação dos professores em relação aos problemas enfrentados em sala de aula quanto ao rendimento dos alunos, o desempenho dos deles tem caído de forma significativa em todas as áreas e tem afetado ainda mais quando o assunto é Leitura. Então questionamos se a formação em Arte não desenvolveria também suas capacidades cognitivas, e assim facilitaria seu desenvolvimento em Português e Matemática?

Voltamos a falar sobre a distorção na função da Arte na escola, a ideia de que a disciplina é sem conteúdo e que apenas serve como enfeite e passatempo para as nossas escolas.

O deixar os alunos “fazer” não é encarado com uma criatividade de importância no desenvolvimento cognitivo.

Utilizamos Fayga Ostrower para falar sobre criatividade e sobre o ato de criar, onde ela diz o seguinte:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. [...] O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.[...] O ato criador não nos parece existir antes ou fora do ato intencional, nem haveria condições, fora da intencionalidade, de se avaliar situações novas ou buscar novas coerências (OSTROWER, 1987, p. 9 e 11).

Ainda segundo a autora as capacidades de ordenar, configurar, significar, compreender, estão ligadas ao processo criativo, também e estão diretamente ligadas à capacidade de leitura e de escrita e a conteúdos matemáticos.

Também utilizamos a análise da autora Ana Mae Barbosa que fala sobre a alfabetização cultural, que ela vai muito além do reconhecimento do código linguístico, e ainda fala da importância da Arte nesse processo:

Não se alfabetiza fazendo apenas as crianças juntarem as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal. Por outro lado, a arte facilita o desenvolvimento psicomotor sem abafar o processo criador (BARBOSA, 2007, p. 27-28).

Seguimos ainda com a autora que cita uma pesquisa feita em 1988 por Maria Lucia Toralles Pereira, na USP, na qual fala sobre as crianças de creche, que ao trabalharem com arte desenvolveram melhor sua motricidade em relação às que trabalharam apenas com exercícios psicomotores usuais. Essa pesquisa concluiu também, que as artes plásticas desenvolvem a discriminação visual, essencial ao processo de alfabetização. Ainda diz que “preparando-se para o entendimento das artes visuais se prepara a criança para o entendimento da imagem quer seja arte ou não” (BARBOSA, 2007, p. 35).

Com o intuito de conhecer a prática docente, perguntamos aos professores envolvidos na pesquisa como foi a sua experiência como aluno, se tiveram aula de Arte no Ensino Fundamental ou Médio e o que gostavam de fazer nessas aulas. Todos os professores pesquisados (4 respostas) disseram que tiveram aula de Arte, e as lembranças deles está diretamente ligada às atividades relacionadas às Artes Plásticas, com reprodução de desenhos, pintura, mistura de tinta, somente um remeteu a lembrança em relação às atividades ligadas a dança.

As aulas de Arte são sem dúvida, considerados lúdico e prazeroso, mas isso não pode significar que o conteúdo seja banalizado e resumido somente a desenhos livres e pinturas de um desenho comemorativo como forma de ensinamento, existe um “porque”, um contexto a ser aprendido sobre um período que contou e fez para da história e que ajuda a entender alguns costumes.

Nas escolas participantes da pesquisa, a Arte faz parte da Matriz Curricular e é aparentemente trabalhada pelos professores, o problema aqui não é a falta de vontade do professor, mas a qualidade do trabalho realizado. Como cobrar? Como avaliar se o trabalho realizado está atingindo os objetivos desejados? Quem tem qualificação para isso?

O professor tem que se esforçar e fazer o seu trabalho, o orientador tem que ativamente acompanhar, porém, isto não garante a qualidade do trabalho realizado. Não há como culpar nem professor nem tão pouco o orientador se eles não receberem orientação suficiente para a realização de um bom trabalho, e isso se deve a política educacional adotada pela SEDU sobre o ensino de Arte que ainda é insuficiente.

Pelo resultado da pesquisa percebemos a unificação da disciplina pode ser falha já que alguns professores não participam da Hora de Trabalho Pedagógico

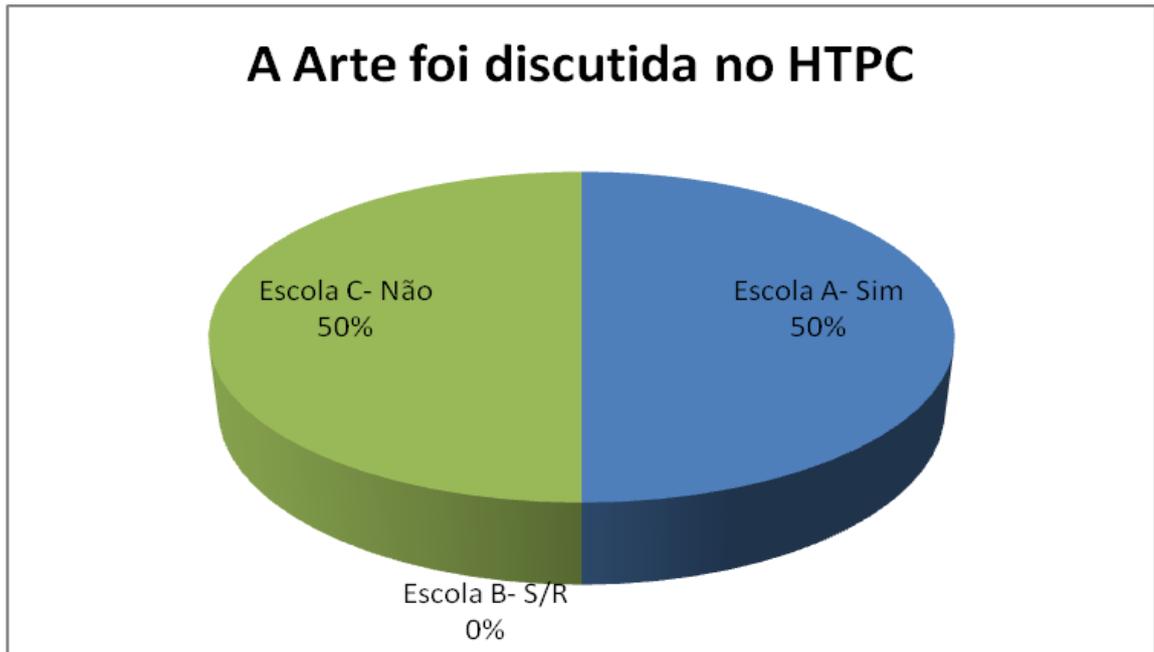
Coletivo - HTPC não discutem o assunto tão poucos recebem orientações de forma coletiva. Quando perguntarmos se entre os anos de 2017 e 2018, houve ou não discussão sobre o ensino de Arte nas HTPC em sua escola, a resposta foi equilibrada, pois dois professores responderam que sim, e outros dois disseram que não. Na tabela 5, verificamos, por escola, a resposta dos professores e o assunto tratado nessas reuniões:

Quadro 12 - Durante o ano 2017 até 2018, o ensino de Arte foi discutido em alguma Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC)

Escola	Resposta	Professores	Assunto
A	Sim	02	Estratégia de ensino aprendizagem para a disciplina de arte Formas de tornar mais atrativa os conteúdos abordados Orientações e sugestões de trabalho para enriquecer o conteúdo programático
B	S/R	0	
C	Não	2	

Fonte: Pesquisa de Campo n=04.

Gráfico 5 - A Arte foi discutida no HTPC.



Fonte: Dados primários

Notamos que o momento de orientação pedagógica acontece para ser discutidas práticas de ensino com base no currículo, mas a questão é: orientar os professores sobre o ensino de Arte é somente dar sugestões de atividades? A atividade é importante e o “fazer arte” é, sem dúvida, a parte mais gostosa da aula; mas quando apresentamos a Proposta Triangular para o ensino de Arte, trazida para o Brasil por Ana Mae Barbosa, o “fazer” sem nenhum conteúdo, sem o “conhecer arte”, torna esse ensino vazio e tecnicista.

Somente os professores da escola A disseram que as HTPCs falaram sobre estratégia de ensino aprendizagem para a disciplina de Arte, formas de tornar mais atrativa os conteúdos abordados, orientações e sugestões de trabalho para enriquecer o conteúdo programático, notamos que ela é a única escola em que realmente podemos perceber que a Arte tem um lugar próprio, onde os dois professores relatam ter discutido Arte nas HTPC não somente sob a forma de atividade, mas também conteúdos.

Quanto a respostas sobre como escolhem os conteúdos e atividades trabalhadas nas aulas de Arte, os quatro professores disseram consultar o Currículo Municipal, três deles disseram buscar as atividades e conteúdos em livros e ainda afirmam utilizar a própria experiência, mas são várias as formas de escolha dos conteúdos, conforme o quadro abaixo, já que nas escolas pesquisadas, material

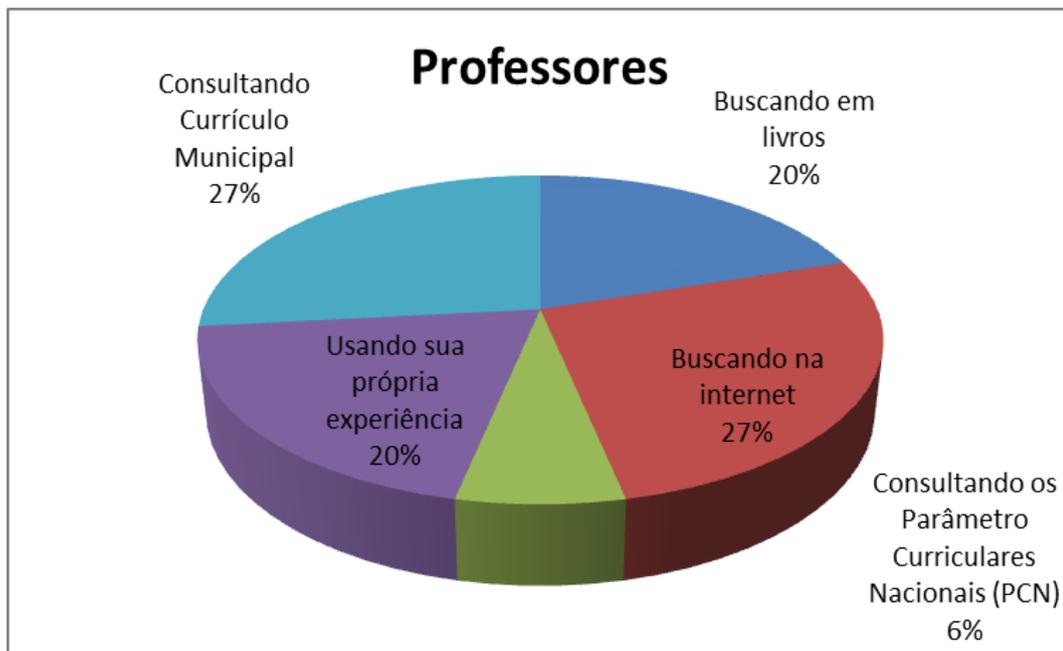
didático específico para essa aula são bem limitados.

Quadro 13 - Forma de escolha dos conteúdos trabalhados nas aulas de Arte, indicadas pelos professores.

Resposta	Professores
Buscando em livros	3
Buscando na internet	4
Consultando os Parâmetro Curriculares Nacionais (PCN)	1
Usando sua própria experiência	3
Consultando Currículo Municipal	4

Fonte: Dados primários.

Gráfico 6 - A Arte foi discutida no HTPC.



Fonte: Dados primários.

Infelizmente apesar dos professores informarem que pesquisam suas aulas em livros e também utilizam a internet, não se pode afirmar que essa pesquisa tenha realmente a qualidade e o objetivo desejados, podemos dizer que sem uma orientação precisa e sem nenhum material de apoio, os professores esforçam-se

buscando sozinhos as ideias para suas aulas.

O PCN fala da iniciativa do professor, na busca de soluções para a aula e da falta de apoio recebido para isso:

Em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, o desenho mimeografado com formas estereotipadas para as crianças colorirem, ou se apresentam “musiquinhas” indicando ações para a rotina escolar (hora do lanche, hora da saída) [...] Há outras tantas possibilidades em que o professor polivalente inventa maneiras originais de trabalhar, munido apenas de sua própria iniciativa e pesquisa autodidata (PCN 1997b , p. 31).

O resultado é que a qualidade da aula fica a mercê do interesse do professor e não de uma orientação geral para um conteúdo curricular obrigatório igual a todos, e isso vai continuar acontecendo se não houver por parte da SEDU uma formação para os professores Estaduais, municipais para o uso da BNCC e o ensino unificado. A realidade da sala é bem diferente de tudo que teoricamente se aprende na faculdade, o professor que gosta do que faz busca criar algo novo e criativo para ganhar o aluno para melhorar a qualidade de seu trabalho, mas o que não gosta limita-se ao desenho livre e às figuras mimeografadas, sem que ninguém o cobre por isso.

Analisando a prática do professor em sala de aula, lançamos a pergunta questionando se eles orientam ou não seus alunos a desenhar e pintar sempre seguindo as formas e as cores da natureza. Dois disseram que sim, os outros dois responderam que não orientam, porém ambos (4 respostas) disseram que sempre deixam o aluno criar livremente nas aulas.

Ao receber essas respostas surgiu uma dúvida quanto o que tem sido orientado os alunos, se seguem um currículo, se ministram suas aulas seguindo um padrão, ou pelo menos deveriam, já que existem encontros para tratar dos assuntos a fins; como pode não haver uma orientação? Como é livre se são submetidos a conteúdos históricos onde existem técnicas aplicadas? Notasse que o professor não tem clara a função da Arte no desenvolvimento da criança, pois quando o deixa livre no desenhar e pintar para desenvolverem sua criatividade, não que isso não deva ser feito, mas não se tem a preocupação em mostrar para esse aluno o trabalho ou talvez a importância dele no período estudado. Isso vem a refletir na falta de conhecimento pelos professores da própria história da Arte, as características dos movimentos artísticos, a compreensão da arte moderna, elas só podem ser

alcançadas, se realmente valorizadas se o objetivo da sua própria aula for clara. Se deve diferenciar um exercício de observação de um trabalho criativo, mas isso não pareceu claro para a maioria dos entrevistados. Então investigamos se os professores já haviam lido o vol. 6 dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, que trata especificamente sobre o ensino de Arte, e quais são as suas opiniões sobre as orientações trazidas por ele. O resultado foi que os quatro professores afirmam que não leram, mas a um deles acredita ser coerente para formação do indivíduo.

Acreditamos que se um estudo teórico do PCN tivesse sido feito, talvez os professores tivessem clara a diferença entre observação e criatividade. Na parte teórica do documento, encontramos:

As formas artísticas apresentam uma síntese subjetiva de significações construídas por meio de imagens poéticas [...] Não é um discurso linear sobre objetos, fatos questões, ideias e sentimentos. A forma artística é antes uma combinação de imagens [...] ordenados não pelas leis da lógica objetiva, mas por uma lógica intrínseca ao domínio do imaginário. O artista faz com que dois e dois possam ser cinco, uma árvore possa ser azul, uma tartaruga possa voar. A arte não representa ou reflete a realidade, ela é realidade percebida de um outro ponto de vista (PCN 1997b, p. 37).

A autora Ana Mae fala sobre o despreparo dos professores e do perigo da postura pedagógica adotada por eles de forma rígida ou livre demais, sem embasamento teórico suficiente:

Como resultado, temos professores dando aulas de arte que nunca leram nenhum livro de arte-educação e pensam que arte na escola é dar folhas para colorir com corações para o Dia das Mães, soldados no Dia da Independência, e assim por diante. Aqueles professores nunca ouviram falar sobre auto expressão ou educação estética. Por outro lado, professores instruídos são intoxicados pelo expressionismo. [...] para os professores de arte instruídos, arte significa: intuição ou emoção e, como resultado, eles pensam que “a arte e educadores não precisam pensar” e “arte é só fazer”, excluindo a possibilidade de observação e compreensão da arte (BARBOSA, 2007, p. 18).

Observamos que a falta de discussão do PCN sob a orientação de um especialista faz muita diferença no entendimento sobre o papel do professor que acha que ao ser permissivo esta conquistando o seu aluno, mas, também nos paira uma interrogativa, pois mesmo que haja uma leitura durante a elaboração do planejamento, será que as orientações trazidas no documento estão sendo bem

entendidas? Perguntamos às orientadoras se a escola possui uma cópia completa dos PCN referente ao conteúdo de Arte, e disse que sim. Quando perguntarmos se os professores consultam esse material, afirmou que sim e que é usada na elaboração do currículo escolar, ou seja, uma vez por ano na reorganização dos planos anuais, ou seja, só na hora do planejamento geral do início do ano, sem utilizá-lo durante o planejamento das aulas semanais de Arte. A consulta feita pelos professores limita-se à cópia de objetivos, não existindo um estudo sobre os fundamentos teóricos da disciplina. Nos leva a ter a noção de que o professor tem a aula de Arte como atividade, e não como construção de um pensamento estético.

Seguindo adiante perguntamos aos professores se eles achavam difícil trabalhar com Arte na escola e por quê. Dois deles disseram que sim, e os outros dois que não acham difícil. As opiniões ficaram divididas sobre a dificuldade de trabalhar com Arte. Quanto ao porque, foram apontadas algumas dificuldades, a principal delas foi à falta de material e espaço, seguida do apego da escola do papel do professor como decorador e completam dizendo que precisam ser mais valorizados:

Quadro 14 - Número de professores que apresentam ou não dificuldade para trabalhar com Arte na escola

Resposta	Professores
Sim	02
Não	02
Total	04

Fonte: Pesquisa de Campo n=04.

Quadro 15 - Opinião dos professores sobre a dificuldade que encontram para o ensino de Arte na escola

Resposta	Motivos
Sim	Falta de material e espaço
	Apego da escola do papel do professor como decorador
	Precisam ser mais valorizados

Fonte: Pesquisa de Campo

Voltamos ao ponto da falta de um especialista que o oriente no entendimento

das propostas do PCN gera uma situação de insegurança para o professor, daí a dificuldade. A dificuldade de dar aula por conta da falta de material, e não pela falta de conhecimento, pelo menos isso não foi mencionado por nenhum dos entrevistados; reflete a postura de centrar a aula de Arte na confecção de objetos artesanais. Talvez a falta de preparo pudesse impedir o professor de enxergar possibilidades dentro da sua realidade, do cotidiano da criança, de aproveitar as oportunidades que aparecem no dia a dia da sala de aula como fonte de criatividade e imaginação. Infelizmente nos leva a acreditar que o professor não vê a Arte num universo maior de informações, além do lápis de cor, do E.V.A. e do glitter, e isso nos chama a atenção durante a entrevista.

Outro aspecto que nos chama a atenção é como o professor enxerga como empecilho a falta de material, havendo, assim, uma falha de percepção de sua própria função como professor, que não se vê como mediador e incentivador da criatividade, mas sim como exemplo a ser seguido pelos alunos para buscar conhecimento. Além disso, há a expectativa de que a aula de Arte deva mostrar sempre certa habilidade do aluno, classificando como o aluno que leva jeito e sabe fazer do outro que não conseguiu executar totalmente ou habilmente o comando e gerar um trabalho bonito, e há a valorização apenas dos alunos que “tem jeito”, desconsiderando-se o processo de aprendizagem, o prazer de conseguir o “seu melhor”, o esforço, a descoberta, a imaginação, o contato com a arte. Isso mostra que as aulas estão baseadas apenas no fazer: o apreciar, o conhecer e o discutir não são considerados como deveriam.

Citamos Barbosa (2007) anteriormente, quando dissemos que a função da Arte na escola não é somente formar o artista, mas o apreciador de arte. Percebemos que a arte só existe em uma sociedade que a valorize e compreenda, não precisamos esperar que o aluno seja capaz de desenhar, pintar, cantar, dançar e atuar perfeitamente. O papel do professor é enfatizar o aluno que contato com a arte o despertará para que conheça e aprecie a arte existente no mundo e, principalmente, em sua própria comunidade, formando, assim, sua consciência cultural e sua cidadania. Foi perguntado aos professores e aos orientadores se existe material de arte suficiente na escola, se a SEDU envia esse material e se os professores pedem material de arte para os alunos. Quanto ao material de Arte existente na escola, todos os professores entrevistados (4 respostas) disseram que

a escola não possui material suficiente e que na maioria das vezes, é necessário pedir aos alunos para providenciarem e que geralmente eles compram, mas não citam quais os materiais que pedem. Quanto à orientadora disse que a SEDU enviou para os alunos e professores livros didático, porém reconhece que o material recebido é insuficiente para trabalhar, mas revela que quanto a material para se trabalhar com o aluno, a Secretaria Municipal de Educação de Presidente Kennedy tem feito o possível para se manter parceira dos seus colaboradores. Todo início de ano é ofertado aos alunos um kit escolar contendo alguns materiais que venham colaborar com as aulas de Arte, tais como caderno de desenho, canetinha, lápis de cor, massa de modelar, régua, borracha, caneta, lápis de escrever. Logo concluímos que nesse ponto o que pode estar ocorrendo é a falta de conscientização dos alunos para o uso desse material recebido, que quando solicitado em uma aula há falta do mesmo.

Voltamos a falar novamente sobre o PNC que apesar de indicar os objetivos gerais de Arte, a busca de informações e o contato com artistas por meio de documentos e acervos, isso não parece ser preocupante aos entrevistados, nem faz falta aos mesmos. Um dos objetivos gerais de Arte do PCN é:

Buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola e fora dela (livros, revistas, jornais, ilustrações, dispositivos, vídeos, discos, cartazes) (PCN, 1997b, p. 54)

Vimos também que não há nenhuma reclamação, sobre falta de imagens (reprodução de quadros) para serem mostradas ou outro tipo de material de apoio. O que nos leva a acreditar que só existe mesmo uma crítica à falta de qualidade da tinta ou ausência dela.

Ainda sobre os professores, pesquisamos quais as atividades desenvolvidas com os alunos em sala de aula; pedimos a eles que contassem uma atividade interessante realizada com a intenção de que detalhassem com riqueza a prática real dessas aulas. Somente três professores relataram suas experiências, as respostas foram bem diversificadas, eles contaram atividades relacionadas a projeto reciclagem com amostra cultural sem mencionar com detalhes como foi o procedimento; Confeção de mosaico com algumas obras de Tarsila do Amaral com uma aula de confecção de trabalhos manuais e por ultimo uma aula sobre arte

indígena, onde os alunos realizaram pesquisas e levaram para sala de aula algo relacionado a cultura para troca de experiência. Levaram também comidas típicas e músicas tradicionais da cultura.

Partimos agora para expectativas e dificuldades e perguntamos aos professores se eles se sentem preparados para trabalhar com Arte na escola. Novamente temos quatro respostas positivas, quanto ao motivo, observamos que as razões são: dois deles responderam que preparam o material preocupado em levar o conhecimento e os outros dois a razão é que da para trabalhar o lúdico, o imaginário e assim desenvolver a criatividade do aluno.

Diante de todas as expectativas apresentadas para o desenvolvimento da Arte na escola perguntamos qual a importância dessa área de estudo para os professores e orientadores pedagógicos. Todos (professores e orientador) consideram a Arte importante na escola, às justificativas tanto para o orientador quanto para um dos professores da **escola A** é que a Arte tem um papel importante na formação do aluno, outros dois professores da **escola C** que a Arte possibilita desenvolver a sensibilidade e a criatividade e por último da **escola A e C** que a Arte traz a existência de valores culturais municipais e regionais.

Tanto os professores quanto o orientador enxergam a Arte como algo importante para o desenvolvimento do aluno, mas esse entendimento não se reflete na prática. Atitudes comuns dos professores na maioria das vezes em não oferecer orientação, deixar as coisas acontecerem de qualquer maneira pelo aluno, reflete em uma postura de valorização da Arte apenas como passatempo, terapia e momento de lazer.

Observamos que a **escola A**, na qual o estudo sobre Arte acontece com maior frequência, não considera a Arte apenas como um momento de lazer, os professores dessa escola vêem a Arte como uma possibilidade importante para a formação do aluno e que a Arte mostre a existência de valores culturais municipais e regionais. Já na **escola C**, em que esse estudo não acontece, um dos professores considera importante desenvolver a sensibilidade e a criatividade, mas também consideram importantes que a Arte mostre a existência de valores culturais.

Os PCN nos seus objetivos gerais, apontam a importância da Arte na escola, os aspectos aparecem como: Compreender a cidadania, posicionar-se de maneira crítica, conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais e

culturais, noção de identidade nacional e sentimento de pertinência ao País, conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro e ainda perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente (PCN, 1997b, p. 8).

Percebemos como a leitura dos PCN, realizado por parte dos professores, vem sendo feita de forma pouco reflexiva, a opinião sobre a importância da Arte na escola pode está ligada de como é “importante na formação do aluno” do que aos objetivos reais da disciplina dentro da Matriz Curricular.

A orientadora valoriza a Arte na escola e reconhece que ela tem um papel muito importante na formação integral do aluno e que através dela pode se desenvolver no aluno a comunicação, a criatividade, a expressão e a autonomia.

Aproveitamos a oportunidade e perguntamos à orientadora se seus professores acham importante a Arte na escola e ainda, se valorizam a Arte como disciplina ou apenas nas datas comemorativas. Em resposta sobre a importância por parte dos professores a resposta foi que sim, que eles procuram capacitação para novas técnicas de ensino e aprendizagem, ou seja, depende da vontade do professor. Quanto a valorização da disciplina por parte do professor a orientadora diz que a Arte vem se inovando, que não esta mais presos somente a datas comemorativas, mas de enriquecer a sensibilidade, percepção e imaginação tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. Que ela aparece como resultado de um trabalho do ano todo, não somente voltado para as datas comemorativas.

4.3 O CONTEXTO DA ESCOLA - A REPERCUSSÃO DA DISCIPLINA DE ARTE EM RELAÇÃO AOS ALUNOS

A disciplina de Arte faz parte do currículo das escolas do município de Presidente Kennedy, ministrada duas vezes por semana no ensino fundamental II (6º ao 9º anos) com a carga horária de 50 minutos cada aula. A partir do objetivo geral do BNCC (2017), (Organização dos conteúdos que os alunos precisam estudar em território brasileiro) surge então a necessidade de problematizar a importância desse documento como orientador da prática docente, no que diz respeito a

disciplina de “Arte”. Realizar olhares iniciais de como o professor de Arte precisam de um norte, para desempenhar com segurança seu planejamento anual.

Como ponto de análise foi escolhido uma das escolas polos do município realizado na comunidade de Jaqueira, a Escola “Bery Barreto de Araújo” nas turmas de 7º e 9º anos; com intuito de demonstrar o trabalho do docente no particular, tendo em vista, as dificuldades conceituais, didático e pedagógico no trato com os conteúdos nos anos do Ensino Fundamental, e assim, trazer alguns apontamentos nas particularidades do ensino da Arte e sua importância para a formação do aluno como cidadão do mundo.

Para o autor Romanelli (2016), uma contribuição central do documento é sua posição clara sobre as particularidades das linguagens artísticas que compõem o componente curricular Arte que engloba quatro linguagens:

Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Cada linguagem tem seu próprio campo epistemológico, seus elementos constitutivos e estatutos, com singularidades que exigem abordagens pedagógicas específicas das artes e, portanto, formação docente especializada (BRASIL, 2016, p. 112).

Destaca-se a discussão sobre a função da Arte na formação do sujeito. Em especial, na ênfase dada à autonomia dos estudantes salientando que “Ao longo do Ensino Fundamental, espera-se a expansão do repertório, a ampliação das habilidades e o aumento da autonomia nas práticas artísticas dos/as estudantes” (BRASIL, 2016, p. 117). Em lugar de propor uma visão instrutiva da arte, o texto propõe a formação do sujeito a partir da consolidação de sua autonomia diante da construção do conhecimento (FREIRE, 2000), ou seja, aponta que sua relação com a Arte pode e deve ser ampliada de forma autônoma ao longo de toda vida.

A experiência como professor de Arte permite pontuar sobre o entendimento da real função crítico-constructiva que tem sido o papel do ensino de Artes nas escolas, ainda se encontra equivocado ou mal compreendido por alguns setores educacionais: desde o desinteresse e, talvez, a desvalorização da disciplina por parte dos discentes, quanto pelo entendimento equivocado de gestores escolares da função do professor de Artes.

São perceptíveis práticas docentes que resumem a disciplina apenas ao exercício de atividades manuais sem fundamentação crítica, ou mesmo encargos delegados pela gestão que se resumem a enfeites e decorações para as tradicionais

festas escolares. Essas práticas distanciam do que defendemos como fundamental no processo ensino aprendizagem dos alunos, no sentido da importância que os conteúdos de Artes podem colaborar no desenvolvimento e formação dos estudantes. Defendemos as práticas docentes, na perspectiva das “práxis”, no sentido atribuído por Freire (1996), e Gadotti (2000). Os conteúdos, bem como sua apropriação só tem sentido, se contribuírem para a transformação da vida dos alunos, são, portanto, “políticos”, porque muda o mundo. O que temos percebido sobre os procedimentos e tratativas dos conteúdos de Artes é que esses se distanciam do aluno impedindo a oportunidade de inserir-se num mundo artístico crítico-social.

Para nos ajudar a esclarecer a linha de pensamento que estamos a defender, trouxemos a autora Cava (2014). Esta afirma que a disciplina de Artes não pode voltar-se apenas:

à habilidade manual e ao conhecimento de técnicas” (CAVA, 2014, p. 18), mas que o docente que ministra tal disciplina necessita estar ligado a vivências de apreciação e criticidade artísticas, atualizar-se constantemente e comungar os preceitos teóricos que traz consigo a prática em sala de aula. Compreende-se a importante função de tais atividades no desenvolvimento da criança, especialmente na Educação Infantil, aliadas à coordenação motora, entretanto, a disciplina não pode estar voltada unicamente a isso (CAVA, 2014, p. 18).

Como professores de Artes consideramos o ponto forte da proposta curricular trazida pelo documento BNCC, é a valorização do conhecimento e da interpretação cultura nacional, quando propõe “conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo matrizes indígenas, africanas e europeias de diferentes épocas” (BRASIL, p. 248). Essa proposta oferece ao discente a oportunidade de análise e entendimento das raízes culturais brasileiras, numa concepção histórico-geográfica, favorecendo o trato da interdisciplinaridade.

Percebemos que o Documento, inicia e amplia a visão dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos anos finais da mesma etapa espera ampliar e criticar a interação dos discentes com as Artes. Assim, esclarece: “o diferencial dessa fase está na maior sistematização dos conhecimentos e na proposição de experiências mais diversificadas” (BRASIL, p. 264).

Para Frade (2017) analisando de modo abrangente, a proposta curricular do ensino de Artes no Ensino Fundamental II, abre margens para o desenvolvimento

crítico do discente e sua melhor interpretação dos elementos que constituem tais representações. Sobre tal aspecto crítico, a autora cita Freire (2017). O qual entende que a aprendizagem crítica é o caminho para alcançar-se a curiosidade epistemológica, caminho pelo qual se chega ao verdadeiro conhecimento do objeto.

Para Gama (2017):

o BNCC, conceitualmente, é a principal norma editada pelo Ministério da Educação com o objetivo de definir as áreas do conhecimento integrantes dos currículos e propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e particulares de Educação Infantil e Fundamental, assim como os conhecimentos, competências e habilidades em cada disciplina escolar aplicados a situações da vida real. Como política educacional é editada como referência norteadora da reformulação dos currículos escolares e dos processos nacionais de avaliação. Ela estabelece dez competências gerais que são consideradas básicas ao tratamento didático proposto para a Educação Infantil e Fundamental (GAMA, 2017, p. 10).

Para esse autor, um leitor de fora do campo educacional talvez tenha dificuldade com o termo competência, daí a necessidade de definir o que são. As competências traduzem a capacidade de alguém adquirir conhecimentos que serão expressos por meio de habilidades, atitudes e valores diante das “demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (Brasil, 1916, p.8).

Entendemos que em sentido amplo, as competências são produtos das mediações, isto é, das operações mentais que alguém faz em processos de conhecimento frente à realidade concreta. O desenvolvimento delas permite passar da situação de desconhecimento para a de conhecimento, domínio.

Num primeiro olhar, parece ser muito fácil, selecionar um conteúdo de Artes, planejar, buscar aplicar na sala de aula para que seus alunos consigam desenvolver as capacidades ou habilidades como diz o documento. Para nós não é tão fácil assim. Mediar um processo de ensino e aprendizagem, de forma a ajudar os alunos na sua apropriação transformando esses conteúdos em capacidades a serem usadas no cotidiano é uma tarefa árdua para os docentes.

O autor Gama (2016) explicita esta ideia de uma forma muito clara:

Se no princípio os alunos são seres em sua efetividade existencial, simples, imediatos, desconhecedores ou com conhecimentos superficiais das coisas, com a reflexão ou mediação mudam de estágio após produzirem outros níveis de consciência ou conhecimento para si. Ninguém pode realizar mediações senão para si mesmo. O processo pedagógico desenvolvido

pelas escolas e professores consiste, pois, em situar os alunos diante de coisas sistematicamente escolhidas como objetos de mediações. Quanto mais mediações alguém é capaz de fazer, tanto maior será a sua capacidade de transitar conscientemente na vida cotidiana, exercer sua cidadania e realizar o seu trabalho (Gama, 2016, p. 17).

A proposta apresentada pelo BNCC exige que os conteúdos sejam capazes de possibilitar aos alunos essas competências necessárias ao bom desempenho na vida social. É uma construção individual, mas é uma tarefa coletiva do professor, ou seja, ele precisa acompanhar um coletivo de aluno para que possa verificar o crescimento cognitivo de cada um, tendo em vista, que são operações mentais individuais, mas orquestrada por meio de uma prática pedagógica excelente. A função do docente é para esse formato de ensino e aprendizagem (saberes conceituais, procedimentais e atitudinais).

Visando alcançar os objetivos a que nos propomos de conhecer sobre a atuação da disciplina de Arte na escola e se esta tem alguma repercussão positiva para os alunos, elaboramos um questionário e aplicamos aos alunos para que pudessemos colher informações que nos ajudassem a avaliar não só o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo de 2018, mas também verificar se os conteúdos que foram trabalhados, se o método usado está relacionado aos conteúdos de “Artes”, nos Anos Finais do Ensino Fundamental e se atendeu aos anseios dos alunos. Procederemos à apresentação dos dados, analisando pergunta por pergunta, ao mesmo tempo trazendo alguns autores para nos ajudar nessa leitura.

Foram optados por trabalhar com as turmas do 7º e 9º, devido a extensão deste trabalho. Faremos uma apresentação dos dados por turma.

Quadro 16 - Quantidade de alunos que participaram da pesquisa

QUANTIDADE DE ALUNO POR TURMA	
7º Ano	70
8º Ano	80
9º Ano	52

Fonte: Dados primários.

Gráfico 7 - Quantidade de Alunos do 7º, 8º e 9º Anos da Escola Bery Barreto de Araújo.



Fonte: Dados primários.

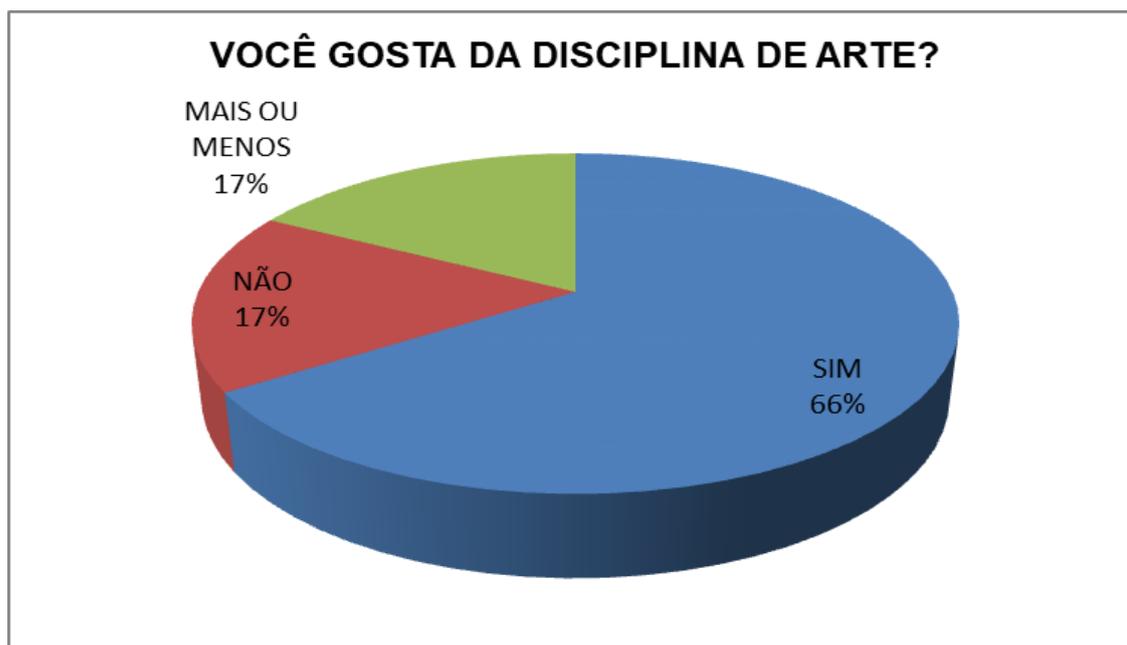
Quadro 17 - Quantidade de respondentes do 7º Ano nas três opções apresentadas.

PESQUISA 7º ANO		
VOCÊ GOSTA DA DISCIPLINA DE ARTE?		
RESPOSTAS	QTD DE PESSOAS	PORCENTAGEM
SIM	46	66%
NÃO	12	17%
MAIS OU MENOS	12	17%
TOTAL	70	100%

Fonte: Dados primários.

Observe que tivemos 46 (quarenta e seis alunos) que gostam da disciplina. Tivemos 12 alunos que não gostam e 12 que gostam mais ou menos.

Gráfico 8 - Representação do quantitativo de respondentes.



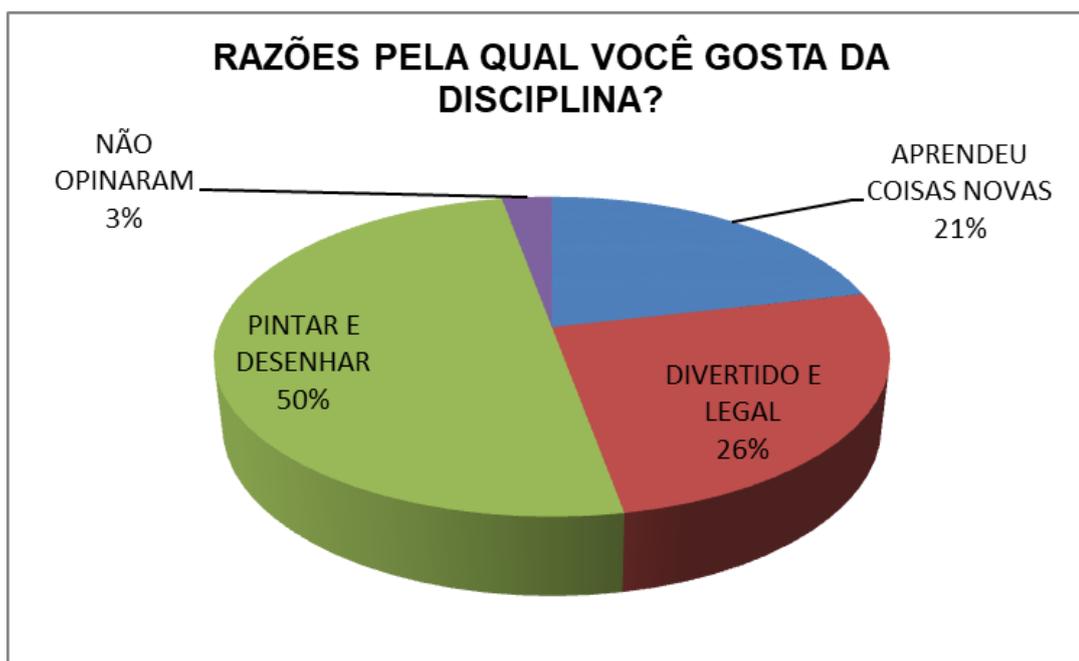
Fonte: Dados primários.

Quadro 18 - Total de respondentes com as respectivas porcentagens.

PESQUISA 7º ANO		
RAZÕES PELA QUAL VOCÊ GOSTA DA DISCIPLINA?		
RESPOSTAS	QTD DE PESSOAS	PORCENTAGEM
APRENDEU COISAS NOVAS	15	21%
DIVERTIDO E LEGAL	18	26%
PINTAR E DESENHAR	35	50%
NÃO OPINARAM	2	3%
TOTAL	70	100%

Fonte: Dados primários.

Gráfico 9 - Razões porque gostam da disciplina – 7º Ano.



Fonte: Dados primários.

Podemos perceber que 50% da turma do 7º Ano, gostam porque podem pintar e desenhar. 21% gostam da disciplina porque aprendeu coisas novas. 26 % gostam da disciplina por ser divertido e legal.

Pelos resultados apresentados podemos dizer que os alunos parecem não ter compreendido os objetivos da disciplina, bem como seu objeto de estudo. Gostam mas não sabem dizer com fundamentos o porquê. O objetivo do Ensino de Artes não é esse no Ensino Fundamental. Podemos acrescentar que muitas vezes os alunos não aprendem ou não interessam pelos conteúdos ou mesmo pela disciplina, porque não conhecem seus fundamentos. Não relacionam nem entendem porque estudam tal conteúdo.

Quadro 19 - Conteúdo que mais gostou – Turma do 7º Ano.

PESQUISA 7º ANO		
CONTEÚDO QUE MAIS GOSTOU?		
RESPOSTAS	QTD DE PESSOAS	PORCENTAGEM
DESENHO	17	24%
GRAFITE	17	24%
ARTE GREGA	10	15%
HISTÓRIA DE PK E OUTROS	24	34%
NÃO OPINARAM	2	3%
TOTAL	70	100%

Fonte: Dados primários.

Gráfico 10 - Conteúdos que mais gostou.



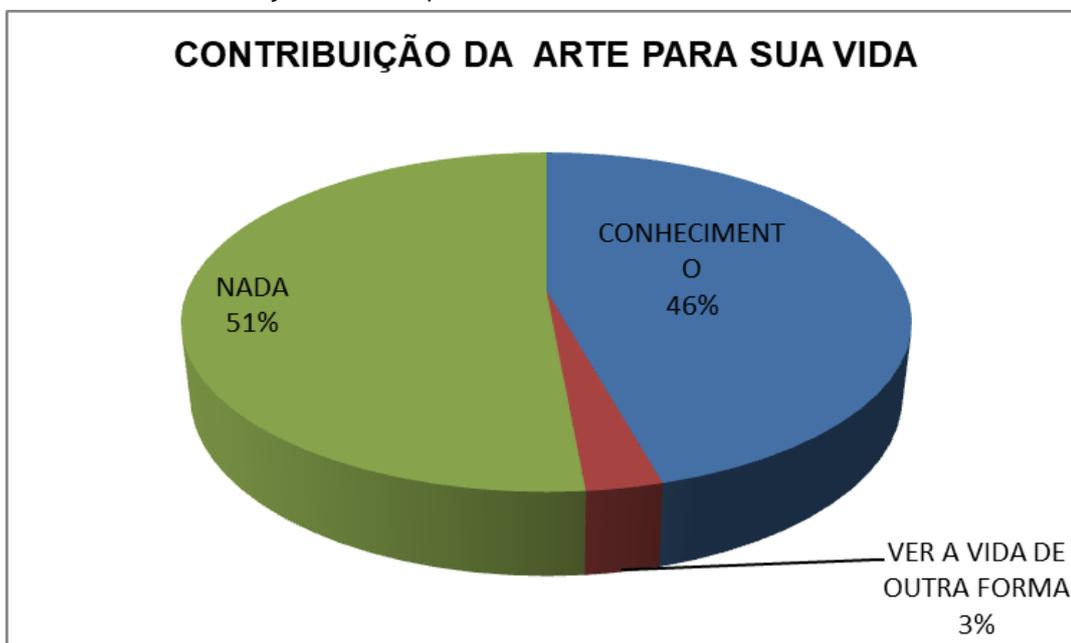
Fonte: Dados primários.

Quadro 20 - Contribuições da Disciplina para sua vida.

PESQUISA 7º ANO		
CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA SUA VIDA		
RESPOSTAS	QTD DE PESSOAS	PORCENTAGEM
CONHECIMENTO	32	46%
VER A VIDA DE OUTRA FORMA	2	3%
NADA	36	51%
TOTAL	70	100%

Fonte: Dados primários.

Gráfico 11 - Contribuições da Disciplina.



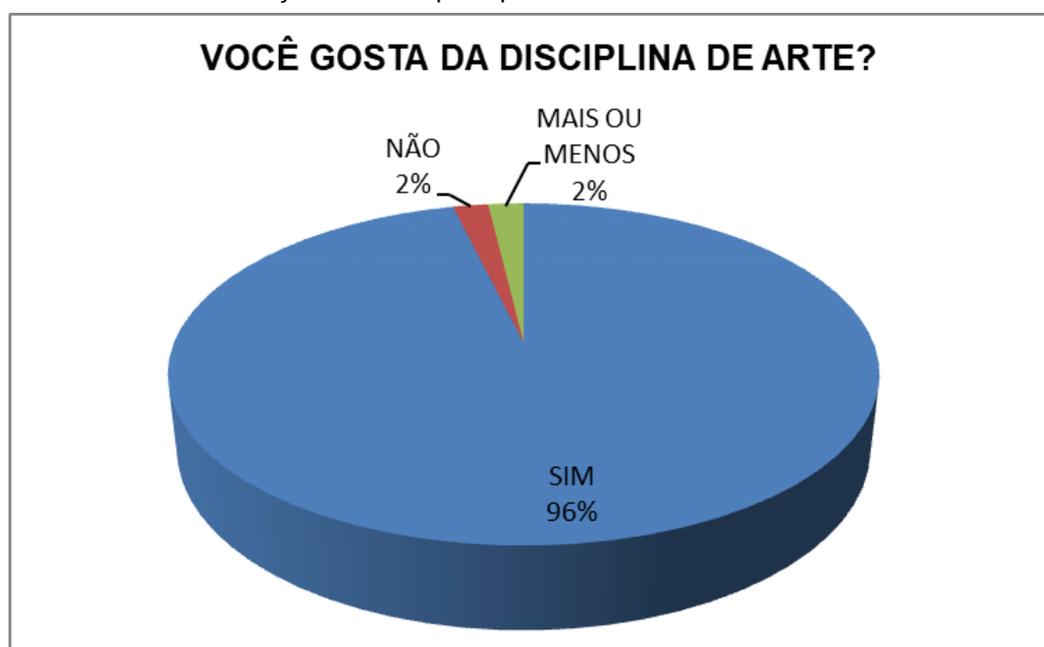
Fonte: Dados primários.

Quadro 21 – Questionário para turma do 9º Ano.

PESQUISA 9º ANO		
VOCÊ GOSTA DA DISCIPLINA DE ARTE?		
RESPOSTAS	QTD DE PESSOAS	PORCENTAGEM
SIM	50	96%
NÃO	1	2%
MAIS OU MENOS	1	2%
TOTAL	52	100%

Fonte: Dados primários.

Gráfico 12 - Contribuições da Disciplina para sua vida.



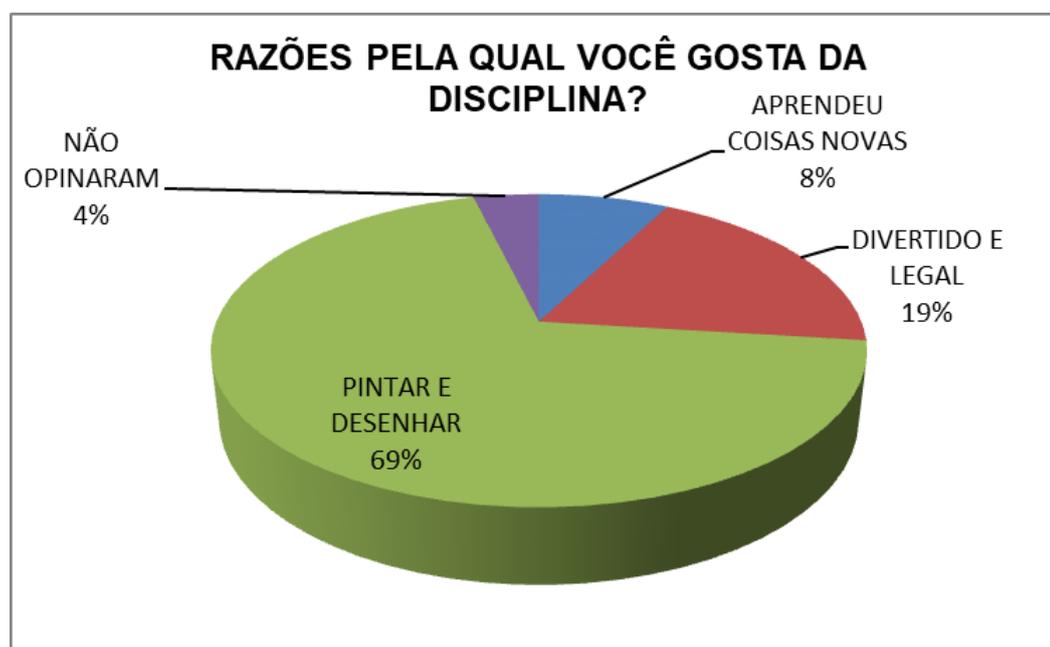
Fonte: Dados primários.

Quadro 22 - Turma do 9º Ano. Razões pela qual você gosta da Disciplina?

PESQUISA 9º ANO		
RAZÕES PELA QUAL VOCÊ GOSTA DA DISCIPLINA?		
RESPOSTAS	QTD DE PESSOAS	PORCENTAGEM
PINTAR E DESENHAR	36	69%
DIVERTIDO E LEGAL	10	19%
APRENDER COISAS NOVAS	4	8%
NÃO OPINARAM	2	4%
TOTAL	52	100%

Fonte: Dados primários.

Gráfico 13 - Turma do 9º Ano e as justificativas pelo gosto da disciplina.



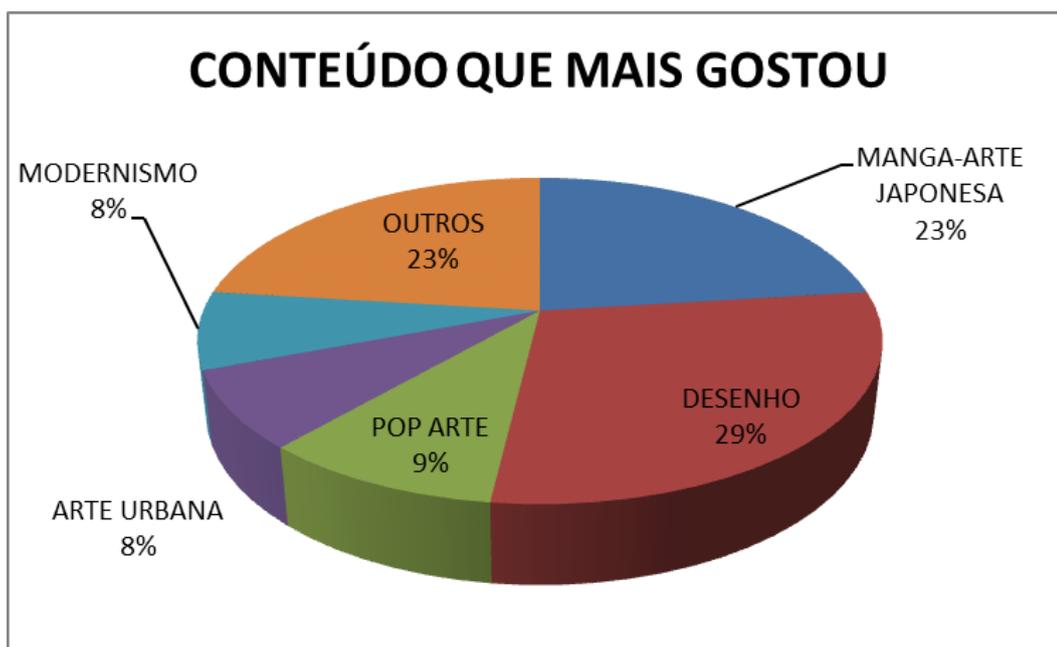
Fonte: Dados primários.

Quadro 23 - Turma do 9º Ano. Conteúdo que mais gostou.

PESQUISA 9º ANO		
CONTEÚDO QUE MAIS GOSTOU?		
RESPOSTAS	QTD DE PESSOAS	PORCENTAGEM
MANGÁ ARTE JAPONESA	12	23%
GRAFITE	15	29%
POP ARTE	5	9%
ARTE URBANA	4	8%
MODERNISMO	4	8%
OUTROS	12	23%
TOTAL	52	100%

Fonte: Dados primários.

Gráfico 14 - Turma do 9º Ano e as justificativas pelo gosto da disciplina.



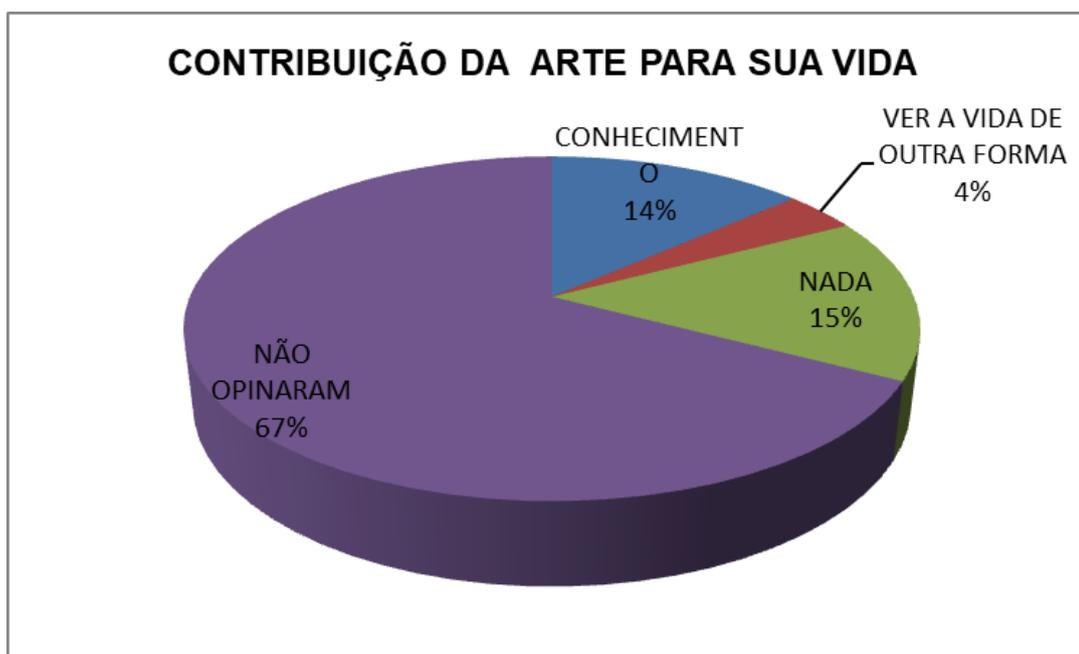
Fonte: Dados primários.

Quadro 24 - Turma do 9º Ano. Contribuições da Disciplina para sua vida.

PESQUISA 9º ANO		
CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA SUA VIDA		
RESPOSTAS	QTD DE PESSOAS	PORCENTAGEM
CONHECIMENTO	7	14%
VER A VIDA DE OUTRA FORMA	2	4%
NADA	8	15%
NÃO OPINARAM	35	67%
TOTAL	52	100%

Fonte: Dados primários.

Gráfico 15 - Turma do 9º Ano e as justificativas pelo gosto da disciplina.



Fonte: Dados primários.

Pelos resultados podemos perceber que há fragilidade no ensino e aprendizagem da disciplina de “Artes” na Escola Bery Barreto de Araújo em Presidente Kennedy. Todas as turmas pesquisadas gostam da disciplina. Ambas,

tem muita dificuldade em citar o objetivo da disciplina. Não conseguem vê-la a partir de seus estudos.

Compreendem a importância dela para sua vida, conseguiram elencar conteúdos, e dá para perceber muito bem os conteúdos que foram significativos para eles. Entendem a importância da disciplina para sua vida futura.

Os dados puderam comprovar que, é possível, que um programa de estudo com listagem das competências e ou habilidades esperadas colaboram com o docente e conseqüentemente com os alunos, no sentido de expor os motivos porque estudam este ou aquele conteúdo.

Fica claro também a dificuldade dos professores dessa disciplina nesta escola em lidar com questões básicas envolvendo o ensino e o domínio do como fazer para tratar os variados conteúdos de Arte.

“Ressalta-se como é perceptível, a dificuldade dos docentes em fazer a transposição didática dos conteúdos de Artes”. Tal transposição requer um domínio geral da importância filosófica, política, ética e cultural dos conteúdos por parte do professor e de como serão veiculados juntos aos alunos. Requer também, um domínio específico didático na tratativa dos conteúdos de “Artes”, respeitando suas especificidades epistemológicas, que cada disciplina possui. Levanta uma dúvida de que a BNCC sem orientação e instruções mais específicas realmente vai solucionar o problema encontrado, como falar uma única língua se a mesma dá margens a tantas interpretações quando ao que será trabalhado e ainda, embora o problema tenha ficado nítido quanto à caminhada do saber ser longa não fica claro que a solução seja a aplicação unificada sem melhor esclarecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme percebemos nos objetivos gerais e específicos, mesmo sabendo que as pessoas não são suscetíveis a mudanças, e isso é de se esperar, já que fomos acostumados a seguir pela lógica de que se deu certo, para que mudar, porém isso impedir que as mesmas aconteçam, e não seria diferente com a educação. Com ela ocorreu uma grande evolução, pois por muito tempo foi posta como um privilégio para poucos; cabia a ela somente aos filhos dos governantes, comerciantes, etc.; no Brasil o ensino da Arte sempre foi visto como complemento da educação da elite. Com a vinda da Missão Francesa, a Arte fez parte da formação cultural das moças de famílias tradicionais e das pessoas socialmente diferenciadas.

Um aprendizado que servia como um preparo para as “moças prendadas”, onde eram instruídas a adquirir conhecimento e descobrir técnicas para pintar, bordar, costurar, tocar piano, ou seja, qualificações que uma moça culta e bem instruída deveria ter e que durante muito tempo em nosso país foi o mais próximo de preparo que uma mulher poderia obter. Por outro lado, com os homens, a educação era mais preparatória, eram ensinados desenhos geométricos com o emprego da perspectiva, garantindo que os mesmos recebessem preparo para carreiras tradicionais, como a de engenharia e a arquitetura.

Em meio a tantas mudanças que ocorreram no decorrer da história, a revolução industrial trouxe com sigo a modernidade e uma proposta de dias melhores. Logo depois, dar-se a vez ao surgimento da arte moderna no Brasil, que contou com um evento que ficou conhecido como a Semana de Arte Moderna ou simplesmente a Semana de 22. Um evento que tinha como objetivo legitimar a modernidade e marcar uma época com a proposta de mudar a “cabeça” das pessoas em relação ao novo e com ela às ideias da escola nova, também a livre expressão, a criatividade, a valorização do processo de criação sobre o produto final.

Ao falarmos de avanços, não se pode deixar de mencionar o outro fato histórico que deixou marcas fortes na área artística, a ditadura militar, que impôs limites na arte colocando-a como cópia e o artista a simples executor. Surge um movimento cultural cheio de contestações em plena década de 60 que ficou conhecido como Tropicália. O país estava em plena efervescência social e política,

lutando contra a presença dos militares no poder, contra as sementes iniciais da censura. É o surgimento de uma nova forma de agir e de participar do cenário cultural nacional, com ares críticos e transformadores, são manifestações de pensamento que não interessava aos que aqui comandavam.

Com tantas transformações culturais, o ensino de Arte na escola, toma dois caminhos: nas escolas progressistas, uma arte puramente expressionista, sem nenhum conteúdo ou reflexão, com aulas voltadas às atividades livres, sem valor acadêmico. Nas escolas tradicionais, reduzido ao tecnicismo da ditadura, numa extrema preocupação com o desenho geométrico e o desenho de observação, ou seja, a técnica pela técnica.

Refere ao conceito de Arte, apresentam-se as políticas públicas educacionais que se destacam na proposta do ensino de Arte e as tendências que identificadas na contemporaneidade, com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa.

Quanto aos PCN-Arte, identifica-se uma regularidade discursiva que é revelada pelo destaque à ideia de deterioração e atraso. A retomada ao passado é tomar como mote para a edificação da perspectiva definida nesse documento; com a proposta de mostrar que, no futuro, se nos engajarmos nesse projeto, tudo será melhor. Segundo os PCN-Arte: — O ensino fundamental permite que as áreas se incorporem umas às outras e que o aluno venha a ser o principal agente das relações entre as diversas disciplinas, se os educadores estiverem abertos para as relações que eles fazem por si (BRASIL, 1998, p. 103).

Seguindo ainda com os PCN-Arte, pode ser dizer que expõem aos professores seus limites e, por outro lado, apresentam técnicas variadas que chamam atenção como a prática pedagógica mais apropriada para alcançar as metas educacionais propostas pelo Estado brasileiro, ou seja, define a carreira desse docente, o destinatário das políticas de educação. As políticas determinam qual educação deve ser efetivada e defini os rumos que as mudanças no ensino de Arte devem seguir. Como discurso oficial espera que os objetivos propostos sejam partilhados por todos e, assim, governem pela sua força institucional, ficando a prática docente, segundo esse documento, obter a mudança, a transformação e a construção de um país melhor como propósito.

Com a intenção de democratizar o ensino e buscar um ensino de qualidade para todos, um questionamento é lançado: por que se deve ensinar Arte na escola?

E o que realmente a Arte pode desenvolver? Fazer arte, conhecer, conversar com ela, desenvolver o senso estético de forma harmônica, ver e perceber o mundo a sua volta. Pode se dizer que essas são algumas das funções da Arte na escola, pois, ela vai muito mais além de uma simples atividade, ela contribui na construção da cultura e do conhecimento do ser humano.

Pode se dizer sem dúvida, que uma das principais funções da Arte na formação do ser humano é construir a cultura e fazer ler o mundo através de uma obra de arte, entender o artista, conversar com sua obra e perceber com sensibilidade o significado dessa obra, é olhar o mundo através da janela e não impor limites, ou seja, fazer a arte vencer desafios. Quando se tem uma tela em branco, se pode escrever sua própria história, através dos sons, das cores, dos sentimentos, das emoções, são desafios que o artista vence ao exprimir sua arte.

Em um mundo tão repleto de informação e tecnologia, o desafio exatamente de levar conhecimento sem que o mesmo caia na mesmice e se perca o glamour, é usá-lo para alcançar novos horizontes, onde as informações estão disponíveis com facilidade na internet, é importante saber utilizá-las com criatividade para a solução dos problemas e dos desafios que se apresentam, mas deixar claro que o olhar sempre será diferente quando se tem a oportunidade de ver de perto a sensibilidade de um artista e oportunizar isso a um aluno não tem preço. Deve-se ser criativo e enxergar novas alternativas, novas possibilidades, desenvolver o pensamento divergente na busca de várias soluções para um único problema, seja ele de Matemática, Física, Química ou Artes. E fique certo de que algumas coisas nunca vão andar sozinhas, a ciência não se desenvolveria sem a criatividade, sem a sensibilidade de um olhar e a ousadia do cientista para ir além do comum, do normal, das soluções já encontradas. Assim deve ser com o professor, planejar uma boa aula, seja ela atrativa e instigante, é criar estratégias de ensino diferenciadas para os alunos, pois a criatividade é a porta aberta para o mundo das artes.

Em um mundo elitista, não se pode deixar a arte voltar-se apenas para a cultura da elite, em um mundo democrático a arte busca suas raízes, e estudar o passado é necessário para entender o presente, para se construir um futuro. É preciso entender quem somos, por que somos e quem são os outros ao nosso redor, ao redor da sociedade em que se vive, é abrir os olhos e enxergar o próximo, é forma nossa consciência como cidadãos. É precisamos conhecer a nós mesmos,

para que possamos compreender o outro, a cultura do outro, o mundo do outro em um diálogo de abertura e respeito, no qual a multiculturalidade encontra espaço de convivência e renovação.

Diante dessa perspectiva de um novo olhar, nossa inquietação em saber se a Arte que vem sendo desenvolvida na escola tem realmente contribuído para a formação do aluno gerou esta pesquisa que a princípio baseou-se em minha experiência profissional, como professora de Arte do ensino fundamental de 6º a 9º ano, atuando em diversas escolas. Essa experiência colaborou para que tivesse uma visão mais ampla das contribuições da Arte no desenvolvimento do aluno, já que se vivencia o desenvolvimento do aluno no seu cotidiano, e não somente em aulas específicas.

Com o intuito de compreender como o ensino de Arte é desenvolvido pelo professor utilizando o PCN nas escolas Municipais de Presidente Kennedy, objetivo geral de nossa pesquisa, nos proporciona algumas considerações.

Verificando como a arte esta inserida no espaço escolar e refletindo sobre as práticas pedagógicas no ensino de arte, nosso primeiro objetivo específico, levando em conta que a área de Arte faz parte do conteúdo obrigatório das escolas assim como a LDB determina, as obrigatoriedades estão asseguradas na matriz curricular das escolas municipais, com duas aulas semanais através do Decreto Municipal 13.489/99. Percebemos que as ações desenvolvidas pela Secretaria de Educação em relação à formação continuada dos professores sobre o ensino de Arte, ainda são insuficientes e isso reflete no aprendizado dos alunos que infelizmente tem profissionais desatualizados e desestimulados atuando na rede.

Vimos que os professores acham importante a Arte na escola e ainda se esforçam para desenvolver um bom trabalho. Os mesmos também se mostraram muito receptivos ao assunto e gostariam de receber ajuda, porque têm consciência de suas limitações e defasagens ocorridas durante sua formação profissional.

No decorrer da pesquisa nos deparamos com uma provável situação, parte dos profissionais usa a sua falta de formação como desculpa para o não envolvimento com a Arte. O professor em determinado momento não visualiza a sua verdadeira função dentro da aula de Arte e passa a acreditar que a qualidade e o resultado da aula dependem exclusivamente da sua habilidade ou do seu talento

artístico. Ele não se vê como mediador ou incentivador, mas como exemplo a ser copiado pelos alunos.

Uma questão preocupante, pois parece ser uma visão, presente entre os professores, é que a aula de Arte esteja associando ao artesanato e ao artesanato reprodutivo, com pouca criatividade, no qual o aluno apenas obedece a passos de execução determinados, para a confecção de cartões, caixas, presentes, etc. Daí a ideia de que a falta de materiais específicos para trabalhar faz falta e leva o professor ter insegurança quanto ao seu ensinamento e um desconforto de que se ele não souber fazer perfeitamente, o aluno também não saberá reproduzir.

Uma realidade analisada em nossas pesquisas, através de conversa com os professores, percebeu que há diferença entre as escolas onde existe a valorização da Arte incentivada pela equipe gestora (diretor) e aquelas em que isso não acontece. A Arte que ocupa espaço com oportunidade de desenvolvimento do estudante é muito diferente em relação o apoio dado pela equipe gestora, e em outros casos onde o apoio não acontece, a qualidade da aula de Arte fica subordinada à vontade do professor, e os gestores aceitam, com naturalidade, que apenas os professores mais interessados realizam um bom trabalho, e os outros se limitem aos desenhos mimeografados e ao artesanato tradicional.

Ao explorar as necessidades dos professores em relação ao ensino de Arte, nosso segundo objetivo específico, identificamos como o reflexo direto de uma formação defasada em relação a essa área durante a formação profissional desses professores, que não se sentem preparados para desenvolver um trabalho com Arte demonstram a necessidade da orientação de um especialista e isso foi bem perceptivo.

Como ultimo objetivo específico a ser citado, que é a criação de uma metodologia ativa que contribua para a construção de aprendizagem e oferecer a secretaria de educação para que sirva de instrumento para adequação do material didático, são descritas sugestões desenvolvidas com alunos que absorveram as novas práticas, onde, o resultado foram alunos mais participativos, com novas visões sobre o mundo, percebendo a importância do seu papel na sociedade e descobrindo assim que a Arte pode ajudar de várias formas a lidar com o novo, com o velho e com o desconhecido; pois o saber se faz vivenciando novas experiências.

Em uma última observação importante durante a pesquisa, foi em relação a um questionamento feito ao professor em relação à atitude dele em permitir ou não que o aluno desenhe e pinte sem observar fielmente as formas e cores da natureza, e nos deparamos com uma questão ainda não respondida pelos educadores: qual o espaço que a Arte efetivamente ocupa dentro do cotidiano escolar?

É claro e de fundamental importância que na aula de Arte, a ousadia seja exigência; mas, durante as outras aulas, o professor tem que deixar fluir a criatividade do aluno e incentivá-lo.

Uma outra interrogativa, será que o problema do professor de Arte estará resolvido se a direção da escola enxergá-lo apenas como o “feitor de festa”, “decorador da escola” ou “único responsável pelas lembrancinhas”, para que os outros professores fiquem livres dessa preocupação?

Se o papel do professor de Arte for passar o tempo todo preocupado em “ensaiar musiquinhas” e “fazer lembrancinhas”, ele terá tempo de desenvolver objetivos específicos e conteúdos próprios da sua área?

Para a melhoria do ensino de Arte em Presidente Kennedy, apresentamos uma contribuição de nossa pesquisa, consideramos que:

1. Que um especialista em Arte possa orientar a aquisição do material distribuído nas escolas, e que a qualidade também seja levada em conta além do preço;
2. Que se invistam na formação de professores polivalentes, dentro e fora das HTPC, para que seja compreendida as novas propostas para o ensino de Arte principalmente em relação ao BNCC imposto pelo estado para ser trabalhado unificadamente, e ainda a relação da área dentro do espaço escolar e a função do professor como motivador da criatividade e não só como exemplo a ser seguido;
3. E não menos importante, a importância do investimento em formação também para os orientadores pedagógicos e também diretores, para que as expectativas depositadas sobre o trabalho do professor de Arte não sejam apenas as de realização e decoração de festas escolares, e sim a de um trabalho que atenda às orientações da nova legislação para o ensino de Arte.

Sendo assim, conforme pesquisas podemos chegar a conclusão do objetivo principal do trabalho que é compreender como o ensino de Arte é desenvolvido pelo professor utilizando o PCN, a disciplina foi incluída na matriz curricular do município de acordo com a LDB, mas, a valorização da Arte na escola pelos professores e equipe gestora ainda não está clara, pois ainda é vista como um momento de lazer, e em outro momento como um conteúdo difícil de ser trabalhado. A idéia foi especificar a importância da Arte na escola e da função do professor de Arte, por parte dos demais professores e da equipe gestora, que é determinante para que essa área de conhecimento possa contribuir para a melhoria da educação de nossas crianças e jovens.

O ensino de Arte não é desnecessário, ela tem como objetivo desenvolver no aluno a capacidade de questionar a realidade através do pensamento lógico, desenvolver a capacidade de análise crítica, criatividade e intuição e a formação da identidade nacional através do conhecimento da sua própria cultura e da cultura mundial (PCN, 1997b, p. 9) assim, a Arte na escola é muito mais do que um simples momento de lazer, pois ela tem objetivos, muito mais amplos do que os até então pretendidos, ela têm fatores que poderão contribuir para a formação do cidadão consciente, crítico e capaz de interferir na realidade que o cerca.

Após estudos bibliográficos e de campo, podemos chegar à conclusão que a Arte na escola não pode ser valorizada somente por está regularizada numa lei que obriga as escolas a terem como matéria, mas que o professor/educador de Arte seja também valorizado pela sua formação tendo ele liberdade para atuar numa sala de aula de forma livre que consiga transformar o pensamento do aluno. A Arte tem que ter a mesma credibilidade e importância que as outras matérias como Português e Matemática, o gestor escolar tem que ter a consciência disso e começar a valorizá-la, pois ela tem a mesma potencialidade das outras matérias para o desenvolvimento do aluno, ela pode contribuir com igualdade com as disciplinas citadas. Existe uma cultura de anos atrás onde a Arte era trata tão simplesmente como uma forma de relaxar ou passatempo nas escolas, e isso permanece até os tempos atuais, muitos ainda pensam dessa forma, a Arte trata de assuntos importantes de uma outra forma, mostra que nem tudo que se aprendi tem que ser necessariamente de um jeito chato, e que o fato de ser sério também pode ser trabalhado de forma divertida.

Finalizando, o objetivo desse trabalho é mostrar a importância do ensino da Arte nas escolas, e que a metodologia de ensino de forma ativa, oferece sim um aprendizado mais prazeroso ao aluno, servindo de instrumento para o desenvolvimento do aluno, abrindo sua mente para questões ainda adormecidas, ou simplesmente não observadas até então.

REFERÊNCIAS

A importância do ensino das artes na escola. Disponível em: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html> - acessado em 28 maio 2018

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. Disponível em: < <http://pt.slideshare.net/nafreitas/abbagnano-nicola-dicionrio-de-filosofia-15776809>>. Acesso em: 19 maio 2018.

ARENDT, H. **A condição humana.** Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

ARGAN, Giulio C; FAGIOLO, Maurizio. **Guia de história da arte.** Tradução M.F. Azevedo. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1994.

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte.** São Paulo: Cengage Learning ,2013.

_____. **A Arte como experiência.** São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil:** realidade hoje e expectativas futuras. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ea/v3n7a10.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2019.

_____. **Teoria e prática da Educação Artística.** 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Arte-educação no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **A imagem no ensino da arte.** São Paulo: Perspectiva, 2007

_____. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae (Org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2008, cap. 1, p. 13-25.

BARRETT, M. **Educação em Arte.** Lisboa: Presença, 1979.

BARROS, José D'Assunção. **Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BATISTONI FILHO, Duílio. **Pequena história da arte**. Campinas, SP: Papirus, 1993

BERTONCINI, E. M. P. **Arte e Educação**: Re-construindo o presente. Presidente Prudente. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2011. Disponível em: <repositorio.unesp.br>. Acesso em: 08 set. 2018.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **A qualidade do ensino na escola pública**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

BLAUTH, Lurdi. Arte e ensino: uma possível educação estética. **Rev. Em aberto**, Brasília, v.21, n.77, p. 41-49, jun. 2007

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ministério da Educação – MEC. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2017.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN Sari Knopp. **Investigação qualitativa e educação**. Porto: Porto, 1994.

CAVA, Laura C.S. **Ensino de arte e música**. Londrina: UNOPAR, 2014.

CERVO, Armonado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 3. ed. SP: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Ática. 1995.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer 09/2001 de 8 de maio de 2001**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Relatores: Edla de Araújo Lira Soares, Éfrem de Aguiar Maranhão, Eunice Ribeiro Durham, Guiomar Namó de Mello, Nelio Marco Vincenzo Bizzo e Raquel Figueiredo, Alessandri Teixeira.(Relatora), Silke Weber (Presidente). Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 18 jan. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf> Acesso em: 12 ago. 2018.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 1 de 15 de maio de 2006**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em 02 mar. 2019.

CURY, C.R.J, Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Educação**. n. 2, p. 4-17, mai/jun/jul/ag, 1996.

DEWEY, J. *The school and society*. Chicago, Il: The University of Chicago Press, 1915. Disponível em:.. Acesso em 10 maio 2016.

_____. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DUARTE JR, João Francisco. **Por que Arte-Educação?** 5 ed. Campinas: Papirus, 1988.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Por que Arte-educação?** 16. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

EFLAND, Arthur D. **Imaginação na cognição**: o propósito da arte. In Barbosa, Ana Mae (org.) **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. Parte IV, Cap. 2, p. 318-345.

EISNER, E. **O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?** Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, p.5-17, jul-dez, 2008. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf> . Acesso em: 9 mai. 2019

ELLIOT, J. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, Corinta M.G.; FIORENTIN, Dário & PEREIRA, Elisabete M.de A. **Cartografias do Trabalho docente: professor (a) – pesquisador (a)**. Campinas-SP: Mercado de letras: Associação de Leituras do Brasil-AL, 1998.

ESTEBAN, M. Paz. Pesquisa qualitativa em educação. Tradução Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FRADE, Isabela. **Arte, experiência política e formação docente**. Grupo ANPAP. Memórias e Invenções: Campinas, setembro de 2017.

FERRAZ, Maria H; FUSARI, Maria R. **Arte na educação escolar**. S.P: Cortez, 1993.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F.R e. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

FONSÊCA, Fábio do Nascimento. Parâmetros Curriculares Nacionais: possibilidades, limites e implicações. In: PENNA, Maura (coord.). **É este o ensino de Arte que queremos? Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. cap. 1. p. 15-30.

FREIRE, Cristina. **Arte Conceitual**. RJ: Jorge Zahar, 2006 FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FRÓES, Oswaldo; CAMPOS, Odécio. **Parecer 853/71, do Conselho Federal de Educação, Câmara do ensino de 1º e 2º grau - Regimento e administração escolar**. São Paulo: Dinâmica Educacional, 1981.

FUSARI, Maria F.R e; FERRAZ, Maria Heloísa C. T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Editora Cortez, 2. ed., 1999.

GATTI, Bernadete. **Formação de Professores no Brasil**: características e problemas. Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010.

GOMBRICH, E.H. **A história da arte**. Tradução Álvaro Cabral. 16. ed. RJ: LTC. 1999.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca...** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

HAUTECOEUR, Louis. **História geral da arte**. Tomo I. Da Magia à Religião. Tradução: Paulo Machado. SP: Difusão européia do livro, 1962.

LEITE, Y.U.F; DI GIORGI, C.A. Qualidade na /da escola pública. In: GUIMARÃES, C.M; DI GIORGE, C.A; MENIN, M.S.S. (Org) **Os professores frente ao cotidiano escolar**: Múltiplos caminhos. Mimeo. 27 p. 2009.(Versão encaminhada para edição de livro)

_____. Lei nº 9394, de 20.12.96. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 set. 2018.

_____. **Lei nº 9.394/96, 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, p.27.839, 23 dez. 1996. Seção 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html> acesso em: 26 fev. 2019.

LIS, ELZA APARECIDA BUENOS. **O ensino da arte e a formação de docentes**- ensinando a ensinar. QUEDAS DO IGUAÇU.2008.43 f. Qualificação de formação de professores para atuar no ensino de arte nas séries iniciais da educação básica do Paraná - UNICENTRO – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE PR 2008 .Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1585-6.pdf> - acessado em 28 maio 2018.

LOSADA, Terezinha. **A interpretação da imagem**: subsídios para o ensino de arte. RJ: Mauad X FAPERJ, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade Marconi; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 6. ed. SP: Atlas, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste. Conceitos e terminologia. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008, cap. 4, p. 49-60.

MEC, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte, Brasília, 2001.

MEC, Ministério da Educação. **Estudo Exploratório sobre o professor brasileiro**- Com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007. Brasília: INEP, 2009 MEC, Portal, Notícias, 08/04/2008. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Metodologia para ensino aprendizagem de arte. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41531/6/2ed_art_m2d4.pdf - acessado em: 28 maio 2018

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997a. v. 1: Introdução.

_____. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CEB, nº: 4/2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB, nº 11/2010. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

_____. Ministério da Educação. CONAE, 2010, **Conferência Nacional de Educação, Documento final**. Disponível em: <<http://conae.mec.gov.br/>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº4 /2010**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf acesso em: 15 jun. 2019

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NUNES, Ana Luiza Ruschel. O Ensino de Arte na Educação Básica. In: Congresso Nacional da Federação dos Arte/Educadores do Brasil, 17. **Colóquio sobre o Ensino de Arte**, 2007, Florianópolis: 2007.

OCDE. **Professores são importantes**: atraindo, desenvolvendo e retendo professores eficazes. São Paulo: Moderna, 2006.

Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. Disponível em:https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4423636/mod_resource/content/2/Os%20princ%C3%ADpios%20das%20metodologias%20ativas%20de%20ensino%20abordagem%20te%C3%B3rica.pdf. Acessado em: 10 agosto 2019

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

OLTRAMARI, Daniel Castro. **A disciplina de Arte na escola pública**: A constituição dos sujeitos professores de Artes Visuais. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

PAIVA, Vanilde. **Educação Popular e educação de adultos**. São Paulo: Ed Loyola, 1987.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997b. v. 6: Arte

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries)**. Brasília. 1998. v. 1: Introdução

_____. Plano Nacional de Educação. **Lei número 13.005**, 25 de junho de 2014.

PENNA, Maura. **Música na escola**: analisando a proposta dos PCN para o ensino fundamental. In: PENNA, Maura (coord.). **É este o ensino de Arte que queremos? Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001b. cap. 6. p. 113-134.

PENSADORES, os. **A República** – Platão. Trad. Enrico Corvisieri. SP. Editora Nova Cultura, 1997.

PEREGRINO, Yara Rosas; SANTANA, Arão Paranaguá. Ensinando Teatro: uma análise crítica da proposta dos PCN. In: PENNA, Maura (coord.). **É este o ensino de Arte que queremos? Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. cap. 5. p. 97-112.

PEREGRINO, Yara Rosas R. Dançando na escola: a conquista de espaço para a arte do movimento. In: PENNA, Maura (coord.). **É este o ensino de Arte que queremos? Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001b. cap. 7. p. 135-162.

PIMENTEL, L. G.; CUNHA, E. J. L.; MOURA, J. A. **Proposta curricular**: Arte – ensino fundamental e médio - CBC. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, [2005]. Disponível em: < <http://www.pibid.prograd.ufu.br/sites/default/files/Conte%C3%BAdos%20B%C3%A1sicos%20Curriculares%20-%20Arte.pdf> Acesso em: 6 out. 2018>. Acesso em: 24.jul.2019

Prefeitura de Presidente Kennedy. Disponível em: <https://www.presidentekennedy.es.gov.br/pagina/ler/1000/historia>. Acessado em 12 fev.2019.

_____. Presidência da República. **Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm Acesso em: 01 jan. 2019.

_____. Presidência da República. **Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm . Acesso em: 30 mar. 2019.

_____. Presidência da República. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 25 mar. 2019.

_____. Presidência da República. **Lei nº 10.172/2001.** Plano Nacional de Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm. Acesso em 03 mar. 2019.

PROENÇA, GRAÇA. **História da arte.** 16 ed. SP: Ática. 2000 READ, Herbert. O sentido da arte. Tradução: E. Jacy Monteiro. 3. ed. SP: Ibrasa. 1976

READ, Herbert. **A educação pela arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1982. RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (org) **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2008, cap. 7, p. 85-91.

READ, H. **Educación por el arte.** Buenos Aires: Paidós, 1954.

REVISTA RETRATOS DA ESCOLA, Brasília, v. 10, n. 19, p. 379-392, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

RIOS, Terezinha Azerêdo. Ética e competência. São Paulo: Cortez, 2003. RIZZI, Maria Christina de Souza, Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org) **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2008, cap. 5, p. 63-82.

RIZZI. M.C. de S. Ensino de Artes – Proposta Triangular – Ana Mae Barbosa: Resenha do Capítulo 5. Caminhos Metodológicos. 2010, s/p. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e Mudanças no ensino de Arte.** São Paulo, Cortez, 2002. Disponível em: . Acesso em: 20 dez. 2018.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973).** Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1980.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa:** mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

SÁ, Raquel Mello Salimeno de. **O ensino da Arte na educação municipal de Uberlândia:** Potencialidade e silenciamentos no campo do multiculturalismo. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da Educação. **Pedagogia Histórico-Crítico:** primeiras aproximações. 3 ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992, p. 19-30.

SAVIANI, D. **Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação**: por uma outra política educacional. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção Educação Contemporânea).

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: artes. Brasília, 1997.

_____. Secretaria de educação básica. Departamento de políticas de educação infantil e ensino fundamental. Coordenação geral do ensino fundamental. **Ensino fundamental de nove anos – orientações gerais** – Brasília: MEC, 2004.

SILVA, Gislene Santos de Paula e. **A importância do ensino de arte no contexto escolar em uma escola de ensino fundamental**. Belo Horizonte. 2015.50 f. Especialização em Ensino de Artes Visuais - Escola de Belas Artes da UFMG 2015. Disponível em:http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A9LEGW/monografia_gislene_2016_c_pia.pdf?sequence=1 - acessado em 28 maio 2018

SILVA, V. Educação artística. In: **Congresso de Viseu**. Acção nº 18/2011. Prof 2000. Centro de formação de Penalva e Azurara, 11 de Nov. de 1998. s/p. On-line. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/74289> . Acesso em: 06 set. 2018.

SOUCY, Donald. Não existe expressão sem conteúdo. In Barbosa, Ana Mae (Org.) **Arte/Educação Contemporânea**: Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005. Parte I, Cap2, p.40-51.

_____. **Tradução de Jordi Claramonte**. El arte como experiencia. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 2008.

VIANA, Maria. **Sou Educador**: Ensino Fundamental II. São Paulo: Eureka, 2016. GAMA, Zacarias . A elite do atraso e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). São Paulo, 2016.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Política educacional no Brasil** – introdução histórica. Brasília: Liber livro editora, 2007.

XV ENDIPE, Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Coleção Didática e Prática de Ensino. Livro 1 - **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte, 2010.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na Educação Escolar**. Metodologia do Ensino de Artes, v. 1. Curitiba: Ibplex, 2008.

APÊNDICE A - METODOLÓGICA DE CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

Objetivo Geral	Objetivo Específico	Variável
<p>* Analisar a situação atual do ensino da Arte nas escolas municipais do 6º ao 9º ano de Presidente Kennedy , em relação ao trabalho docente.</p>	<p>* Analisar as políticas educacionais do município em relação ao ensino da Arte, especificamente quanto a orientação dada aos professores.</p> <p>* Compreender como o ensino de Arte está sendo concebido pelos professores do ensino fundamental II das escolas municipais de Presidente Kennedy</p> <p>* Identificar as expectativas e dificuldades dos professores em relação ao ensino da disciplina Arte.</p>	<p>* caracterização dos professores;</p> <p>* delimitar o universo da pesquisa;</p> <p>* Orientações recebidas para memória a atuação dos professores</p> <p>* ideia dos professores sobre arte;</p> <p>* importância da arte na escola;</p> <p>* atuação do professor com os alunos;</p> <p>* visão do professor da Arte como parte do cotidiano;</p> <p>* opinião pessoal sobre o assunto</p>

Questionário a ser aplicado aos professores

- 1) Nome da escola
- 2) Sexo: () masc () fem
- 3) Idade:
- 4) Cursou magistério no ensino médio? () sim () não
- 5) Ano de formatura :
- 6) Cursou Pedagogia? () sim () não () cursando
- 7) Possui outra graduação? () sim () não

Qual?

- 8) Possui Pós-Graduação ou Mestrado?

Qual?

- 9) Ano em que começou a lecionar ?
- 10) Quando você ainda era aluno(a) do Ensino Fundamental ou Médio, você tinha aula de Arte? () sim () não
- 11) Você se lembra do que mais gostava de fazer na aula de Arte?
- 12) No seu curso de Magistério ou de Pedagogia, havia uma disciplina específica sobre Conteúdo e Metodologia do Ensino de Arte?

No Magistério - () sim () não () não fiz Magistério

Na Pedagogia - () sim () não

- 13) Você já participou de algum curso de formação contínua sobre Conteúdo e Metodologia do Ensino de Arte? () sim () não
- 14) Quem ofereceu esse curso de formação contínua?

() Estado () Prefeitura

() outro _____

- 15) O que foi tratado nesse curso?

16) Como você escolhe os conteúdos trabalhados em Arte? Pode assinalar mais de uma opção.

buscando em livros

buscando na internet

consultando os Parâmetro Curriculares Nacionais (PCN)

usando sua própria experiência

consultando Currículo Municipal

outros _____

17) Você já leu o volume 6 dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que trata do ensino de Arte?

sim não

Se já leu, o que achou das orientações trazidas por ele?

18) Durante o ano passado até hoje, o ensino de Arte foi discutido em alguma Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) ?

sim não

19) O que foi tratado nessa HTPC sobre Arte?

20) Conte uma atividade de arte que você realizou com seus alunos e que achou interessante.

21) Você orienta seus alunos para sempre desenharem e pintarem seguindo as formas e as cores da realidade? Por quê?

22) A escola possui material específico para a aula de Arte? Quais?

23) O material disponível é suficiente?

24) Você pede material de Arte para os alunos?

25) Na sua opinião, a Arte é importante na escola? Por quê?

26) Você acha difícil trabalhar com Arte na escola?

() sim () não

Por quê?

27) Você se sente preparado para trabalhar com Arte nas suas aulas?

() sim () não

Por quê?

28) Como professor de Arte já foi solicitado para “fazer festa”, “decorar a escola” ou “único responsável pelos presentinhos”, para que o professor polivalente fique livre dessa preocupação?

() sim () não

29) Na sua opinião qual o espaço que a Arte efetivamente ocupa dentro do cotidiano escolar?

30) Na sua opinião o fato de não ter um ambiente específico para arte atrapalha o andamento da aula? () sim () não

Por quê?

APÊNCIDE B - METODOLÓGICA DE CONSTRUÇÃO DA ENTREVISTA COM COORDENADORES

Objetivo Geral	Objetivo Específico	Variável
<p>* Analisar a situação atual do ensino da Arte nas escolas municipais do 6º ao 9º ano de Presidente Kennedy , em relação ao trabalho docente.</p>	<p>* Analisar as políticas educacionais do município em relação ao ensino da Arte, especificamente quanto a orientação dada aos professores.</p> <p>* Constatar como o ensino de Arte está sendo concebido pelos professores do ensino fundamental II das escolas municipais de Presidente Kennedy</p> <p>* Identificar as expectativas e dificuldades dos professores em relação ao ensino da disciplina Arte.</p>	<p>* delimitar o universo da pesquisa;</p> <p>* Orientações recebidas sobre a importância da arte na escola;</p> <p>* atuação do professor de Arte em relação os alunos;</p> <p>* a importância da Arte na escola</p> <p>* visão do coordenador da Arte como parte do cotidiano</p> <p>* formação contínua.</p>

Roteiro de entrevista com os orientadores pedagógicos

1. Qual a sua graduação?
2. Há quanto tempo atua na coordenação?
3. Possui uma cópia completa dos PCN?
4. Os professores consultam o PCN no momento do planejamento?
5. A Sedu orienta você para orientar seus professores sobre o ensino de Arte?
6. A Sedu ou o Governo Federal enviam material de Arte para o aluno ou para a escola? Qual?
7. Esse material pode ser usado pelos professores livremente?
8. Você acha importante o ensino de Arte na escola?
9. Os seus professores acham importante a Arte na escola?
10. Os seus professores valorizam a Arte como disciplina ou apenas nas datas comemorativas?

APÊNCIDE C - METODOLÓGICA DE CONSTRUÇÃO DA ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Objetivo Geral	Objetivo Específico	Variável
<p>* Compreender como os alunos enxergam o ensino da Arte nas escolas municipais do 6º ao 9º ano de Presidente Kennedy , e de que forma ela pode contribuir em suas vidas.</p>	<p>* Analisar o ensino de Arte através do ponto de vista dos alunos de 6 a 9 ano das escolas municipais de Presidente Kennedy</p> <p>* Identificar as expectativas e dificuldades dos alunos em relação ao ensino da disciplina Arte.</p>	<p>* importância da Arte para os alunos</p> <p>* visão do estudante sobre a Arte como parte do seu cotidiano.</p>

Roteiro de entrevista com os alunos

1. Você gosta da aula de Arte? Por quê?
2. Que conteúdo você estudou que mais gostou? Ele ajudou você em que na vida?
3. O que mudaria na aula de Arte?

APÊNDICE D

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS DE ARTES:



A Metodologia Ativa é um processo que visa estimular a autoaprendizagem e a curiosidade do estudante para pesquisar, refletir e analisar possíveis situações para tomada de decisão, sendo o professor apenas o facilitador desse processo (Bastos, 2006, apud Berbel, 2011).

FLÁVIA SOARES ROZA

(Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação)

2019

Tema: Visita a galeria de Arte

Objetivos

- Permitir aos alunos a apreciação de obras artísticas com linguagens variadas;
- Reconhecer, explorar os elementos nas imagens e a sua composição.

Conteúdo

Produções artísticas.

Anos

6º a 9º.

Tempo estimado

1 dia

Material necessário

Para a visita a galeria: verificar quais os temas a serem abordados e avaliar a logística quanto ao percurso e o tempo necessário para o evento e criar um roteiro para evitar ociosidade.

Preparação

Durante a abordagem e elaboração do roteiro, atentar para o que será visto no decorrer da visita: artista e obras. Orientar os alunos sobre as regras e a postura a ser adotada.

Desenvolvimento

1ª etapa

Conversar com alunos sobre os tipos de Artes que conhecem e se já tiveram a oportunidade de vê-las de perto. Contar a eles que, ao longo da história, em diferentes épocas e regiões, as artes assim como as pinturas foram feitas e produzidas com diversos materiais e sofreram várias alterações no decorrer do tempo. Convidar o grupo a fazer uma intervenção a cerca do conhecimento adquirido podendo ser uma reprodução/reflexão sobre o que mais chamou a atenção e interligar isso a sua realidade.

2ª etapa

Propor a confecção de um Diário de bordo sobre sua experiência e reflexão sobre as obras visualizadas e de que forma elas podem intervir em suas vidas, estabelecendo conexões entre as obras e as vivências.

Avaliação

Avaliar se os alunos compreenderam a conexão entre as obras e as vivências e o resultado atingido.

Tema: Releitura musical

Objetivos

- Permitir que alunos estabeleçam ligação entre as obras e a vivência nas diferentes linguagens artísticas
- Planejar, improvisar, atuar em pequenas cenas apresentando em vídeo a temática abordada
- Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical

Conteúdo

Produções artísticas.

Anos

9º

Tempo estimado

2 horas aulas.

Material necessário

Para a produção da releitura musical: verificar os estilos musicais que serão abordados e avaliar a estrutura que será usada para a produção, celular(câmera), aplicativo para edição .

Preparação

Experimentar diferentes formas de expressão artística(instalação, vídeo, fotografia, música) Orientar os alunos sobre o uso sustentável de materiais, instrumentos , recursos e técnicas adotadas e a sua postura em relação a escola quanto ao uso da ferramenta de forma consciente.

Desenvolvimento

1ª etapa

Conversar com alunos sobre os tipos musicais que serão trabalhados de ter consciência em relação a linguagem abordada e analisar o uso e as funções da música e seus diversos contextos principalmente sobre a vida cotidiana . Dialogar com os alunos sobre a importância de se planejar antes da produção artística e convidar o grupo a fazer uma atuação teatral e acompanhar a relação de recreação.

2ª etapa

Propor os alunos que experimente trabalhar coletivamente em improvisações “teatrais” o processos narrativos criativos , explorando gestos e ações do cotidiano

até elementos de diferentes estéticas culturais. Levá-los a experimentar no lugar o encenar por meio de músicas, articulando as diferentes linguagens e práticas que possibilite o uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

3ª etapa

Peça que cada criança escolha o suporte que mais lhe convém, com Aplicativos, Softwares e explore as possibilidades desses recursos para produzir clipes musicais onde o tema pode ser livre ou ter relação com algum projeto em andamento.

Avaliação

Avaliar os alunos a compreenderem a conexão entre as obras e as vivências e o resultado atingido explorando a criatividade e improvisação do indivíduo.

Tema: Análise crítica musical

Objetivos

- Permitir que alunos estabeleçam conexões entre os estilos musicais e a vivência nas diferentes linguagens artísticas
- Identificar e apreciar criticamente as diversas formas e gêneros de expressão musical

Conteúdo

Produções artísticas

Anos

9º ano

Tempo estimado

2 horas aulas

Material necessário

Para a produção da análise musical: verificar os estilos musicais que serão abordados e avaliar a estrutura linguística que será usada para a produção, celular, música, caixa de som.

Preparação

Orientar os alunos sobre o uso dos materiais para que respeite os gostos e opiniões do próximo, que aceite-as e que só se manifeste se solicitado a dar sua contribuição.

Desenvolvimento

1ª etapa

Conversar com alunos sobre os tipos musicais que serão trabalhados de ter consciência em relação à linguagem e fazer um link do conteúdo com assuntos que estão acontecendo ao seu redor. Dialogar sobre a importância de se preparar para falar de forma segura sobre o assunto a ser discutido se apropriando de recursos que convença e conscientize o outro sobre o seu papel na sociedade.

2ª etapa

A ideia é que os alunos explorem através da música relações entre as diferentes linguagens musicais e abordem temas transversais nas suas práticas. Ao compor suas ideias por meio de músicas, que explique sobre o assunto com propriedade e

segurança , aguçando no expectador a reflexão da abordagem e o instigue-os a debater sobre o assunto contribuindo com sua opinião.

Avaliação

Avaliar o alunos quanto a propriedade e segurança do assunto abordado, compreendendo resultado atingido pelo individuo.

Tema: Impressionismo usando Minecraft

Objetivos

- Desenvolver as habilidades tecnológicas para solucionar problemas lógicos, além de estimular a criatividade.
- Compreender a intenção, o ponto de vista criativo do aluno,
- Contribuir para o desenvolvimento da autonomia, raciocínio lógico, protagonismo e o despertando para o mundo virtual, reconstruindo o sentido, segundo suas vivências, ampliando sua visão.

Conteúdo

Produções artísticas

Anos

6^o ano

Tempo estimado

4 horas aulas

Material necessário

Para a aula sobre Impressionismo usando Minecraft: O Minecraft, Jogo virtual, com construções que utiliza blocos e que terá o papel principal para estimular a criatividade do aluno durante a aula. Usar para a produção, celular, e obras de Claude Monet que sirva de inspiração nas criação.

Preparação

Orientar os alunos sobre o uso do materiais que será utilizado somente quando autorizado para que não se disperse do objetivo da aula. Pedir para aqueles que dominem a ferramenta ajude o colega no manuseio e ainda compartilhar o material com aqueles não possui o aparelho celular, proporcionando a oportunidade de apreender.

Desenvolvimento

1ª etapa

Conversar com alunos sobre o movimento Impressionista como introdução ao entendimento das técnicas usadas pelos artistas e o que os inspirou, que podem os inspirar também. Trabalhar o artista Claude Monet para que sirva de inspiração em suas futuras obras

2ª etapa

Introdução do Jogo Minecraft nas aulas para começarem o processo de criação, onde serão separados pequenos grupos que se socializaram durante a produção de suas obras. Os alunos usaram o aplicativo para trabalhar a construção do mundo virtual para que nos jogadores possam criar. Nesse momento se trabalha a parte geográfica nas construções dos terrenos, florestas, árvores.

3ª etapa

Nessa etapa os mundo já estarão criado e pronto para os inspira-los. E começa a se trabalhar a interpretação junto com a matemática Introdução do Jogo Minecraft nas aulas para começarem o processo de criação, onde serão calculados a quantidade de blocos necessários para montar seus trabalhos.

4ª etapa

Nessa etapa do jogo deve-se criar uma trilha para o passeio na galeria, onde os jogadores poderão passear entre a obras. Vale lembrar que nessa etapa os alunos á terão finalizado suas obras em casa podendo visualizar os trabalhos dos colegas, pois estarão fazendo isso simultaneamente já que cada mundo criado possibilita a entrada de cinco componentes que jogam ao mesmo tempo.

Avaliação

Avaliar o alunos quanto a propriedade e segurança do assunto abordado, compreendendo resultado atingido pelo individuo.